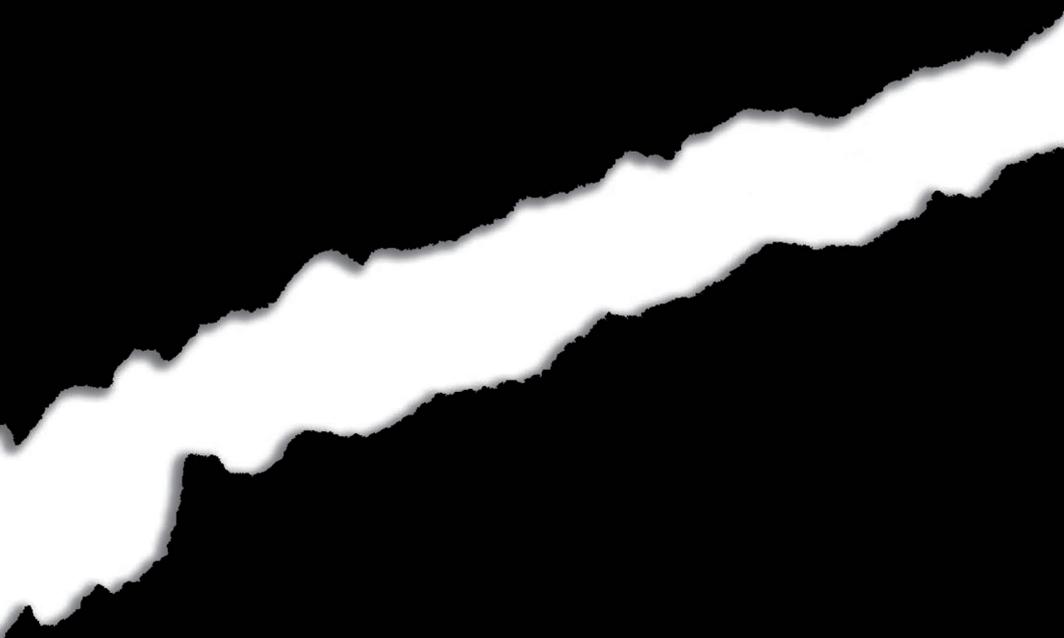


Márnei Consul



RIVALS

pragnatha



Márnei Consul

RIVAIS

Porto Alegre

pragmatha

2019

*Diagramação e capa*  
Caroline Meregalli

<http://escritormarneiconsul.blogspot.com>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C758i      Consul, Márnei  
                Rivais / Márnei Consul. -- Porto Alegre: Pragmatha, 2018.  
  
                212 p. ; 14 x 21 cm. -- (Série rivais; 3).  
  
                ISBN 978-85-8434-068-2  
  
                1.Ficção brasileira. 2.Literatura brasileira. 3.Prosa brasileira.  
                I.Título. II.Série.

CDU 869.0(81)-31

CDD B869.937

Catálogo na publicação:  
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>5</b>
Márnei Consul e seus enigmas: desvendando a urdidura de um roteiro <i>Luiz Nicanor</i>	
<b>PRIMEIRA PARTE.....</b>	<b>7</b>
Devaneios são descobertos	
<b>SEGUNDA PARTE.....</b>	<b>76</b>
Devaneios são reais	
<b>SOBRE O AUTOR.....</b>	<b>211</b>
Devaneios são reais	



APRESENTAÇÃO

# Márnei Consul e seus enigmas: desvendando a urdidura de um roteiro

*Por Luiz Nicanor*

**M**árnei Consul estreou na literatura com um livro de contos e minicontos em 2009: “Graças às desgraças”. O primeiro livro já demonstrou um talento promissor, deixando indelével, na maioria de quem o leu, detalhes e fatos instigantes.

No entanto, sempre surpreendente, o escritor Márnei chegou ao término de “Rivais”, uma obra fora do comum, onde o autor deixou clara a intenção de explorar técnicas consagradas e sempre contemporâneas, os capítulos curtos e sem digressões (as digressões são corriqueiras na maioria dos romances), lembrando o nosso maior impacto literário, justamente o início do romance brasileiro, com Machado de Assis, nas “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, e onde, atualmente, muitos autores retomaram o uso.

Sempre me impressionei e até escrevi romances em três partes, onde a primeira começa “in medias res”, ou seja, com a ação em grande adiantamento; na segunda parte, a ação inicia do princípio e para no começo da segunda; e, na terceira, o desfecho segue do final da segunda.

O texto de Márnei, porém, é mais enigmático. Certos detalhes parecem não ter nenhuma relação

entre si, as partes são descosturados, com descrições independentes, técnica que consagrou muitos escritores de narrativas longas, a qual obriga o leitor a estar atento para a compreensão do que segue.

Além da trama principal, de uma mulher apresentando todas as dificuldades para subir na vida, dançarina de boate, o amor conturbado, de início com cliente da noite, comprometido, que a deixa grávida, não assume o fato, e ela casa com outro, bem mais velho, depois paraplégico, logo falecendo; ela, além de sofrer um distúrbio psiquiátrico de viver duas personalidades, sustentar a ideia fixa de vingança a todas as rivais de seu amado, vistas principalmente nas colegas da boate, não aceitando ainda a orientação sexual do filho, vê o mesmo se envolver, depois de casos esporádicos com homens e mulheres, com dois homens mais velhos, justamente os dois médicos principais dela.

No deslize daqueles profissionais, não respeitando a ética, por se envolverem com o filho da paciente, e outros detalhes, o arguto escritor Márnei Consul deixa, nas entrelinhas, os sofrimentos e dificuldades que os homoafetivos enfrentam para tentarem resolver suas fantasias e realizações, num ambiente hipócrita, onde o preconceito apenas mal se esconde e leva os envolvidos a atitudes impensadas e surpreendentes.

PRIMEIRA PARTE

# Devaneios são descobertos

Eu sempre soube que não era bem certa da cabeça. Enquanto as outras pessoas pensavam em vinganças bobinhas, eu me imaginava fazendo horrores com quem me atrapalhava, contrariava ou, simplesmente, não gostava de mim.

Mas, até aí, tudo bem. Eu apenas tinha as ideias, não as executava. No entanto, quando a vontade de agir se tornou forte, comecei a me preocupar. Até quando eu poderia me conter? Por que era tão difícil ser estranha? Por que as todas as pessoas pareciam minhas rivais? Por que eu não podia jogar com elas?

# 1.

**I**sabela nunca se encaixou em sua família. Filha única de pais ligeiramente “perturbados”, ela tratou logo de sair de casa e tentar a vida por conta própria. Claro que, com os estudos encerrados aos trancos e barrancos num colégio que lhe deu vaga por simples ação social, a vida não foi generosa com ela. Acabou tornando-se dançarina de boate, emprego que lhe rendia o suficiente para pagar suas contas.

Doce Delito ficava quase no subúrbio da cidade. Até que era ajeitada como casa noturna; possuía boa fachada, os ambientes eram limpos com frequência, o palco não era muito baixo. Entretanto, os frequentadores, em sua maioria, eram trabalhadores assalariados que, depois do expediente, iam para lá esquecer os problemas, as esposas, os filhos, enfim, a vida que costumavam ter.

Veza que outra, algum patrão desta classe trabalhadora ia ao local também. Desses clientes, Isabela gostava. Eram bons pagadores e, durante o show, deixavam notas altas no palco e na minúscula roupa dela. A jovem era boa no que fazia. Sensualizava muito, e seu corpo convidava ao pecado. Os homens ficavam hipnotizados com seus movimentos até que, sem outra alternativa, começavam a abrir as carteiras. A única forma de tocar o corpo curvilíneo de Isabela era dar a ela algum dinheiro. Enquanto as outras moças da Doce Delito se deixavam tocar por poucas quantias, ela se valorizava. Se o cara colocasse uma nota baixa, ela amassava esse trocado e jogava de volta nele. Isso quando não jogava em outro cliente,

deixando o primeiro sem a grana. A casa não admitia, porém Isabela sabia que era o ponto alto da Doce Delito.

Cansada de repetir trajes, a jovem inspirou-se nos tempos de Moulin Rouge e criou um em preto-e-vermelho. Bagunçou seu cabelo, para dar-lhe muito volume, e substituiu o salto plataforma por um com salto fino, ousado e perigoso. Havia comprado novas geladeira e televisão, por isso, necessitava de dinheiro para que as prestações fossem honradas. Na verdade, aquele emprego era encarado somente como um trabalho para Isabela; já para as outras garotas, um sonho de glamour as perseguia noite após noite.

Com a casa de shows em penumbra, Isabela começou sua apresentação bem ao fundo do palco, movimentando-se lentamente, ganhando firmeza nos sapatos com saltos arriscados. À medida que a música avançava, ela fazia o mesmo. Dessa forma, chegou quase ao fim do palco, onde os homens estavam prostrados quase que como predadores. Muitos diziam palavras de admiração, só que um estava em silêncio e não demonstrava nem desgosto, nem aprovação pela encenação de Isabela. Talvez, por focá-lo demais, a dançarina se desequilibrou quando foi girar num único pé, vindo a cair do palco. Por sorte (ou destino), esse homem que parecia apático levantou-se rapidamente, ao primeiro sinal da queda de Isabela, e conseguiu segurá-la firmemente em seus braços. Palmas seguiram o ocorrido. Os presentes ficaram felizes por não verem a bela estatelada no chão, mas já reclamaram gritando “Continua, continua!” Todavia, ela ficou atordoada demais e pediu que o estranho apático a levasse para o camarim, eis que não conseguiria dançar novamente naquela noite.

- Está tudo bem com você?

- Sim, sim. Foi apenas um deslize. Na verdade, estou morta de vergonha, isso nunca aconteceu antes.

- Tem certeza que não torceu o pé? Devo levá-la a um hospital?

- Não precisa. Tudo certo com meu corpo, o problema foi o vexame e a consequente ausência de dinheiro essa noite.

- Não se preocupe, eu posso resolver - disse o estranho sacando sua carteira, quando foi impedido por Isabela.

- De jeito nenhum. Não posso aceitar. Sequer dancei para que pudesse ganhar alguma coisa.

Ele ignorou os dizeres da moça e retirou algumas altas notas da carteira:

- Espero que isso baste. O que me diz?

- De novo, preciso dizer que isso não está certo, estou mais envergonhada ainda.

- Não fique. Façamos assim: você conversa comigo, e o pagamento fica por isso, tudo bem?

Isabela notou o risinho de duas colegas da Doce Delito, as gêmeas, que estavam prontas para subir ao palco, mas decidiu aceitar a oferta, afinal de contas, precisava da grana.

- Fechado. Mas precisamos sair daqui, acho que não conseguiremos conversar muito com as meninas prestando atenção.

- Claro. Vou esperar você na portaria. Que tal jantarmos e batermos um bom papo?

## 2.

- Não sei se consigo comer depois desse fiasco - disse Isabela assim que a fachada da Doce Delito diminuía no espelho do carro.

- Então, vamos beber algo?

- É melhor. A propósito, nem me apresentei a você: sou Isabela.

- Muito prazer, Isabela. Esse é seu verdadeiro nome? - indagou o estranho, o qual lançava rápidos olhares para a mulher, esboçando um sorriso de leve.

- Não tenho por que razão inventar um nome de guerra, não dou satisfações a ninguém. Bem, eu sou Isabela, e você, quem é?

- Sou o Davi.

- Agora, eu que pergunto: este é seu verdadeiro nome?

Mais descontraído agora, o homem riu alto. Em seguida, disse:

- Também nada tenho a esconder. Davi é meu nome real.

- Não me lembro de ter visto você na Doce Delito antes de hoje.

- Nunca fui lá. Funcionários meus foram e, numa conversa na semana passada, indicaram-me o local. Acabei indo hoje.

- Funcionários? Parece alguém de poder então - brincou Isabela com um fundo de verdade, pois já tinha notado as roupas boas e o carro moderno de Davi.

Novamente, ele riu. E Isabela gostou daquele sor-

riso. O homem esticava bem os lábios, e pequenas rugas formavam-se ao lado dos olhos.

- Não me considero rico, nem pobre. Sou remediado. Trabalho no ramo da construção.

- Não quis ser intrometida, apenas quis conversar, até porque você me pagou por isso.

- Não se desculpe. Veja, estamos chegando. O lugar parece bom para você? - falou Davi, apontando para um pequeno bar com apenas três casais em seu interior.

- Claro. A decisão é sua.

Ambos desceram, pediram bebidas e petiscos e conversaram sobre futilidades da vida. O ambiente recebeu apenas mais um homem e um casal, ou seja, estava apropriado para um papo descontraído. Isabela não lembrava quando havia sido a última vez que tinha feito isso: estado com alguém legal com quem pudesse somente relaxar, dialogar, rir. Entretanto, no fundo, ela sabia que Davi iria querer algo mais. Ela notava o olhar dele e suas palavras de interesse. Na verdade, como ela mesma tinha dito, não prestava contas a ninguém. Seus pais ficaram no passado, e seus familiares nunca foram próximos. Além disso, ela também se interessou por ele. Era bonito, gentil e simpático.

E assim foi. Depois do bar, o casal dirigiu-se a um motel, onde momentos ardentes aconteceram. Isabela aproveitou tudo muito bem, cedendo a diversos pedidos. A noite terminou com desejos saciados e afagos. Davi foi o primeiro a adormecer. Isabela ficou observando-o. Ele deixou a mão no rosto, como que o apoiando. Ela memorizou bem a posição e percebeu que nunca reparou em um cara dessa forma. Estranhamente, sabia que poderia se apaixonar de maneira fácil.

# 3.

Isabela e Davi tornaram a ver-se. Quando ela sabia que ele estaria na Doce Delito, fazia questão de caprichar em seu show e não dar muita atenção aos outros homens. Ele não pediu que ela parasse de fazer isso, até porque não esboçou vontade de um compromisso sério. Por sua vez, ela se limitava a curtir os momentos, sabendo que já estava apaixonada, mas sem revelar isso ao homem.

Certa noite, Davi - que costumava não ir com conhecidos à boate - foi surpreendido por dois funcionários seus. Isabela, que estava ajudando na copa antes de apresentar-se, ficou de olhos. Depois de se cumprimentarem, um deles perguntou:

- A esposa não dá mais conta, patrão? Não dança para você?

Atordoada, Isabela deixou cair uma garrafa no chão. O som ecoou pela Doce Delito, chamando a atenção, inclusive, de Davi, o qual notou a desaprovção da mulher. Saindo da copa, Isabela foi ajeitar-se para seu show. Não conseguia parar de pensar no fato de Davi ter mulher, talvez, até filhos. Ela nunca lhe cobrou nada, claro, mas também nutria um sentimento de poder dar seguimento ao caso. Decidiu vestir apenas uma capa preta com capuz.

Na hora de sua apresentação, Isabela não se demorou muito nos movimentos sensuais que antecedem a tirada da roupa. Foi logo para a ponta do palco e lançou a capa preta ao público, deixando seu corpo nu ser admirado por todos os presentes. Obviamente, ela reparou em como Davi ficou atônito

e com olhar altamente reprovador. Ela fez questão de se mostrar bem aos demais clientes, sem sequer chegar perto dele. Foi a forma que encontrou para expressar sua dor e seu sentimento de frustração e, talvez, para vingar-se, mostrando que ela sabia ser imprevisível.

Quando ia à boate, sempre depois da apresentação de Isabela, Davi cumprimentava-a no camarim e, em seguida, esperava por ela na portaria. Naquela noite, isso não aconteceu. Nem na seguinte, nem nas outras. Não mais.

# 4.

Quando descobriu sua gravidez, Isabela decidiu procurar Davi e revelar isso a ele. Tinha esperança de que ele se comoveria e tornasse a vê-la. Passou a reparar em homens que poderiam ser funcionários dele, até que, dada noite, reconheceu o que perguntou ao patrão sobre a esposa. Tarefa difícil foi falar com ele, porém Isabela sabia como trabalhar um homem na bebida. Em menos de uma hora, ele contou a ela mais detalhes da vida do agora ex-patrão. Na verdade, Davi não era da cidade, apenas possuía negócios nela. Sua residência era numa que ficava cerca de três horas dali. O bêbado não sabia o endereço exato, mas Isabela ficou satisfeita pelas informações que conseguiu.

Contando com a ajuda das dançarinas gêmeas, Isabela lançou-se a tal cidade num final de semana. Estava decidida a encontrar Davi. As colegas não aprovavam tal atitude, preferiam que Isabela tirasse a criança e seguisse sua vida. Contudo ela optou por tentar. Lá chegando, a jovem - que já tinha obtido alguns endereços - passou a ir a cada um deles, ficar em frente e acompanhar a movimentação. Com sorte (ou não), na quarta tentativa, ela avistou Davi saindo de carro. As três seguiram-no e, assim que ele desceu para entrar num supermercado, Isabela abordou-o:

- Eu sei que é loucura, sei que não deveria estar aqui, mas quero que me escute! - falou Isabela num tom que não era grito, nem fala mansa.

- Não creio que você está aqui! Se eu deixei de procurá-la, é por que não desejo mais nenhum con-

tato - disse Davi puxando a moça para dentro de seu carro. Assim que se acomodou, Isabela passou as mãos no rosto, como que para limpar sua vergonha, e continuou:

- Não quero prejudicar sua vida, sua família, nada. Apenas quero que participe de alguma forma deste momento.

- Não me diga que está... grávida?! Bem, se é isso, eu posso lhe dar um bom dinheiro...

- Não estou atrás de seu dinheiro pura e simplesmente. Quero que meu filho tenha um pai, só isso!

- É claro que não posso ter compromissos fora do meu casamento. Isso seria ruim para a sociedade e, principalmente, para meus negócios. Veja bem: eu entendo que você se sente desamparada e que precisa de ajuda para cuidar dessa criança, mas eu não posso ser um pai para ela. Nunca lhe falei, porém costumo ter casos extraconjugais, e minha esposa até sabe disso. Você foi mais uma, só que devo admitir: foi especial. No entanto, não levo nenhum desses casos adiante, eles são bons enquanto duram e só.

Isabela estava péssima. Boquiaberta, ela tinha dificuldade em acreditar que a esposa de Davi sabia que ele saía com outras mulheres. Ela não lidava com o melhor dos públicos na Doce Delito, conhecia a vida medíocre dos clientes, mas imaginava que as mulheres deles não estavam a par daquilo.

- Eu, eu...

- Poupe-se, não há o que falar. Eu sei onde encontrá-la e farei com que receba algum dinheiro. O melhor seria você tirar esse filho. Quer que eu resolva isso?

- Nem pensar! Acabar com uma vida?

- Bom, você que decide. Agora, saia e não me pro-

cure mais. Não adianta ir a minha casa fazer fiasco, pois, como já disse, minha esposa sabe de meus deslizes, porém me ama incondicionalmente.

Com lágrimas por todo o rosto, Isabela sentiu-se a última das tolas. Deu um tapa na cara de Davi e saiu do carro, indo em direção às amigas que estavam ali perto. Elas a abraçaram e levaram-na de volta para casa. Não trocaram palavras no trajeto; Isabela só conseguia pensar no que fazer no futuro.

# 5.

- *Então, vadia, ainda acha que vai ficar comigo?*
- *Eu amo você, não me ignore, por favor!*
- *Ama nada, nem eu amo você. Olhe quantas outras vadias como você eu tenho.*
- *É mentira, só eu sou sua!*
- *E essas fotos são o quê? Ficou cega também?*

Isabela acordou suada. Os rostos de diversas mulheres mostrados a ela em sonho por Davi pareciam muito reais. Ela se levantou da cama, viu que eram ainda 5 horas, foi ao banheiro lavar o rosto. Na volta, passou no quarto do filho, o qual dormia tranquilamente. Depois, voltou para cama, onde, agora, estava sozinha, depois do falecimento súbito de seu marido. Por conta do pesadelo, começou a repassar sua desgraçada vida: de dançarina de boate a professora com magistério (não quis gastar dinheiro com Pedagogia); de uma cidade para um outro estado; de mãe solteira a esposa de homem bem mais velho e paraplégico (recém falecido). Não havia muito do que se orgulhar.

João Roberto era o dono da cantina da escola, na qual Isabela cursava o magistério. Ele sempre reparava nela, eis que era bem mais velha do que as demais alunas. Sem muitas opções na vida e com um filho para criar, Isabela decidiu aceitar as investidas do velho. Ele prometeu a ela uma vida tranquila e boa educação para seu filho. Ela aceitou, pois já não tinha mais expectativas. Um acidente de carro tirou os movimentos das pernas de João Roberto. Isabela,

como se não bastasse viver com ele, passou a cuidar do esposo idoso e doente. Reduziu sua jornada de professora de educação infantil pela metade, o que fez reduzir, também, seu salário. Certa feita, o homem teve um mal súbito e morreu. Isabela sequer chorou. Não o amava. O tempo em que estiveram juntos não foi suficiente para se apegar a este homem que a tinha ajudado na necessidade, mas que também não a fez sentir-se amada.

Sua atenção, agora, era quase toda voltada para o filho, Davi. Sim, mesmo com o sofrimento do passado (o abandono, a gravidez, o dinheiro que nunca chegou), ela decidiu colocar no filho o nome do pai verdadeiro, pois foi esse o homem que lhe despertou o sentimento mais próximo ao amor que se ousou permitir. O Davi de agora seria criado muito bem, não se tornaria um cafajeste como o pai foi. Já quase saindo da infância, ele desconhecia qualquer informação acerca da figura paterna. Isabela jurou para si que nada revelaria ao menino.

- O que mais de ruim pode me acontecer? - indagou mentalmente Isabela, quando ouviu o primeiro trovejo de chuva. - Sonhos, alucinações, pesadelos passarão a me perseguir?

A resposta não era conhecida. O que se sabia, entretanto, era que Isabela passou a tomar antidepressivos fortes. Eram remédios para dormir, outros para acordar, outros para ter atenção, outros para não chorar... a lista era infundável. Na realidade, depois que ela se mudou de cidade e estado, deu um jeito de conseguir informações sobre Davi. Era uma obsessão. Basicamente, as duas garotas que haviam sido mais próximas dela nos tempos de boate ficavam atentas aos clientes e, por vezes, descobriam casos de Davi. Isabela passou a ter estranhos comportamentos: fazia questão de obter fotos das mulheres e guardava-

-as em uma caixa com duas repartições: rasgava as fotos e colocava a parte do corpo num lado e a cabeça no outro. É fato: ela sabia que beirava a loucura. Mas era como um jogo que ela mesma tinha criado, quase um quebra-cabeças. Isabela fazia montagens com as fotografias: colocava a cabeça de uma mulher no corpo de outra e vice-versa. Passava bons momentos fazendo isso e divertia-se. Sorria. Contentava-se nesse tempo. Sempre que possível, as amigas da antiga cidade conseguiam uma maneira de mandar uma foto para Isabela. Infiel que era, Davi tinha uma coleção de amantes.

Isabela decidiu que precisava de ajuda e procurou um psiquiatra, mas, durante as sessões, nada mencionava sobre seus estranhos hábitos. Até porque, se o fizesse, tinha receio de não mais conseguir as receitas para os remédios, de quebra, seria internada e perderia seu filho. Aliás, a atenção que ela jurou dar ao garoto era algo doentio. Mesmo ainda criança, Davi ouvia os gritos da mãe para com ele e sentia as surras que ela lhe aplicava como forma de correção de pequenos delitos cometidos em sua inocência infantil. “Você não presta! É igual a seu pai! Só me traz problemas!”, costumava berrar a mãe descontrolada, sendo que o pequeno sequer sabia de seu pai. Passados instantes do surto, ela se voltava para ele, pedia desculpas, fazia algum carinho, e era como se as coisas voltassem ao normal. Porém o fato é que as coisas nunca foram normais para Isabela.

# 6.

**D**avi não estudava na mesma escola em que a mãe trabalhava. Isabela preferiu assim, a fim de que não tivesse surtos de cuidados e raiva com o garoto. Era um menino apático, tímido. Não se dava bem com os colegas, nem se abria com as professoras. Seus gestos eram meio afeminados, o que lhe trazia grandes ofensas por parte dos outros meninos. Introverso, Davi passava por tudo calado. Indiferentes, as professoras resolviam a confusão no momento e davam por encerrado o ocorrido.

Além de sofrer por sua feminilidade, Davi aguentava as piadinhas das crianças com relação a seu pai. Todos sabem como crianças podem ser cruéis, e Davi sentia isso na pele. Diziam que era filho do nada, que não sabia fazer as coisas porque nenhum pai o tinha ensinado, que não conversava porque perdeu a língua assim como perdeu o pai...

Os anos iam passando, e as ofensas iam diminuindo, mas jamais cessando. Até que, na adolescência, ao fazer um trabalho em dupla com um colega, Davi descobre que isso se tratava de uma armação. Este colega e outros jovens levam-no para os fundos da escola e, entre xingamentos, batem bastante em Davi, o qual tenta se defender, porém é inútil diante da covardia dos adolescentes agressores. Enquanto apanhava, uma professora se aproximou da cena e, aos berros, afastou os meninos, socorreu Davi e levou todos à diretoria.

Não deu outra: o ocorrido chegou ao conhecimento de Isabela, que foi à escola do filho:

- Como que vocês deixam uma coisa dessas acontecer com meu filho? - diz a mãe que está no estilo protetora agora.

- Bom, eu estava saindo da biblioteca quando ouvi as agressões verbais e, assim que me aproximei, vi a surra que estavam dando em Davi - informa a professora.

- Isabela, as normas da escola serão cumpridas, os agressores serão suspensos, e os pais deles serão comunicados.

- Mas que grande punição esta! Chego a estar horrorizada de pena desses covardes - brada Isabela, já se imaginando agredindo os meninos. - Aliás, do que esses projetos de marginais estavam chamando meu filho?

Os alunos nada dizem, apenas se entreolham e trocam risinhos.

- Vamos, digam! Não foram machos o bastante para bater nele, o que custa falar agora?

- Tia, a senhora tem razão, fizemos o certo, estávamos batendo no Davi porque, desde que entrou na escola, ele parece uma mulherzinha!

Foi aí que Isabela perdeu o chão e a razão e avançou sobre os meninos; conseguiu segurar tão forte a orelha de um, que o sangue começou a escorrer. Uma das secretárias da escola, a diretora e a professora lançaram-se sobre Isabela, a qual continuava batendo, arranhando e xingando os estudantes. Quando estava no ápice da alteração, repentinamente, Isabela diz o nome do filho e desmaia. Desfalece por sobre os presentes, que a deitam com cuidado no sofá. "Vamos levá-la ao hospital. Avise o Davi sobre isso", determina a diretora, enquanto solicita ajuda para carregar Isabela.

# 7.

- *Você é muito idiota. Tem noção de quantas outras mulheres eu tenho? Acha que vou largar tudo e ficar só com você?*

- *Davi, eu pensei que... que...*

- *Não precisa pensar, apenas continue nessa posição e não pare com os movimentos! Eu não tenho o dia todo.*

- *Mas eu não quero mais! Não sou somente um pedaço de carne!*

- *É, sim, é só isso que você é. Cale a boca! Você nem precisa falar...*

Isabela acorda suada e meio zozona. Tenta mexer-se, mas não consegue. Sente as gazes improvisadas como ataduras, amarradas em seus pulsos e tornozelos. É tudo muito branco ali, talvez, um pouco verde-claro. Ela leva alguns segundos até perceber que está num hospital. Tenta novamente se soltar, o que é em vão. Os movimentos só machucam sua pele, e ela volta a se lembrar do sonho que estava tendo. Aquelas amarras se parecem com as mãos de Davi segurando-a enquanto faziam sexo. Ela fica enjoada e, além de se remexer, começa a gritar:

- *Tirem-me daqui! Quem pensam que são para me prender? Eu vou processar todos! Socorro! Socorro!*

Em meio aos berros da paciente, uma enfermeira apressada entra no quarto. Ela traz consigo uma bandeja com seringas.

- *Acalme-se, senhora. Nós não queremos lhe fazer mal.*

- Cale a boca, sua inútil! Apenas me desamarre, eu quero sair! - Isabela continua o escândalo, mexendo-se ainda mais.

- Senhora, escute-me, por favor!

- Não quero ouvir nada! Tire-me daqui!

- Sendo assim, não tenho outra opção. Preciso sedá-la de novo.

- É só o que falta! Pare com isso! Eu não sou louca para ser sedada!

Outro enfermeiro entra no quarto e apressa-se para segurar um dos braços de Isabela. A outra funcionária retira do bolso um pequeno frasco e enche uma seringa com seu conteúdo.

- Calma. Em poucos instantes, a senhora estará adormecida. Vai ficar tudo bem.

Isabela sente o líquido penetrar em sua veia pulsante e, à proporção que avança, vai sentindo uma moleza, um relaxamento e, antes de fechar os olhos, percebe que, espiando pela porta entreaberta, está o filho Davi. Ela ainda consegue balbuciar seu nome, enquanto lágrimas escorrem em seu rosto.

Na mala, ela tinha seus sonhos, suas frustrações, seu tesouro, seu destino, suas preciosidades. Era quase um templo sagrado (ou seria profano?) no qual os pertences valiam muito. Trava-se de sentimentos, alguns adormecidos, muitos ainda vivos, prontos para romper o zíper e aventurar-se.

Com a mala, ela se sentia segura, confiante, poderosa. A mala parecia ter poderes mágicos.

Mas não. Era só uma mala, um objeto, uma coisa. Só que não era coisa fútil.

De noite, pegou a mala. Colocou panos diversos nela. Por quê? Não sabia. Só saiu, estava em fuga. Mas de quê?

Na realidade, não era uma fuga, mas sim um encontro. Isso na cabeça dela. A todo custo, queria ver e ter Davi, mesmo que, para isso, precisasse livrar-se da gêmea. Ela sempre foi um empecilho.

Por isso, foi. Não tinha muito dinheiro, porém tinha o que lhe bastava: informação. E eram informações valiosas e preocupantes. Ela precisava agir, ou tudo estaria perdido. Não conseguia imaginar-se sem sua realização. Às vezes, chorava. Muito raramente. Era humana, pelo menos, tinha prova disso pelas lágrimas. Aliás, costumavam dizer a ela que era uma pedra de gelo. Em partes, ela concordava com isso, eis que demonstrar fraqueza não era de seu feitio. Em seu interior, porém, era um poço de fragilidade.

## 8.

- Menino, venha comigo. Sua mãe vai dormir agora. Você não pode ficar aqui.

Davi acompanha a enfermeira e, para a estranheza dela, ele não parece abatido ou assustado.

- Vi que só você estava com sua mãe. Há algum parente para o qual eu possa ligar para buscar você?

Davi nada diz. Olha para a enfermeira e, segundos depois, balança a cabeça negativamente.

- Como assim? Pai, tios, avós, diga um nome apenas?

O menino torna a olhar para a enfermeira como se conseguisse ultrapassá-la. É um olhar perdido.

- Você não é mais criança para ficar mudo! Bom, eu não tenho tempo para isso - diz a mulher que, de maneira apressada, assina uns papéis que estavam com o colega, dispensa-o e volta-se para Davi. - Vou ver quem deu entrada de sua mãe aqui no hospital. Entrarei em contato com essa pessoa, e você ficará com ela, certo?

A enfermeira puxa Davi pelo braço, e ambos vão-se corredor adentro, ela a passos largos, e ele quase se arrastando, mas sem protestos. No guichê de informações, ela encontra o nome da diretora da escola de Davi: Maira. Sem a mão da enfermeira sobre si, Davi senta-se na cadeira mais próxima e ouve um pedaço da conversa.

- Minha senhora, eu não tenho o que fazer. Isso aqui é um hospital público. É a senhora ou o Conselho Tutelar. O que prefere? Foi o que imaginei.

Deixarei o menino aos cuidados da recepção. Não demore.

Bufando, a enfermeira devolve o telefone à secretária e vira-se para Davi fingindo um sorriso:

- Em pouco tempo, Maira virá busca-lo, combinado? Não saia daqui.

E é o que o menino faz. Fica sentado onde está, repara nos corredores, nas pessoas andando depressa, nas reclamações da secretária a cada toque de telefone, até que a diretora chega cerca de 40 minutos depois.

- Oi, querido! Você está bem? Estou tão apavorada, não sei o que fazer com você. Vi que, em seu cadastro escolar, só há o contato de sua mãe. Diga-me: alguém mais, algum familiar?

Davi repete o olhar sem rumo de antes, e a diretora não vê saída:

- Tudo bem, vamos para minha casa.

## 9.

Quando acorda, Davi não reconhece o lugar, porém gosta dele. O colchão é macio, e as roupas de cama são cheirosas. O recinto está escuro, mas uma leve claridade entra pelas frestas da janela. Com ela, o garoto consegue encontrar o botão da luz. Revela-se a ele um quarto pequeno, com caixas nos cantos e em cima do roupeiro. Há uma bicicleta pendurada na parede, assim como sacolas com conteúdos diversos. Davi ouve passos.

- Já acordou? Notei a luz por debaixo da porta. Ela aparece no corredor. Querido, dormiu por apenas duas horas. Está se sentindo bem?

O menino afirma com a cabeça e deixa escapar um bocejo.

- Eu tinha certeza. Você ainda está com sono. Mas, como não comeu, venha comigo. Vou servir-lhe algo e, depois, você volta a dormir.

Davi não nega a oferta e acompanha Maira. Ele nunca foi próximo de suas professoras, tampouco da direção da escola. Aliás, em sua cabeça - assim como na maioria das jovens -, diretoras eram sinônimos de ordem e brabeza. No entanto, não é o que ele sente ali. O lar parece aconchegante, e a diretora trata-o com suavidade. Com alguns passos dados, Davi sente cheiro de comida e ouve o som de uma televisão.

- Venha, sente-se ali - aponta Maira para uma cadeira, enquanto se aproxima do fogão e começa a destampar as panelas. - Eu tinha acabado de requeentar o almoço; nem parece, mas já é noite; o dia foi tumultuado e rápido, não tive tempo de preparar algo melhor.

Já sentado à mesa, Davi observa Maira servindo a ele massa com frango. Depois, ela retira da geladeira um pote com restos de salada de tomate e alface, colocando tudo a sua frente.

- É o que tenho. Não faça cerimônia.

- Obrigado por tudo.

- Que interessante! Você fala - brinca Maira dando um leve sorriso, mas percebe que Davi não gosta disso.

- Estou brincando. Só para descontrair um pouco depois de tudo pelo que passamos hoje. Vou lavar aquela loucinha enquanto você come.

Davi saboreia a simples refeição e fica contente por não estar ingerindo sanduíche ou pizza, o que sua mãe costumava ter em casa. Raramente, Isabela cozinhava. E, quando o fazia, irritava-se tanto que a refeição se tornava difícil de ser suportada. O jovem jamais imaginou estar na casa da diretora de sua escola, ainda mais depois de ela deixar sua mãe no hospital, sabendo tudo que ocorreu.

- Diretora, mais uma vez, eu agradeço por tudo.

Secando as mãos no pano de prato, Maira assusta-se de novo por ouvir a voz de Davi:

- Por nada. Gosto de ajudar. Vejo que continua cansado. Vou mostrar-lhe o banheiro. Há uma escova de dente sem uso e toalhas no armário. Pode usar. Depois, você já conhece o caminho do quarto, não é?

Outro fato quase raro acontece: Davi sorri. Não chega a mostrar os dentes, mas é o bastante para demonstrar toda a real gratidão por aquele acolhimento. Ele não se sente à vontade com a diretora, nem pretende manter contato com ela depois. O que o comove é a calma de Maira; ele não esperava haver isso em estranhos, não imaginava que alguém não próximo pudesse cuidar dele.

# 10.

- *O que você está fazendo aqui?*

- *Vim ver seu estado deplorável.*

- *Não pode ser. Faz tanto tempo. Como me encontrou?*

- *Isso não importa. O fato é que estou aqui vendo você amarrada nessa cama hospitalar precária. A que ponto você chegou, hein, Isabela?*

- *Não quero você aqui, Davi. Saia, por favor. Não me atormente mais!*

- *Ainda nem comecei. Onde está seu filho "diferente"?*

- *O que quer dizer com "diferente"?*

- *Não se faça de tonta. É um "diferente" que não tem como ser meu filho. Eu jamais seria pai de uma "coisa" assim.*

- *Pare, Davi, pare, não quero mais ouvir! Eu... Eu...*

Isabela abre os olhos rapidamente. Está ofegante. Por instantes, fica procurando Davi no quarto. Tudo pareceu tão real. Na verdade, ela continua no hospital. Tenta mexer-se, o que é inútil, pois continua amarrada. Então, passa a reparar o local. Está sozinha. No entanto, um objeto chama sua atenção: uma enorme mala preta próxima da outra cama. Ela estranha isso, porque, a princípio, pensava não haver outro paciente ali. Pelo jeito, as coisas tinham mudado desde sua internação.

Sem saber o porquê, Isabela tem extrema vontade de chegar até a mala. O que pode haver nela? Por que está tão bem fechada? Será que o outro paciente vai ficar muito tempo? Será que trouxe muitas coi-

sas? Por que só sua bagagem está ali? E, assim, as perguntas sucedem-se em sua mente.

De repente, ela se lembra da caixa em que costumava guardar as fotos das mulheres que saem com Davi. São as imagens enviadas pelas amigas, as quais ainda estão na Doce Delito, mesmo já tendo se passado alguns anos. Raiva é o que passa a sentir. Quisera ela poder cortar as cabeças daquelas amantes, assim como faz com as fotografias. Se isso pudesse acontecer, certamente, ela precisaria de uma mala como aquela que está no quarto. Não só de uma. Necessitaria de várias e guardaria todas, faria uma coleção num armário feito só para isso.

O trinco da porta move-se, e isso atrapalha os desejos de Isabela.

- Olá! Vejo que acordou. Sente-se melhor agora?

Isabela recorda que é o enfermeiro que acompanhava a outra que lhe aplicou a injeção. Pensa em enchê-lo de desaforos, mas reconsidera, tendo em vista querer ser desamarrada.

- Sim, estou bem melhor agora, um pouco cansada ainda, mas melhor.

- Isso é bom. Isabela, você teve um pequeno surto e, por isso, tivemos de amarrá-la à cama. Sei que isso é horrível, mas foi o único jeito.

- Peço desculpas a você. Eu deveria estar fora de mim. Você pode me soltar agora?

- Sim. Só peço que não se movimente, pois ficou muito tempo deitada, e o efeito do sedativo não passou por completo.

Isabela sente um alívio ao ser solta, ao mesmo tempo em que já se vê grudada com as mãos no pescoço do enfermeiro, a fim de puni-lo pelo que fez. Mais uma vez, ela se controla. Apenas faz pequenos

movimentos circulares com seus membros para revivê-los.

- Obrigada. Isso é muito bom, ser dona de mim novamente. - Isabela expressa um sorriso fingido e continua: - Onde está meu filho? Lembro-me de tê-lo visto por aqui.

- De fato, ele esteve aqui no hospital ontem. Pelo que sei, foi levado pela mesma senhora que realizou sua internação. Deixe-me ver aqui nos dados, ah, sim, Maira.

Isabela sente seu rosto enrubescer. Que ela lembre, Maira é a diretora da escola onde o filho estuda. Cenas do escândalo que ela aprontou no local aparecem em sua cabeça e fica com mais raiva ainda.

- Diga-me: sabe quando poderei sair daqui?

- Podemos liberá-la assim que alguém se responsabilizar por você. Seria bom o mais rápido possível, pois já temos outras duas pacientes esperando pelo quarto, e a mala de uma, inclusive, já foi deixada aqui.

- Claro, hospital público, não é? Não tenho plano de saúde para coisa melhor - diz Isabela com um teor de ódio, lembrando-se de seu mísero plano de saúde devido a sua profissão de professora.

- Fazemos o que podemos, senhora.

- Eu sei, não quis ser indelicada. Desculpe-me. Você pode, por favor, telefonar para a Maira? Creio que ela pode resolver essa questão.

- Sim, farei isso. Porém peço que não saia do quarto. Ainda tem que assinar um papel.

- Não irei a lugar algum, pode ficar tranquilo.

O enfermeiro aproxima-se de Isabela, checa sua pressão, observa seus olhos e faz uma cara de satisfeito. A passos lentos, deixa o recinto. Sem muito es-

perar, Isabela salta da cama. Fica um pouco tonta por causa da mudança de posição, mas isso não a impede de conferir a mala que tanto chama seus olhos e suas mãos. Ao tocá-la, é como se algo fosse desperto dentro de Isabela, um gatilho, um botão. Ela se sente aliviada e, também, energizada para agir. Não sabe ainda como proceder, todavia percebe que sua infeliz vida pode ter momentos prazerosos, mesmo que sejam dolorosos para outras pessoas.

# 11.

**O**som de xícaras sendo postas à mesa desperta Davi. Depois disso, o cheiro de café o faz acordar completo. Foi uma noite boa de sono. Ele se sente descansado. Levanta-se da cama, dá uma ajeitada no cabelo, calça os tênis, arruma a cama e sai do quarto. Ao chegar à cozinha, Maira acaba de dispor o pão.

- Bom dia, Davi! Imagino que tenha acordado você.

- Sim, mas isso foi bom - conta o rapaz ao esfregar um pouco os olhos.

- Então, sente-se. Toma só café ou quer leite junto?

- Os dois, por favor.

Davi ainda acha muito estranhos os cuidados da diretora. Será que, se sua mãe fosse desse jeito, a vida deles seria diferente?

- Aqui está. O açúcar está ali, e o pão é de agora de manhã, viu? Não é dormido - Maira esboça um pequeno sorriso, sabendo que sua piada foi sem graça.

- Nem tenho como agradecer, diretora.

- Então, não agradeça, apenas coma.

É o que Davi faz. Saboreia aquele modesto café-da-manhã, porém com um gosto mais do que especial: o da gentileza.

- Na verdade, mesmo que você não acordasse cedo por conta própria, eu iria chamá-lo.

Ele interrompe o último gole e prepara-se para ouvir.

- Ligaram do hospital. Preciso ir buscar Isabela, já que não há parentes para isso. Você vem comigo?

Davi hesita. Um filho normal, crê ele, deveria estar animado com a notícia: retirar a mãe de uma internação. Entretanto, a relação deles não o faz ser tão prestativo assim. “Devo retribuir o que a diretora fez por mim, não quero desapontá-la”.

- Sim, claro. É só o tempo de pegar minhas coisas.

Novamente na recepção do hospital, Davi aguarda a diretora e sua mãe. Quando ameaça levantar-se da cadeira para andar um pouco, Maira sai de uma porta.

- Querido, já vão nos levar até sua mãe. Mas, antes, tenho algo a lhe dizer. Nem sei por onde começar, não sou boa com essas coisas...

Davi não demonstra susto. Apenas fica diante de Maira, esperando por sua fala.

- Bem, eu expliquei que não há registros de parentes de Isabela além de você, que é o filho, o que, por sinal, eu acho muito esquisito, mas não cabe a mim julgar agora. Eu me pergunto: como podem ser só vocês dois?

- Diretora, você não precisa ficar de rodeios. Seja o que for, posso suportar.

Espantada com a interrupção de Davi, ela despeja tudo de uma vez só:

- Nessa noite, depois de um incidente com a mala de roupas da paciente que estava no quarto com sua mãe, um psiquiatra novo no hospital foi consultado, e este disse que sua mãe tem fortes indícios de esquizofrenia.

Franzindo a testa e os olhos, Davi não sabe qual a gravidade disso, pois desconhece a doença. Perce-

bendo isso, Maira continua:

- Eu sei que parece muito precoce; de fato, é. O médico disse que não pode concluir nada agora, que serão necessárias mais observações, mas, de qualquer forma, ela precisa de cuidados, muitos cuidados.

Agora, sim, Davi fica assustado. Como ele vai dar conta de uma mãe doente, sendo que ele sequer sabe o que é a tal doença? E mais: diante de todo o histórico de falta de afetividade de ambos, como ele pode se tornar responsável pela mulher que pouco caso faz dele?

# 12.

**O**s meses passaram, e o final do terceiro trimestre chegou. Na escola de Davi, a professora de Biologia pediu um extenso trabalho sobre alguma doença que poderia ser desconhecida por boa parte da população. Levando em conta o que estava passando nos últimos tempos, logicamente, o jovem decidiu abordar a esquizofrenia. À medida que ia digitando, Davi lembrava o espanto que teve quando houve o anúncio no hospital:

*A esquizofrenia é uma doença mental crônica que se manifesta na adolescência ou início da idade adulta. Sua frequência na população em geral é da ordem de 1 para cada 100 pessoas, havendo cerca de 40 casos novos para cada 100.000 habitantes por ano. No Brasil, estima-se que há cerca de 1,6 milhão de esquizofrênicos; a cada ano, cerca de 50.000 pessoas manifestam a doença pela primeira vez. Ela atinge em igual proporção homens e mulheres. Geralmente, inicia-se mais cedo no homem, por volta dos 20-25 anos de idade; na mulher, por volta dos 25-30 anos.*

De fato, era a idade de sua mãe. “Tão nova!”, exclamava ele, lembrando-se que ela havia dado à luz ainda jovem.

Seguindo orientações psiquiátricas, Davi precisou chegar à idade adulta mais cedo. Isso porque os cuidados dispensados a Isabela eram grandes:

*O tratamento da esquizofrenia visa ao controle dos sintomas e à reintegração do paciente. Requer duas abordagens: medicamentosa e psicossocial. O tratamento medicamentoso é feito com remédios chamados antipsicóticos ou neurolépticos. Eles são utilizados na fase aguda da*

*doença para aliviar os sintomas psicóticos e também nos períodos entre as crises, para prevenir novas recaídas. A maioria dos pacientes precisa utilizar a medicação ininterruptamente para não ter novas crises. Assim, o paciente deve submeter-se a avaliações médicas periódicas; o médico procura manter a medicação na menor dose possível para evitar recaídas e evitar eventuais efeitos colaterais. As abordagens psicossociais são necessárias para promover a reintegração do paciente à família e à sociedade. Devido ao fato de que alguns sintomas (principalmente apatia, desinteresse, isolamento social e outros) podem persistir mesmo após as crises; é necessário um planejamento individualizado de reabilitação do paciente. Os pacientes necessitam, em geral, de psicoterapia, terapia ocupacional e outros procedimentos que visem a ajudá-lo a lidar com mais facilidade com as dificuldades do dia a dia.*

Quase tudo era verdade. Os remédios eram vários, e as visitas ao psiquiatra aconteciam sempre que o sistema público permitia. No entanto, como reintegrar Isabela à sociedade se ela nunca foi sociável? Como conter as crises, se ela se trancava no quarto junto a uma enorme mala escura?

A ausência de familiares dificultava tudo, mas Davi não fazia questão de conhecer o pai. “Se não me quis, não o quero agora”, pensava ele. As famílias de seus colegas não obedeciam ao padrão “pai, mãe e filhos”. Havia certa diversidade. Porém nenhuma era composta somente por mãe e filho:

*Os familiares são aliados importantíssimos no tratamento e na reintegração do paciente. É importante que estejam orientados quanto à doença esquizofrenia para que possam compreender os sintomas e as atitudes do paciente, evitando interpretações errôneas. As atitudes inadequadas dos familiares podem, muitas vezes, colaborar para a piora clínica do mesmo. O impacto inicial da notícia de que alguém da família tem esquizofrenia é bastante doloroso.*

*Como é uma doença pouco conhecida e sujeita a muita desinformação, as pessoas se sentem perplexas e confusas. Frequentemente, diante das atitudes excêntricas dos pacientes, os familiares reagem, também, com atitudes inadequadas, perpetuando um círculo vicioso difícil de ser rompido. Atitudes hostis, críticas e superproteção prejudicam o paciente; apoio e compreensão são necessários para que ele possa ter uma vida independente e conviva satisfatoriamente com a doença.*

Davi sabia disso, mas não agia com violência, tampouco impaciência. Não podia negar: havia horas em que quase cometia loucuras, mas se lembrava da doença e voltava a si.

Que fardo teria de carregar. Quanto tempo duraria aquilo? Difícil dizer. Porém, diante da costumeira indecisão juvenil sobre qual faculdade cursar, Davi já havia elegido a sua: enfermagem. Não havia como ser diferente frente à sua situação de vida. Em verdade, gostaria de ser médico. Mas, sem dinheiro para pagar um bom cursinho, como seria aprovado? Era preciso contentar-se com menos.

Enquanto ajeitava a capa do trabalho, ouviu barulhos no quarto de Isabela. Novamente, teria de lidar com ela. Dirigindo-se até lá, estranhou a porta trancada:

- Mãe, mãe, abra essa porta! Aliás, como a trancou se eu mesmo tirei a chave? Mãe, mãe, responda!

# 13.

- *Doce delito, ruim delito, doce delito, ruim delito...  
Com cabeça, sem cabeça, com cabeça, sem cabeça...*

- *O que está fazendo, dançarina?*

- *Dançarina? Há tempos que não sou isso. Agora, eu me divirto de outra forma. Veja. Conhece esses rostos?*

- *Nada significam para mim. Não me recordo dessas mulheres.*

- *Isso não importa. Consegui descobrir todas com quem você saiu depois de mim. Talvez, ainda descubra com quem saiu antes de mim também.*

- *E o que vai fazer com isso? São papéis rasgados.*

- *Não seja idiota, Davi. Olhe que jogo lindo eu criei! É o meu jogo. É o jogo que fiz com tudo de ruim que você me causou. Essas mulheres, Davi, são como... como rivais para mim. Isso mesmo: é o Jogo das Rivals!*

- *Você me faz rir, Isabela. É patética.*

- *Cale-se e observe. Eu vou matar todas! Vou matar você também! Até porque a morte não conhece rivais...*

- *Mãe, mãe, pare com isso, não há ninguém falando com você, concentre-se em mim - diz Davi ofegante depois de arrombar a porta do quarto da mãe e encontrá-la às voltas com recortes de papel e a mala preta aberta.*

- *Quem é você? Tire suas mãos de mim! Espere: você se parece com... com... Não, não pode ser. Ele é mais velho.*

- *Mãe, volte à realidade. Sou seu filho, Davi. Olhe bem para mim!*

- Filho? Eu não tenho filho. Ainda mais com esse nome, o qual eu desprezo tanto.

Isabela começa a andar ao redor da mala. Em instantes, sorri, em outros, ameaça chorar. Davi está perplexo. Já tinha presenciado as crises da mãe, mas nunca uma como esta.

- Mãe, eu vou fechar essa maldita mala, e a senhora vai se acalmar, certo?

- Não se atreva a fazer isso! - grita Isabela, dando um forte tapa no rosto do rapaz.

- Bom, você não me deixa outra alternativa...

Davi usa muita força para conter a mãe. A muito custo, abraça-a pelas costas e vai levando-a até a cama. Isabela grita insistentemente. Davi sabe que, para amarrá-la, é preciso que se acalme. Por isso, necessita segurá-la até que se canse.

*- Filha, filha! Aqui, minha filha, olhe para mim. O que você está fazendo?*

*- Você aqui? Nunca se importou comigo, não é agora que isso vai acontecer.*

*- Filha, querida, pare com isso, não maltrate mais seu pequeno Davi. Ele não merece isso.*

*- Mas eu... eu...*

Isabela desmaia, e Davi, finalmente, consegue pô-la na cama. Mesmo estando imóvel, o filho passa as ataduras nos braços e pernas. Certamente, será uma noite longa.

# 14.

**D**avi já havia visto outros episódios da mãe com a mala escura. Sabia que ela guardava papéis nela, talvez, outras coisas. Entretanto, sempre que ele se aproximava, Isabela tratava de esconder tudo. Com receio do que encontraria, Davi não insistia saber que papéis seriam aqueles.

Isabela parecia tranquila. Dormia com o rosto virado para um lado. Davi sentia-se mal por ter de amarrar a mãe, mas não viu outra maneira horas antes. O sono começava a persegui-lo...

*- Olhem que recatada essa moça! É tão quieta e estudiosa. Na certa, será uma ótima dona de casa - risos intercalam os dizeres, enquanto Davi apressa o passo. - Ei, não precisa correr, dê um sorriso para nós, menina. Ou melhor, dê uma viradinha. A gente vai adorar - mais risos ecoam no corredor da escola.*

*- Eu só quero ir embora, por favor, deixem-me ir.*

*- Ai, ai, ai... Ela quer ir embora e sem nos agradar. Por conta disso, vai levar uns tapas...*

Repentinamente, Davi acorda. Está ofegante. Havia dormido no chão, ao lado da mala. Por um instante, pensa estar ficando esquizofrênico como a mãe, porém logo volta a si e lembra que o sonho foi, na verdade, parte de algo que realmente ocorreu.

Ao levantar-se meio dolorido, Davi percebe que a mãe também está acordando. Será que, ao sonhar, ele fez barulho?

- Mãe, a senhora está bem? Mãe, consegue me ouvir?

- Davi, o que aconteceu? - pergunta Isabela ao tentar mexer-se sem sucesso. - Como você pôde, meu filho? Tire-me daqui agora!

- Eu vou desamarrá-la, mãe. É que não tive escolha, a senhora estava fora de si de novo. Sem falar nessa mala que...

- Não acredito que você... Davi, você mexeu na mala? Quem lhe autorizou? - Isabela começa a exaltar-se de novo, e Davi teme ter que deixá-la presa.

- Mãe, desse jeito, não poderei soltá-la. Preciso que se acalme, porque...

Davi não tem tempo para concluir sua fala; sua mãe começa a chorar. Comovido, ele decide desamarrá-la. Assim que consegue, Isabela leva as mãos ao rosto.

- Eu tenho vergonha de mim. Tenho vergonha de tudo pelo que passei. De tudo que não poderei fazer.

- Mãe, não seja boba, eu e você, bem ou mal, estamos vivos. Não pode ser tão pessimista.

- Você não sabe da minha vida. Aliás, é bom nem saber.

- Mas se você quiser me contar, tudo bem. Tenho certeza que vou entender.

- O bobo, agora, é você. Nem queira saber, nem queira saber...

- Tudo bem, não vou insistir. Falta pouco tempo para amanhecer; hoje, você tem consulta com o psiquiatra.

- Grande coisa. Como se isso fosse me ajudar. É sempre a mesma lenga-lenga.

- Desta vez, eu irei com você.

# 15.

**A**ssim que descem do ônibus, Davi dá graças a Deus. Andar de ônibus, para ele, é sempre ruim, mas hoje a condução parecia mais cheia do que o comum. Ele temeu que, com tanta gente, Isabela pudesse ter algum surto e ser o centro das atenções. Ainda bem que não.

O hospital ficava a 45 minutos da casa deles. Havia um posto de saúde mais próximo, entretanto, o psiquiatra de Isabela não mais atendia nele. Por isso, para manter o tratamento, eles preferiam ir até o hospital. Davi gostaria que a mãe se tratasse numa clínica particular. Só que a aposentadoria de professora por invalidez dela jamais permitiria isso. Havia, ainda, a pensão do ex-marido, a qual se tratava de uma merreca também.

Aproximando-se do balcão, Davi percebeu que a atendente costumeira daquele turno não estava ali, sendo substituída por uma moça que, por ter derrubado papéis e batido com o pé na cadeira, passou a impressão de desorganização. Uma leve irritação já tomava conta do rapaz: mãe esquizofrênica, pouco dinheiro, ônibus lotado e, agora, uma atendente atrapalhada.

- Bom dia! Em que posso ajudar vocês?

- Minha mãe tem consulta com Ricardo Abram-pur Judith.

- Claro. Deixe-me ver onde ele está. - E a moça começou a procurar no computador. Vendo que não conseguia, passou a anotações em cima da mesa. - Ah, sim, o doutor Ricardo está atendendo no segun-

do andar hoje.

- Não sei se ele tem doutorado para ser chamado de “doutor” - dispara Ricardo. A funcionária arregala os olhos e vira um pouco a cabeça.

- Não entendi. Como assim?

- Deixe para lá. Diga a sala.

Davi não se sente bem por ter quase perdido seu controle. A doença da mãe - que permaneceu apática o tempo todo - deixa o rapaz com medo de, no futuro, ser assim também.

- Mãe, precisamos subir. O médico está no outro andar hoje.

Finalmente, Isabela faz-se presente:

- Filho, por que vai entrar comigo hoje? Durante todo o tratamento, você nunca quis fazer isso.

- Acho que será bom. Quero ajudar mais.

Mãe e filho sobem as escadas e sentam-se perto da sala indicada pela atendente. Davi espia a mesa de centro. Nota que há informativos do hospital com horários. Pega um para distrair-se. Automaticamente, direciona os olhos para o nome “Ricardo Abram-pur Judith” e confere os dias em que o médico está ali. “Muito estranho esse nome. Esse cara deve ter sofrido quando mais novo”, reflete Davi, principalmente pelo último sobrenome. A porta do consultório é aberta, e um homem alto e esguio chama: “Isabela, por favor!”

- Olá, Ricardo!

- Espero que esteja bem hoje. Vejo que trouxe uma companhia.

- Sim, ele insistiu. É meu filho, Davi.

- Bom dia, Davi! É bom conhecê-lo - sorri o médico, estendendo a mão ao jovem. - Entrem, fiquem à vontade.

Davi repara que, como um hospital público, a mobília é muito simples, até velha. As cadeiras diante da mesa do médico nem estofado têm.

- Isabela, essa é uma situação diferente. Penso que é muito válido seu filho acompanhá-la, porém não quero conversar com você na presença dele.

- Mas doutor - e Davi espanta-se ao usar essa nomenclatura, tendo em vista o ocorrido no andar inferior - eu quero ajudar minha mãe; as crises dela estão piorando, e eu...

- Acalme-se, rapaz, não me entenda mal. Você não me deixou terminar. Proponho conversar com você e, em seguida, fazer a consulta de sua mãe. Não é a regra no hospital, mas não vejo problema nisso, tendo em vista que é para o bem da paciente. Vocês concordam com esse atendimento separado?

Isabela olha para Davi como que colocando a decisão nele. Enruga a testa e espera a resposta do rapaz.

- Sim, concordamos. Tudo bem, mãe?

Isabela responde com um meio-sorriso e levanta-se para sair, quando Ricardo se apressa em abrir a porta para ela.

- Não se incomode, doutor. Eu espero ali fora. - Isabela sai, e o médico fecha a porta em seguida. Volta a seu lugar, retira a ficha da paciente do arquivo, lê alguns pontos e dirige-se a Davi:

- Imagino que esteja ciente da doença de sua mãe, eis que é o único parente próximo a ela, certo? - Davi concorda com a cabeça. - Imagino, também, que é bem difícil lidar com toda essa situação, sendo um rapaz tão jovem. Você tem quantos anos? Tem cara de uns 17.

- Tenho 18.

- Bom, já é adulto. Mesmo assim, passou sua ado-

lescência convivendo com Isabela e suas crises. Sua mãe, em algumas consultas, falou-me sobre você. No entanto, quero ouvir de você mesmo. Diga-me, quem é o Davi?

- Ricardo - Davi abandona o “doutor” -, com todo o respeito, não vim aqui para falar de mim, vim aqui para ajudar minha mãe.

O médico dá um leve sorriso, o que irrita o jovem.

- Veja bem, Davi, a recuperação de sua mãe passa pelo suporte que a família dá. No caso, você. É imprescindível que eu saiba quem é o filho da paciente, a fim de ajudá-la mais.

- E isso não deveria ser sido questionado no início do tratamento? - retruca Davi, cruzando os braços.

- Percebo que está na defensiva o tempo todo, rapaz - diz Ricardo que faz uma anotação. - Todos sabemos que o sistema de saúde é falho. Fazemos o que é possível. Tentamos acompanhar os pacientes da melhor forma, mas há vezes em que a instituição não nos paga, outras em que não podemos vir e por aí vai. Por sorte, o caso de sua mãe está comigo desde o início e, haja vista que você disse ter vindo para ajudar, por que não faz isso sendo mais receptivo? - indaga Ricardo, enrugando um pouco a testa, expressão esta que é bem reparada por Davi.

- O senhor está certo. Desculpe-me. São tantas coisas que eu... eu... nem sei como agir corretamente.

- Muito bem. Vamos começar de novo: quem é o Davi?

Quando o sentimento terminou, ela se sentiu derrotada; quis se isolar na ilha povoada de sua alma. Uma vez lá, percebeu que nada poderia fazer. Era como se as águas claras de sua vida passassem a ser turvas, e ela já não enxergava com clareza o que fazer, ou melhor, como fazer. Tomar uma atitude parecia difícil, embora isso fosse necessário. "E as consequências? E a dor? E o amor?" – pensava consigo mesma. No fundo, sabia que algo drástico se aproximava.

Judith adentrou a sala em penumbra. Por sorte ou não, encontrou o porta-retrato desfeito. Era como se sentia. Passou a mão nos livros empoeirados. Foi então que abriu o antigo diário, aquele no qual escrevia quando triste estava. Procurou, procurou... Achou o trecho que refletia seu estado: "O amor é como um livro em dois volumes, sendo que o primeiro foi perdido. O amor é a incompletude na ausência".

Depois daquele dia, enlouqueceu.

# 16.

**O** dia, como de costume, foi cheio para Ricardo. Depois de trabalhar pela manhã no hospital, ele ainda atendeu pacientes na clínica particular onde também atuava. Passou correndo numa padaria e foi para casa. Queria ficar sozinho e relaxar um pouco.

Depois de um demorado banho, deitou-se no sofá da sala e ligou a TV num canal qualquer. Sua intenção era não pensar em nada significativo, mas a terceira consulta da manhã não saía de sua cabeça. Não o fato de ter atendido Isabela, mas sim ter conhecido seu filho e ter gostado de conversar com ele. Por meio dele, Ricardo confirmou que a paciente era antissocial e que fazia questão de esconder seu passado. Descobriu que havia uma misteriosa mala escura na casa dela, na qual guardava recortes. Tomou nota de tudo isso quando da consulta. Chegou a tocar no assunto da mala com Isabela depois que o filho saiu do consultório, mas não teve sucesso. Ela se esquivou o quanto pôde.

Ricardo soube, também, que Davi sofria preconceito na escola. O rapaz deu a entender que era homossexual, mas não afirmou isso em nenhum momento. O médico até deu alguns conselhos profissionais ao jovem, assim que soube que o mesmo pretendia fazer Medicina ou Enfermagem na faculdade. “Preciso separar as coisas. Foi só uma consulta rotineira”, Ricardo forçava o pensamento, tentando fazer valer sua ética profissional. “Mas ele já tem 18 anos, já responde por si”, dizia outra voz interior. Ri-

cardo ajeitou-se no sofá e prometeu prestar atenção num programa fútil sobre moda que começava na TV, mas logo iniciou a imaginar como seria a nova consulta de filho e mãe daqui a alguns dias. Estava ansioso.

# 17.

- Quem era ao telefone?

- A diretora Maira.

- Hhuumm. E o que ela queria? Tirar você de mim?

- Ontem foi a reunião da formatura. Ela queria saber se vou participar do evento.

- Vai?

- Lógico que não. Todo aquele momento familiar, e eu lá sem... sem...

- O que quer que eu faça, Davi? Que arranje um pai para você? Vai sonhando...

Davi não se deu o trabalho de responder. Não valia a pena discutir com a mãe. Ele nunca sabia quando ela estava na realidade. Mas algo era verdade: ele não participaria da formatura depois de tudo pelo que passou na escola. Somado a isso estava o fato de não conhecer o pai. "Nem quero, nunca!", reafirmou ele em pensamento, enquanto se ajeitava à frente do computador para se inscrever em vestibulares.

- Precisa de alguma coisa, mãe?

Risos foram a resposta de Isabela, que se levantou e foi para seu quarto. Davi não a seguiu.

*- Aqui estão, Isabela, mais duas vagabundas que ele pegou.*

*- Deixe-me ver. Essas até que são bonitas. O que mais sabem delas?*

*- São professoras, assim como você se tornou - riram bem alto as gêmeas.*

- *É bom rir da desgraça alheia, não é?*

- *Sim, sim. Diga: elas servirão para seu jogo?*

- *Claro. Olhe o que eu faço com essas piranhas.* - *Isabela tratou de rasgar as imagens bem na altura das cabeças das mulheres. Em seguida, separou as partes e guardou com as demais.*

- *E então? É só isso?*

- *Não, agora, vou montar. Essa aqui com... hhuumm... essa aqui, pronto. Agora, essa daqui...* - *E assim, Isabela ia casando as imagens de cabeças recortadas com corpos também recortados, montando pessoas que não existiam.*

- *Mãe, está tudo bem aí? Eu me inscrevi em três faculdades.*

- *Sim, querido, tudo bem. Que bom! Tomara que dê certo.*

- *“Querido”, dona Isabela? O que deu em você para me chamar assim?*

- *Deixe-me em paz.*

- *Isabela, precisamos conversar. Já recebi a visita de três mães esta semana. Todas reclamam de suas aulas.*

- *Grande coisa! Não posso operar milagres, você pode?*

- *Isabela, você é professora. Tem que ser gentil com essas crianças. Se não for assim, elas não aprendem.*

- *Elas não aprendem nunca! Nunca aprenderão! E sabe o que faço com esses planos sugeridos por você?*

- *Isabela, não se atreva a...* - *os papéis voaram pelos ares antes que a supervisora concluísse sua fala.* - *Agora, chega! Vou encaminhar as reclamações para a Secretaria de Educação.*

- *Estou ansiosa pela resposta.*

- Mãe, por que está rindo?  
- O que é, rapaz? Se fico triste, você reclama; se fico feliz, você reclama também. Cara chato!  
- Daqui a pouco, vou pôr a mesa. Já lhe chamo para o café.

*- Garota, nós vamos passar você de ano. Mas saiba que não é por méritos seus. Você é uma péssima aluna!*

*- Blá, blá, blá. Façam o que quiserem. Posso sair da direção agora?*

*- Não vai ao menos se defender? Não vai falar bem de si mesma?*

*- Eu sei que vocês querem se ver livres de mim neste colégio. Então, passem-me, e eu sumo.*

*- Garota abusada!*

- Venha mãe, está pronto o café.

- O que é? Você de novo?

- Dona Isabela, posso quase afirmar que está conversando com pessoas que não existem, porém sou forçado a trazê-la de volta à realidade.

- Pessoas que não existem, que nada! E esse palavreado bonito, qual o motivo? Já virou doutor?

- É só para chamar sua atenção - respondeu Davi sorrindo. Por incrível que pareça, ele estava se divertindo.

- Estou indo. Só vou fechar a... a...

- A mala, não é? Mas a mala não está com a senhora, mãe?

- Que rapaz chato!

*- Isso não é jeito de tratar sua filha, Isabela. Seja educada como ela.*

- Cretino! É filho! Eu tenho um filho, não uma filha!

- Você sempre me faz rir, dançarina. Aliás, já pensou em oferecer emprego para ele na Doce Delito? - Davi ria e sacudia-se.

- Cretino! Mil vezes cretino! Por que ainda me atormenta?

- Ué? Você que me chama sempre, diz que sou seu grande amor e tal.

- Não deixei de ser burra ainda?

- Pelo jeito, não - mais risos altos.

- Davi, sabe o que você merece?

- Mãe, não vou chamar de novo. Vai esfriar.

- Por amor de Deus! - gritou Isabela, levantando-se para ir até a cozinha. No trajeto, gesticulava com os braços como se estivesse dando tapas em alguém. Ao invés de se aterrorizar, Davi riu baixinho.

# 18.

- Nossa! Que tantos bocejos. Isso é um bom sinal.
- Verdade. Vou me escovar e ir para a cama.
- Tenho que arrumar alguma coisa?
- Tantos cuidados, às vezes, são chatos. Deixe-me em paz. E não fique tanto tempo nesse computador.
- Sim, senhora.
- Eu consigo ver você sorrindo por trás de mim, Davi, mesmo que isso seja algo raro.

De fato, Davi não era muito de sorrir, até porque a vida não lhe deu muitos motivos para isso. Contudo aquele dia pós-consulta ao psiquiatra da mãe tinha sido divertido. Ele passou a relevar as “viagens” dela. Talvez, numa outra ocasião, até daria pano para a manga. “Não, não, isso já seria demais”, caiu em si.

Demorou uns minutos em frente à televisão e foi espiar a mãe. Ela não tinha mentido: já estava devidamente deitada. O rapaz aproveitou para lavar as louças do café e da janta. Depois, foi ao computador esperar pelo sono. Só que este demoraria a vir.

Na caixa de e-mails, havia um de Ricardo. “Então, foi esse o motivo daquele questionário final na consulta”, lembrou Davi, o qual preencheu endereço de e-mail e telefone no hospital.

---

Boa noite, Davi!

Ontem, nós nos conhecemos durante a consulta de sua mãe. Fiquei intrigado com a conversa que tive com você e gostaria de fazer isso de novo (só que de

maneira informal). Será de fundamental importância para o trato com Isabela. Podemos marcar algo? Se sim, estou livre às noites.

Fico no aguardo.

*Ricardo Abrampur Judith*  
*Psiquiatra*

---

Um misto de alegria e curiosidade tomou conta de Davi. Não sabia o que responder ao “doutor”. Não era tão inocente assim para saber que havia flerte no ar. Por fim, resolveu dar corda:

---

Olá, Dr. Ricardo!

Fico feliz por sua preocupação com minha mãe. Podemos nos ver, sim. Amanhã à noite, estarei disponível. Só preciso que me confirme, pois necessito avisar uma cuidadora para ficar com a mãe. Como sabe, somos somente eu e ela, a qual não tem condições de ficar sozinha.

Até breve!

*Davi*

---

---

Combinado então. Amanhã, por volta das 20h, passo em sua casa. Tenho o endereço por causa da ficha da sua mãe (o que já deve saber).

Abraço!

*Ricardo Abrampur Judith*  
*Psiquiatra*

---

---

Estarei a sua espera.  
Até amanhã!

*Davi*

---

“O que eu fiz? E agora? Será que mando e-mail dizendo que não consigo uma cuidadora? Não, não. Mostraria insegurança. Só que isso parece antiético. Bom, o profissional é ele, nem entrei na faculdade ainda.”

# 19.

- Olá, Davi! - Ricardo estica o braço para abrir a porta do carona, mas Davi já estava com a mão no trinco.

- Boa noite, doutor Ricardo! - afobado, Davi não sabe se puxa a porta para fechá-la, ou se estica o braço para cumprimentar o médico.

- Por hoje, vamos deixar as formalidades de lado. Sou apenas o Ricardo, sem falar que não tenho doutorado.

Davi lembra-se do incidente com a atendente no hospital, sobre a titulação de Ricardo.

- Certo, Ricardo.

- Podemos ir? Alguma preferência de lugar?

- Sim, podemos. Você escolhe. Não costumo sair.

- Gosta de comida japonesa?

- Na verdade, nunca comi.

- Quer experimentar?

- É uma boa.

Ricardo dá a partida no carro acompanhado de um Davi que transpira nervosismo. Vendo que o jovem está sem jeito, o mais velho puxa conversa pelo óbvio:

- Tudo certo com a cuidadora de sua mãe?

- Sim. É uma senhora que mora a duas quadras de nossa casa. Moram somente ela e o esposo idoso. Ela faz uns bicos vez que outra.

- Que bom. E como Isabela se comportou hoje?

- Estava um pouco agitada e disse chamar-se Priscila, não Isabela.

- Entendo. São os devaneios da esquizofrenia.

- Já ocorreu outra vez, o curioso é que o nome permaneceu: Priscila.

Ricardo começa a preocupar-se e a pensar que, talvez, não tenha sido uma boa ideia ter separado filho de mãe esta noite.

- Como a cuidadora vai lidar com isso?

- Eu já a chamei outras duas ou três vezes, quando tive compromissos da escola. Além disso, eu dei para a mãe um calmante, aquele que o senhor receitou.

- Senhor? Ainda está sendo formal, seu moço.

- Verdade, desculpe-me. Aquele que “você” receitou.

- Fico mais tranquilo e jovem agora.

O restante do caminho foi preenchido com conversas bobas sobre coisas do dia-a-dia. Davi já estava mais solto quando chegaram ao restaurante japonês.

- Você precisará ter paciência se eu não atinar a comer, ok? - fala Davi quase que como já pedindo desculpas por sua ignorância.

- Sem problemas. Caso você não goste, há outros pratos. Mas quero que experimente pelo menos.

- Vou ter que sentar no chão?

Ricardo ri, enquanto abre a porta do local para o jovem.

- Não, não, nada de tradições japonesas, só a comida.

Ambos entram, chamando a atenção dos presentes por conta de suas boas aparências. Uma jovem e sorridente japonesa dá boas vindas aos dois e indica uma mesa a eles. Davi repara nos olhares dos clientes e torna a ficar envergonhado.

- Não fique assim. Não tem que se importar se estão olhando ou não.

- Ah, sim, quer dizer, claro que não, tudo bem... -

Davi erra as palavras e quase erra, também, a cadeira ao sentar-se.

- Agora, sim, você chamou a atenção deles - diz Ricardo em tom de descontração, o que faz com que Davi se sinta mais à vontade.

Entre uma comida diferente aqui, outra ali, médico e estudante conversam sobre doenças mentais, sobre a vida universitária e sobre a rotina de trabalho. Querendo ir além, Ricardo indaga:

- Você já conversou sobre sua sexualidade com sua mãe?

Ainda que esperasse pelo assunto, Davi se espanta com a pergunta e tosse algumas vezes.

- Não precisa responder se não quiser.

- Tudo bem, é que não costumo conversar sobre isso. E a resposta é “não”, nunca falei com ela a respeito, nem falarei.

- Entendo, já é difícil com uma pessoa sadia, imagine uma com problemas.

- Pois é, será uma vida às escondidas.

- Você me parece muito inocente, ingênuo. Já teve alguma experiência?

- Para falar a verdade, não. Sou totalmente inexperiente.

Ricardo fica ainda mais interessado em Davi, um cara sem malícias, jovem e promissor. Oferece seus conhecimentos:

- Bom, se você quiser, podemos conversar sempre sobre essas coisas. Já passei por muitas situações nessa vida. Também pudera, já tenho 38 anos.

Davi esperava uma certa diferença de idade, mas não 20 anos.

- Achei que fosse mais novo, Ricardo.

- Isso é bom - ri o médico. - Diga-me: quanto me dava?

- Uns 30 talvez.

- É um número bom, mas poderia ser menos - ri novamente e coloca a mão sobre a de Davi, sabendo que, no restaurante, resta apenas uma mesa ocupada. Nervoso, Davi apressa-se:

- Ricardo, daqui a pouco, seremos só nós aqui. Que tal irmos embora?

O médico percebe que a noite não passará daquilo. Por alguns segundos, repensa seu interesse pelo jovem. É possível que tenha sonhado longe demais, 20 anos. Assente com o término do encontro:

- Verdade. Está na hora de irmos.

O caminho de volta é mais silencioso. As palavras são trocadas à medida que lugares aparecem na paisagem, comentários breves. Quando estaciona na frente da casa de Davi, Ricardo sequer desliga o carro.

- Muito bem, garoto. Está entregue. Obrigado pela noite, pela conversa, pelas revelações sobre você, foi tudo muito bom.

- Eu que agradeço por tudo. Você é um cara muito legal. De repente, podemos marcar outras vezes.

- Quem sabe...

Davi sente a dúvida nos dizeres de Ricardo, o que se justifica por sua total falta de experiência. Para encerrar de vez o encontro (se é que pode chamar de encontro), Davi tira o cinto de segurança e dá um meio abraço em Ricardo, o qual não esperava aquilo.

- Até mais!

- Tchau! Qualquer coisa, tanto com você quanto com sua mãe, pode me ligar.

Fazendo sinal afirmativo, Davi sai do carro e entra em casa. Não olha para trás, pois sabe ser melhor assim.

# 20.

- *Todas vocês são minhas rivais! Foram e serão! Pensam que podem jogar comigo? Estão enganadas. Olhem o que faço com vocês: pego minha tesoura e dou-lhes uma bela lição... Agora, sim. A-CA-BA-DAS. Isso mesmo: DES-TRU-Í-DAS. MOR-TAS. Ouviram bem? MOR-TAS! Aliás, não ouviram, pois morreram...*

- Davi, que bom que você voltou. Estou apavorada. Sua mãe está assim há cerca de uma hora. Eu tentei lhe ligar, mas não atendeu. Não sabia o que fazer. Então, fiquei só observando.

- Acabei deixando no silencioso e nem conferi se havia chamadas. Não se preocupe, pode ir. Eu cuido dela agora. Aqui está o dinheiro. Obrigado por tudo.

- Você deve ser muito forte. Não sei o que faria se fosse na minha casa isso... - a cuidadora apressa-se em sair da residência.

Davi abre e fecha a porta para ela e decide interagir para parar o surto da mãe, trazendo-a à realidade:

- Mãe, eu estou em casa agora. Vamos conversar? - pergunta Davi, enquanto a mãe pisa recortes de fotos no chão. Isabela está borrada de maquiagem também.

- Você de novo? No passado, também me atormentava, sabia? Só que era mais velho. No presente, a mesma coisa. Vai ser assim no futuro?

- Conte-me seu passado. Melhor: conte-me de mim no passado.

- Ah, você era um cafajeste, só me fazia sofrer.

Mas a burrice foi minha. Fui dar chance a você e, agora, veja como estou: SO-ZI-NHA.

- Parte disso é mentira, não está sozinha, porque estou aqui.

- Ah, é? Chegou há pouco tempo. E antes, onde estava?

- Fui conversar com um, digamos, amigo em comum. Falamos sobre você, sobre sua saúde. Estava com o doutor Ricardo.

- Não me diga! Quer dizer que saiu com a Judith? Será que seu pai tem razão? Isso só pode ser praga dele. PRA-GA.

- Não grite, mãe, vamos conversar normalmente. Que história é essa de praga?

- Ele vem me alertando, mas como sou burra, tento não dar ouvidos. É fato que seu pai mente muito, porém, às vezes, é sincero.

- E o que meu pai diz?

- Ele diz muitas coisas e debocha de mim. DE-BO-CHA.

- Fale mais.

- Claro, vou falar. Ele... Ele... - Isabela, que estava andando em círculos, pisando com força as fotos espalhadas pelo chão, senta-se na cama e pisca algumas vezes. - Davi, querido, que horas são? Já é de manhã?

Davi percebe que a mãe voltou a si. Tudo que ela disse pode ser invenção por conta da doença, mas ele fica frustrado por não saber até o fim que história foi criada na mente dela, ou, talvez, algum resquício do passado.

- Ainda são duas da manhã. Você deveria estar dormindo. Tomou um remedinho, lembra?

- Lembro, sim. Estou cansada. Fiz algo de errado?

- Não, apenas acordou e me chamou. Vim ver o que era. Quer um copo d'água?

- Quero, quero.

- Já trago. - Davi vai até a cozinha e prepara água com açúcar para a mãe. Aproveita e pega um pano molhado para limpar a maquiagem borrada na mãe. "Uma noite tão legal terminar assim", lamenta ele. Quando retorna ao quarto, Isabela já está na cama abraçada ao travesseiro. O filho decide não acordá-la. Limpa calmamente o rosto dela, deixa o copo por perto e sai.

"Ela disse 'Judith'. Na certa, por causa do sobrenome. Será que fiz bem em mencionar o encontro? Bom, pode ser que ela nem se lembre disso depois. E meu pai? Só pelo fato de ela nunca me falar dele já mostra o quão ruim era, mas a coitada ainda é atormentada por ele. Como pode?", Davi fica divagando enquanto espera que o computador ligue completamente. Acessa sua caixa de entrada, imaginando que Ricardo tenha lhe escrito algo. Mas nada há. Distraí-se com notícias das últimas horas, até que uma mensagem chega.

---

Olá, Davi!

Espero que esteja bem, assim como sua mãe.

Creio que fui um pouco invasivo hoje à noite. Notei seu nervosismo e sua desaprovação diante dos 20 anos de diferença.

Quero que saiba que era um encontro totalmente sem compromisso, quase que de amigos. Escrevo "quase", pois não posso negar que houve certo interesse de minha parte. No entanto, além da idade, devo levar em conta a ética profissional. Você é filho de uma paciente. Isso pode prejudicar o futuro do tratamento.

Não sei muito o quê escrever, pareço inseguro com essas palavras, mas sei que vai entendê-las...  
Enfim, espero você e sua mãe na nova consulta.  
Ate!

*Ricardo*

---

“Se ele, com 38 anos nas costas, mostra-se inseguro, o que dizer de mim? Que erro foi aceitar esse convite. Que vergonha! Mas agora já foi. Melhor encerrar de uma vez. Aliás, encerrar o que nem começou”. Davi opta pelo mais simples possível, não dando esperança alguma:

---

Tudo bem, Ricardo.  
Até a próxima consulta.

*Davi*

---

“Bom, hora de dormir e passar uma borracha nesse dia de ilusão”.

# 21.

- Tem certeza, Davi? Depois de todos esses anos de estudos, parece que não fazer formatura é apagar todo esse período - argumenta Maira.

- Não farei, diretora. Não há motivos para comemorar. Foram anos tão sofridos, tanta coisa ruim aconteceu.

- Eu me culpo em parte por isso, Davi. Deveria ter sido mais presente.

- Se ficasse me protegendo, seria pior ainda. De qualquer forma, já passou.

- Não vou mais insistir. E sua mãe, como está?

- Priscila, agora, só fala em rivais, em jogos. Esses dias, falou numa boate. Ah, e anda às voltas com blocos de anotações.

- Quem é Priscila?

- Chega a ser engraçado até. Priscila é como ela se denomina às vezes. Coisas da esquizofrenia.

- Vejo que você tem lidado bem com isso, Davi, o que é bom. É uma vida de provações - Maira coloca a mão no ombro do agora ex-aluno de sua escola. Ele retribui o gesto e abraça a diretora.

- Quero que saiba que pode contar comigo sempre que quiser. Não posso ser esquecida aqui como a diretora, viu?

- Eu sei, Maira. Seu afeto foi muito importante para mim, principalmente quando a mãe foi diagnosticada, lembra? Estávamos juntos no hospital.

- É verdade, você tão inseguro, hoje tão firme. Que mudança.

- É preciso adaptar-se à vida.
- Soube que prestou vestibular. Como se saiu?
- Felizmente, bem. Passei num dos três, para Enfermagem.
- Que ótima notícia, Davi. Parabéns! - novamente, os dois se abraçam. - Vou colocar seu nome da faixa que a escola fará.
- Estou ansioso por começar. Um amigo meu, o psiquiatra da mãe, falou coisas muito boas da área da saúde, e acho que tenho vocação para prestar cuidados.
- Fico contente. Tenho certeza que vai se dar muito bem. Sempre foi estudioso e esforçado. A faculdade será moleza para você.
- Espero que sim. Ainda bem que consegui passar numa pública. Do contrário, com nossa situação, não seria possível cursar.
- Gastará, basicamente, com os livros então.
- Creio que sim. Diretora, é possível já levar o certificado de conclusão do ensino médio? Sem ele, não posso concluir o processo de matrícula.
- Já vou pedir para você - Maira sai em direção à secretaria da escola, enquanto Davi dá uma última passada com os olhos por aquelas paredes e corredores. Espera não transitar por ali nunca mais. Sofreu tanto com as piadinhas e insinuações de seus amigos. Primeiro, por causa de seu comportamento introvertido; depois, por não conhecer seu pai; por fim, pela doença de sua mãe. Anos difíceis.
- Prontinho. Caso precise de mais vias, é só vir buscar - Maira coloca o documento num envelope pardo e entrega-o a Davi.
- Obrigado por tudo! - despede-se ele quase chorando.

# 22.

- Ai, Davi, vai ser tão legal. A gente contrata uma produtora, mas ficamos no comando, dizemos como queremos tudo.

- Eu sei como funciona, sua boba. É que, realmente, não estou com vontade de me formar assim, com toda essa pompa. Que familiares trarei? Os que não existem?

- E nós, suas amigas, não contamos? Além disso, é uma graduação, Davi, uma graduação!

- Agradeço pela insistência, mas me formarei em gabinete. Minha cabeça está há dias na entrevista que terei depois de amanhã.

- Tudo bem. Como fará entrevista de emprego como enfermeiro, se não houve a conclusão do curso ainda? - a colega universitária curiosa de Davi mostra uma certa ponta de inveja.

- Na verdade, foi uma indicação. Não posso falar muito a respeito.

- Hhuumm, já vi, meu colega aderiu ao jeitinho brasileiro. Que coisa! - os dois riem, enquanto deixam o bar. Precisam voltar para suas salas de aula.

Bom aluno, Davi foi indicado pelo coordenador do curso à vaga de enfermeiro no hospital de outra cidade. Ele conhecia o diretor do mesmo há anos e, sabendo de todo o histórico de vida de Davi, resolveu dar um empurrãozinho na carreira do rapaz. O combinado era fazer a entrevista e, assim que Davi tivesse seu diploma, fosse efetivado no cargo. Seria um futuro promissor. Isabela teria bons cuidados, pois o salário do filho seria ótimo. Era por essa gui-

nada que Davi esperava, um pouco de tranquilidade. Sentiria falta da faculdade, claro. Lá, tornou-se amigo de alguns professores, descobriu-se para valer na área, teve casos com rapazes e garotas, mesmo sabendo qual era orientação. Chegou a ter relacionamentos de alguns meses, o mais duradouro foi de oito. Mas a rotina de estudos e os cuidados com a mãe falavam mais alto. Achava-se jovem ainda e, de fato, era: 23 anos recém-completos. Por certo, a vida lhe traria alguém especial. Era preciso acreditar.

# 23.

- Não me chame de Isabela, já pedi.

- Não gosto de Priscila. Parece até nome de guerra na Doce Delito - ri a gêmea.

- Eu poderia até criar uma personagem, hein? Que tal? Vou tomar nota. Cadê meu bloco? Ai, esse já terminou...

- Trouxe outro bloco para você, Priscila. Veja a cor: azul.

- Ai, não. Poderia ser rosa.

- Faça assim: use o azul primeiro; quando terminar, compro vários em rosa, certo? - diz Davi, meio que entrando na brincadeira/alucinação da mãe. - Quando voltar a ser Isabela, avise-me. Preciso contar-lhe algo. Em breve, teremos mudanças.

- Isabela, Isabela... Você só fala em Isabela. Daqui a pouco, eu chamo. Agora, saia.

- Que cara chato, hein, Priscila? Quem é?

- Você sempre pergunta isso. Já cansei de dizer. Ele é... Ele é... Ai, esqueci. Não importa.

- É bonito.

- Nem se atreva a se interessar pelo meu... meu... Ai, de novo, esqueci. Você me confunde, sabia?

- Está bem. Vamos jogar. Eu sou a rival 1. Alguém mais vem hoje?

- Vamos ver. Estão me dizendo para abrir para a mala. Ah, sim, acho que teremos companhia. E não toque no revólver!

- *Que revólver, Priscila? Isso aqui é uma tesoura.*
- *Tesoura porque você quer. Olhe que cor forte ele tem, bem preto.*
- *Está bem... Quem começa?*

Davi escutava partes do diálogo imaginário da mãe em seu quarto, enquanto separava livros para devolver à biblioteca da escola. Depois, foi ao roupeiro e separou as peças para usar na entrevista. Estava ansioso, mas confiante. “Tem que dar certo, tem que dar certo”, torcia ele.

"Ainda não bocejei, mas já começo a ficar sonolenta. A caneta escreve de forma torta, e as costas doem na cabeceira da cama. Acho que vou sonhar, mas será algo curto. São 23h45min, e eu tenho só até às 7h. Muito pouco tempo. Pouco. Bocejei!"

E Priscila fechou os olhos. Com isso, esperava novas viagens, talvez, uma incluindo Davi – o amado e único filho – deixando Maira eternamente. A jovem senhora só se permitia isso em sonhos, já que, na realidade, temia ir contra seu orgulho. Se bem que não era mais orgulhosa dele. Seus atos falhos a haviam decepcionado. De toda maneira, quando comprava doces, ela pensava nele, mesmo que isso significasse uma gordurinha aqui ou ali. Nela, não tinha problema, mas nele isso era inconcebível.

Ele havia ganhado tantos prêmios, havia sido destaque nas escolas, tinha dado presentes lindos a ela. Entretanto, essa fase fora embora e, agora, restava a ela sonhar, ansiar por coisas boas.

Imaginou mais algumas coisas, esqueceu que tinha deixado a porta destrancada e dormiu.

# 24.

**D**e depois de se recuperar, Isabela decide ir para o interior ficar com a família que dizia ter. Lá, ela acredita que não haja mais rivais. “Queira Deus que fiquem na cidade”, torce ela. Arrumando as coisas em sua inseparável mala escura, por um pequeno instante, pensa em todos que ficarão para trás. Conclui que, se tivesse agido diferente, talvez, o final teria sido outro. “Só que agora não é hora de lamentos”, diz em voz alta enquanto puxa o último zíper. Em seguida, faz mais um traço em seu atual bloco de notas, jogando na última gaveta do roupeiro, onde outros semelhantes estão desordenados.

- Hora do remédio, querida! - é o enfermeiro delicado chegando.

- E então, vai continuar a me contar aquela história? Já criou um final para ela? São tantos personagens, que nem consigo lembrar todos os nomes.

A esquizofrênica Isabela sorri. Nem ela sabe mais como terminou a última parte. Somente sabe que precisa continuar. As lembranças precisam ser personagens sempre presentes em sua vida.

Isso inclui a amizade conturbada das garotas da casa noturna. Uma delas havia vindo de outro grande município. “Como era seu nome? Nunca consigo lembrar”, analisa. A outra era mais ingênua e morava num prédio antigo, parecia que iria cair a qualquer momento, além de ser o cenário perfeito para fantasmas.

Estavam sempre em sua mente, também, os esporros da madre do colégio que, mesmo depois de

ter saído do cargo, tornando-se professora, permaneceu autoritária, querendo controlar a vida de toda a escola, principalmente, a da turma dela.

Havia o rapaz pelo qual Isabela acreditava ser apaixonada, só que era amor não correspondido. Recebia flertes inocentes de várias colegas, ficava sem jeito e não sabia como disfarçar seus trejeitos.

- Ah, as gêmeas também. Tão estranhas. Uma era muito masculina, sem vaidade alguma. Já a outra parecia uma boneca.

- Quais gêmeas, Isabela? Do que está falando? - indaga o enfermeiro.

- Nada, nada. Só estou recordando...

- Muito bem. Remédio tomado, agora, quero a história. Afinal de contas, quem o Davi vai pegar, hein? - instiga o enfermeiro, quase que brincando com a doença da idosa, a qual não distingue mais realidade de ficção.

- Bom, precisamos ir. Mal posso esperar para estar com meus pais. Além disso, o ar do interior é muito bom.

- Isabela, já disse isso a você, seus pais morreram há muitos anos.

- Você está doido! Como se não bastasse ser... ser... deste jeito aí. Ainda bem que nunca tive um filho assim. Nem sei o que faria com ele. Enfim, ajude-me com a mala. Ah, busque na gaveta alguns dos meus blocos em branco e coloque nela. Pegue os envelopes também. Eles me inspiram. Quero chegar antes do entardecer. Lá, conto mais um pedaço da história.

- Certo, certo. Vá entrando no carro, mas com cuidado.

E o enfermeiro, pacientemente, atendia aos pedidos da mãe, pensando: "Pode ser uma nova vida".

# Um passo ao futuro

- Já conversou com todas as rivais, Priscila?

- Do que está falando, Davi? E quem é Priscila?

- Desculpe-me, dona Isabela. Usei o nome de uma paciente por engano.

- Agradeço se me chamar de mãe de vez em quando.

- Tudo bem, mãe. Cadê a Rosimeri?

- Poderia ter arrumado uma empregada com nome melhor, hein, filho?! Parece até nome de... de... Enfim, não sei onde está.

- Vou procurá-la. Preciso levar você num geriatra novo, consegui um encaixe, é daqui a meia-hora. Você vai adorar o médico. Chama-se Elias.

- Hhuumm, já vi tudo. Esse entusiasmo vai dar um bom jogo de rivais...

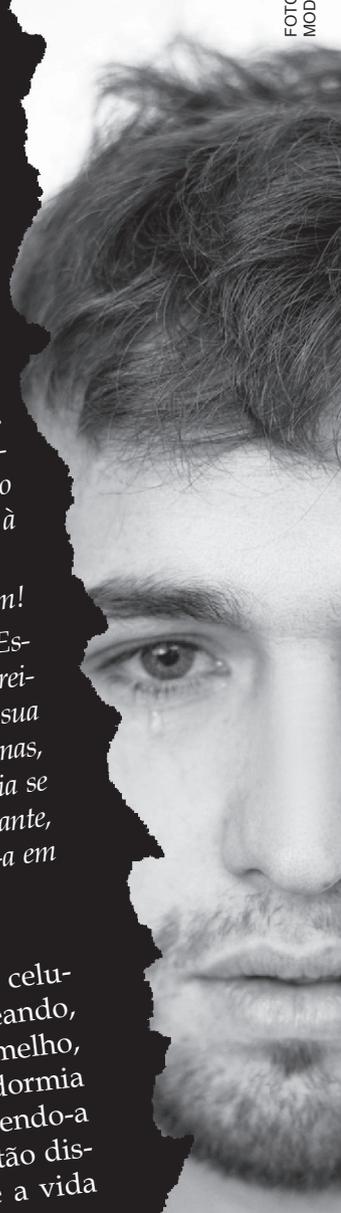
SEGUNDA PARTE

# Devaneios são reais

Fui acordado pelos barulhos intensos vindos da cozinha. Eram armários sendo abertos, panelas caindo, pratos quebrados. Junto a isso, estavam os gritos de Isabela (ou seria Priscila de novo?). Por sorte, não havia ninguém nos apartamentos da frente e do lado, isso porque o condomínio era novo, e poucas unidades tinham sido vendidas. Saltei da cama e desci até o primeiro piso. A cena era preocupante: a mãe estava transtornada. Ao mesmo tempo em que derrubava as coisas, ela gritava e levava as mãos à cabeça, chegava a puxar os cabelos. Era um surto!

- Mãe, por favor, pare! Já chega! Mãe, olhe para mim! Não adiantava. Ela continuava o que estava a fazer. Esperei que ficasse de costas para mim e, num salto, segurei-a, abraçando-a e cruzando meus braços fortemente em sua cintura. Os gritos continuavam, o espernear também, mas, em alguns segundos, a intensidade diminuiu, ela parecia se acalmar. Decidi soltá-la. Foi quando, num mísero instante, ela portou uma faca que estava à beira da pia e enfiou-a em meu estômago...

Acordei ofegante, suado. Procurei meu celular: eram ainda 3h da manhã. Meio cambaleando, fui ao banheiro lavar o rosto. Ele estava vermelho, feio. Fui ao quarto de Isabela: por sorte, ela dormia tranquilamente. Era mais uma noite calma. Vendo-a respirar levemente, as crises pareciam algo tão distante, aliás, pareciam inexistentes, como se a vida fosse boa, e tudo estivesse no seu devido lugar.



# 25.

**A**cordei novamente quando Rosimeri fechou bruscamente a porta do apartamento. Ela era meio desajeitada, mas entendia o problema de Isabela e, frequentemente, levava tudo na brincadeira, como se a esquizofrenia nem estivesse ali. Conferi o celular: eram 7h10min, faltavam cinco minutos para o despertador soar, e passavam dez minutos do horário de entrada certo de Rosimeri. Claro que eu não ligava para isso, porém, quando Isabela estava bem lúcida, ela ficava cobrando o horário da empregada, que era também sua cuidadora.

Como de costume, Rosi foi ao quarto da mãe. Ouvi o som do abrir da porta. Como não houve mais ruídos, concluí que ela ainda estava dormindo. Eu havia dado instruções para Rosi: sempre que possível, ela deveria verificar o que Isabela fazia. Quando escutei os passos dela voltando ao primeiro andar, decidi levantar-me. Seria uma terça-feira de bastante trabalho, eis que entrevistaria novos técnicos de enfermagem para o hospital. Aquilo lá andava um caos. Depois de um rápido banho e de me vestir pela metade, desci para tomar café da manhã.

- Bom dia, seu Davi!

- Bom dia, Rosi! Sinto-me muito velho quando você usa esse "seu".

- Pois é. Força de hábito. Desculpe-me.

- Não há por que se desculpar. Nada de Isabela então?

- Pois é (Rosi usava muito essa expressão, o que, por vezes, até me irritava), espiei o quarto, e ela ain-

da dormia, achei melhor não acordá-la. Fiz bem?

- Claro. Terá mais tempo para seus afazeres sem se preocupar com ela. Só não a deixe passar das 9h, ok? Não se esqueça de sempre dar uma olhada nela.

- Eu sei, eu sei. Só vou arrumar a cozinha e já subo de novo. O senhor vem almoçar hoje?

- O "senhor" ainda não sabe. Eu ligo por volta das 11h para avisar.

Rosi levou a mão à boca, num sinal de que tinha percebido a formalidade excessiva.

- Quer que eu faça alguma coisa para o café?

- Não, não. Eu mesmo me sirvo. Vou só comer um sanduíche e já vou sair.

E foi o que fiz. Depois daquele rápido lanche, subi para colocar o resto da roupa, escovar-me e, sem seguida, estava no carro dando a partida, sabendo que, possivelmente com aquele barulho, Isabela despertaria.

# 26.

O hospital de Santo Antônio da Patrulha não passava por bons momentos. O grupo que o administrava agora estava sem pagar os salários de vários funcionários. Então, o clima lá dentro não era muito bom. Meus pagamentos, no entanto, estavam em dia. Comecei a trabalhar na instituição quando ainda era comandada por outro grupo, sendo que o atual também me quis. Não havia muitos enfermeiros na instituição, e sim técnicos de enfermagem, o que ocorre na maioria dos hospitais. Por isso, eu me sentia pressionado por ser responsável por tantas coisas. Mas não havia jeito: vida nova, emprego novo.

Dei “bom dia” a todos que encontrei a caminho da minha sala. A maioria retribuiu o cumprimento com alegria, mas algumas caras fechadas me olharam. No geral, eu era bem querido no trabalho. Às vezes, até me espantava com a paciência que tinha, coisa adquirida ao longo de muitos momentos ruins vividos. A janela maior da sala dava para uma grande escola que ficava do outro lado da rua. Antes de me acomodar na cadeira, vi dois alunos pulando o muro dela. Em qualquer cidade, a rebeldia sempre estava presente.

Santo Antônio da Patrulha era um município pequeno. Ficava no litoral norte do Rio Grande do Sul. Quando eu e a mãe nos mudamos para cá, confesso que eu tinha poucas expectativas. Pensei que seria ainda mais difícil lidar com ela aqui. Imaginei pessoas não muito receptivas, com olhares tortos e mentes

nada abertas. Entretanto, não foi bem assim. O fato de ser novo no local, talvez, tenha ajudado. Sem falar que as pessoas pouco se importavam (na minha frente, pelo menos, não) com a doença da mãe. Vez que outra, eu até usava um “tu” para tentar me adequar à região, mas o meu “você” não enfrentava problemas.

A manhã transcorreu bem. Nada de grave aconteceu. Perto das 11h, lembrei que tinha de ligar para Rosimeri, o que fiz prontamente. Avisei que almoçaria fora, a fim de poder voltar mais rápido para o trabalho. De novo, fui a um restaurante que ficava na Avenida Borges de Medeiros, tradicional via da cidade, conhecida por suas casas de colonização açoriana. O diretor do hospital acompanhou-me, o que não foi bom, pois ficou o tempo todo falando das dificuldades financeiras da instituição. A mim, só restou concordar e lamentar, não necessariamente nesta ordem.

Pela tarde, entrevistei cinco candidatos a técnicos de enfermagem: três homens e duas mulheres. Como queriam as vagas, todos falaram que estavam cientes dos possíveis atrasos salariais. Fiquei um tanto constrangido, porém nada comentei. Não podia confirmar coisas desse tipo. Na verdade, eu não tinha poder de contratação, mas a administração achava melhor assim, a fim de dar importância à parte técnica. Levando os currículos e as entrevistas em conta, por volta da metade da tarde, deixei a indicação das duas mulheres na mesa da diretora. Elas me pareceram mais experientes, embora os homens tenham aparentado ser mais simpáticos.

Como eu sempre tinha horas trabalhadas a mais, conseguia sair mais cedo em alguns dias. Às 16h15, comecei a guardar minhas coisas na pasta quando recebi a mensagem de Elias no celular. Por sinal, estranhei que só agora ele tivesse entrado em contato. “Já

decidiu o que vamos fazer hoje? Não banque o bom funcionário para trabalhar até mais tarde. Quero vê-lo. Beijos.” Só pensei que precisava ser educado na resposta.

# 27.

**E**ntrei no carro e fiquei pensando no que escrever a Elias antes de dirigir. Realmente, eu não queria vê-lo hoje. Embora o dia tenha sido bom no trabalho, uma coisa me intrigava: aquele sonho maluco de manhã, no qual minha mãe tentava me matar. Seria possível? Um dia, ela teria vontade de fazer isso? O mais estranho é que parecia que eu já havia sonhado aquilo antes.

Elias era médico geriatra. Tinha 11 anos a mais do que eu e, assim como eu, não era de Santo Antônio da Patrulha. Morava em Porto Alegre, de onde vinha duas ou três vezes semanais. Nós nos conhecemos na segunda ou terceira semana depois que eu tinha chegado a Santo Antônio. Eu e a mãe fomos a uma clínica, e ele era o médico da área. O resto ocorreu naturalmente: troca de números de telefones, mensagens, jantares, etc. Ele atendia Isabela muito bem, era um ótimo profissional. Eu nada falei a ela sobre nós dois, mas, por vezes, penso que ela desconfiava ou tinha certeza absoluta. De toda maneira, julguei ser melhor não perturbar ainda mais sua mente esquizofrênica. Já bastavam as coisas ocorridas no passado. Naquela época, ela não lidou bem com o fato de... de... bem, de eu ser assim. Hoje, seria diferente? Não quis arriscar.

“Isabela não se sente bem hoje. Infelizmente, terei de ficar com ela. Espero que entenda. Ligo para você à noite ou amanhã. Beijos.”, foi o que respondi em mensagem. Esperei que a visualização ocorresse, na tentativa de obter algum retorno, mas nada: nem

ameaçar digitar ele o fez. Melhor assim. Se ficou chateado, eu nem ligaria à noite. Dei a partida no carro, já pensando em qual padaria eu passaria para levar umas guloseimas para casa. Havia tantas tão boas na cidade, e era tudo tão perto. Eu gostava bastante de morar num município interiorano.

Assim que tirei as coisas do carro, forcei bem os ouvidos para escutar algum som vindo de dentro do apartamento. Nada ouvi. Normalmente, Rosi e a mãe estavam vendo TV ou tendo algum tipo de discussão.

- Olá! Há alguém morando neste lar?

- Mais baixo, seu Davi! Faz pouco tempo que consegui acalmar sua mãe.

- O que houve, Rosimeri?

- É que, é que...

- Não precisa enrolar, conte logo, aproveite que cheguei mais cedo!

- Ela teve uma crise terrível hoje.

Quase não acreditei em Rosi, porém a leve tremedeira das mãos dela confirmava o acontecido. Era uma notícia péssima, pois fazia meses que a mãe nada tinha crises. Encostei-me na bancada da cozinha, o coração começou a acelerar.

- Fale tudo. Preciso de detalhes para contar à psiquiatra depois.

- Isabela estava aqui embaixo vendo TV, eu estava lá em cima guardando umas roupas. Devo ter ficado por uns 10 minutos lá, não mais do que isso. De repente, ouvi barulhos altos, como se coisas fossem tiradas das gavetas e jogadas ao chão.

Neste instante, automaticamente, passei os olhos pelo chão na tentativa de ver isso. Todavia, na certa, Rosi já havia dado um jeito.

- Quando desci, sua mãe estava, de fato, jogando panelas e talheres no chão. Ela bufava, estava com muita raiva.

A cena deixou-me perplexo. Como podia aquilo ocorrer exatamente como aquele pesadelo que eu havia tido de madrugada?

- E ela dizia alguma coisa?

- Nada muito certo. Só dizia “essa não, essa não, essa não serve” e ia pegando mais objetos.

- E depois disso?

- Bem, eu fiquei com muito medo por causa das facas.

- Você deixou a gaveta das facas destrancada, Rosi? Eu já lhe disse para...

- Calma, Davi, é claro que não deixei.

Uma das precauções que eu precisava ter com a mãe era não deixá-la em contato com nada que pudesse feri-la ou ferir alguém.

- Então, por que o medo das facas?

- É que ela mexia em tudo com tanta força, que pensei ser possível abrir a gaveta.

Meu Deus! A essa altura, o coração já estava quase na boca. Se Rosi relatou isso, é porque a cena havia sido muito grave e até triste.

- Como você a acalmou?

- Graças a Deus, do nada, ela ficou quase imóvel, era como se tivesse voltado a si, olhou para mim, olhou ao redor da cozinha, deu uns passos em minha direção e perguntou o motivo daquela bagunça toda.

- E você, o que fez?

- Respondi que eu havia sido distraída, mas que já arrumaria tudo.

Rosi era muito boa nisso. Ela entrava nas viagens

de Isabela e conseguia manter-se calma e firme.

- Ela disse que estava cansada, e eu a levei ao quarto. Providenciei aquele calmante mais fraco, e ela dorme agora, como o senhor pode ver.

Minha reação foi dar um abraço em Rosi. Ela merecia isso. Merecia muito mais, aliás.

- Obrigado, Rosimeri. Não sei o que seria de mim sem você. Ainda não está na sua hora de ir, porém, devido ao que passou hoje, já pode. Vá descansar.

- Tem certeza, seu Davi?

- Sim, Rosi, o “senhor” e “seu” Davi tem certeza.

Ela abriu um leve sorriso, entendendo a questão da formalidade, afastou-se de mim e foi arrumar suas coisas. Assim que fechei a porta, refleti que foi melhor não ter marcado nada com Elias. A tardinha e a noite seriam de vigília.

# 28.

**C**ertifiquei-me de que Isabela estava realmente dormindo antes de ir ao banho, o qual foi bem rápido. O medo de que ela despertasse e tivesse uma reação inesperada corroía-me. Depois de vestido, ainda com o cabelo molhado, fui para o quarto dela. Havia uma enorme poltrona ao lado da cama; era de uso de quem estivesse de olho na mãe, quase como se fosse um quarto de hospital caro. Sentei-me nela e fiquei distraíndo-me no celular. Vez que outra, a mãe se mexia, parecia que iria acordar, mas era tudo alarme falso. Permanecia dormindo. Será que sonhava? Com o quê? Levantei-me, escovei os dentes, peguei um cobertor leve e voltei ao quarto. As notícias do dia já estavam me cansando no telefone...

- *Davi! Davi! Acorde, homem! Quero falar com você!*

- *Oi, mãe! O que houve? Você está bem?*

- *É claro que estou. Por que não estaria?*

- *É que... é que... hoje, mais cedo...*

- *Não venha com ladainhas. Poupe-me de mais histórias. O que você está fazendo aqui? Será que, depois de adulto, voltou a sentir medo de ficar sozinho em seu quarto?*

- *Não. Fiquei aqui para saber se a senhora não... não...*

- *De novo a mesma mania: engasgando e não concluindo as falas. Parece uma criancinha temendo a reação de gente grande. Levante-se! Saia daqui! Volte a seu quarto!*

- *Mãe, você disse que eu tinha medo de ficar sozinho em meu quarto quando era menor, porém isso nunca ocorreu. Eu sempre... sempre...*

- Sempre o quê? Sempre dependeu de mim para tudo?  
- Mãe, na verdade, era você que dependia de mim, assim como depende agora. Eu me preocupo com o fato de... de...

- Chega de mentir, homem! Fiquei até com vontade de rir quando disse que nunca teve medo de estar só em seu quarto. Quantas vezes tive de ir até ele por que você chorava e gritava?

- Eu... eu não me lembro disso.

- Claro que não! Não vai admitir que era um medroso, que não tinha força para superar seus medos.

- Mãe, você está sendo rude. E isso não é verdade!

- Não é verdade o fato de eu depender de você! Aliás, nunca dependi. Você não se desgruda de mim, e eu que sou a dependente?

- Você está confundindo tudo.

- A única confusão que haverá aqui será uma surra bem dada em você se não se levantar já! Davi, Davi, está ouvindo?

Acordei, sentindo o leve chacoalhar em meus ombros.

- Davi, está tudo bem? Você está suando?

- Mãe, eu... eu...

As palavras fugiam de mim. O sonho emendou com a vida real, mas eu ainda estava nele. Fiquei atordoado com aquelas imagens e com aquela conversa. De fato, nunca tive medo de ficar sozinho. Além disso, sempre cuidei de Isabela. Lembro como se fosse hoje: acordar no meio da noite com algum surto dela, mexendo naquela maldita mala, rasgando fotos e guardando pedaços delas. E eu era tão novo. Como consegui passar por tudo aquilo?

Ela puxou o cobertor de cima de mim, jogou-o na cama e fez menção de me puxar pelas mãos. Evitan-

do que ela se esforçasse demais, eu mesmo me levantei, retribuindo o toque de suas mãos.

- Quis ficar aqui hoje para velar seu sono, mãe.

- Oh, querido, não precisava. Está tudo bem comigo. Você passa o dia fora e, quando tem tempo para descansar, ainda quer cuidar de mim. É muito bondoso.

Isabela abraçou-me. De início, eu não consegui retribuir tal gesto. Estava perdido nos acontecimentos. Mas decidi tocar de leve em suas costas.

- Mãe, como foi seu dia? - Perguntei na esperança de que ela soubesse algo sobre seu surto.

- Deixe-me ver. - Ela enrugou um pouco mais a testa e dirigiu-se à porta do quarto. - Não houve nada de anormal. Passei o dia vendo televisão e conversando com a Rosimeri.

A verdade é que ela não se lembrava de nada de ruim. Concluí que era algo bom. Fiz uma anotação mental para avisar Rosi sobre isso, a fim de que ela não tocasse no assunto.

- Agora, venha. Vou esquentar um leite para você. Vai tomar e irá já para cama. É muito tarde.

Passei os olhos no celular. Eram duas e quinze da manhã.

- Não se incomode, mãe. Vou direto dormir. E você, o que fará? - Perguntei já preocupado com o fato de passar o resto da noite em alerta.

- Estou com um pouco de fome. Vou comer algo e vou me deitar de novo. Acordei, mas ainda estou cansada.

Isso era muito bom, pensei. Decidi dar um voto de confiança a ela. Descemos para a cozinha, bebi o leite e comi dois biscoitos amanteigados, eu os havia trazido à tardinha. A mãe comeu mais do que eu:

quatro, se não me engano. Subimos juntos para nossos quartos. Despedimo-nos, fechei a porta do meu quarto e fiquei em silêncio até ouvir o mesmo da parte dela. Depois de uns dez minutos, fui até lá. Ela já estava ressonando. Ufa! Vou aproveitar este restante de horas.

# 29.

Como era de se esperar, eu estava muito cansado no dia seguinte. Mas isso era compensado pelo fato de Isabela ter dormido bem até Rosi chegar de manhã. Nem dei muitas instruções a ela, pois estava um pouco sonolento e com mau humor. O mesmo ocorreu no trabalho: desempenhei minhas funções sem muitos sorrisos, sem muita conversa.

O mau humor era causado por não ter dormido muito, porém o cansaço não era só por isso, chegava a ser um cansaço mental, beirando um esgotamento. Tantos anos com este fardo em minha vida. Todavia não tinha como eu me eximir de tal responsabilidade. O que seria da mãe sem mim? Mais uma vez, a lembrança do sonho (em que Isabela dizia que eu era o dependente, e não ela) me veio à mente. Quanto absurdo!

Precisei tirar os pensamentos relativos à mãe da cabeça, a fim de me ocupar com outro nome: Elias. Eu não estava dando a atenção que ele merecia. Ele insistia em me ver, mas eu, ultimamente, andava negando. Isso tinha que ser resolvido. Fiquei com medo de ligar, então, no meio da tarde, preferi mandar mensagem:

Olá, meu médico preferido! Como está? Espero que bem. Espero que tenha entendido (de novo) minha situação com a mãe. Por causa dela, não pudemos nos ver. Beijos.

A resposta não tardou muito. Ele não deveria estar com consultas hoje:

Tudo bem, amor. Eu sempre entendo. Tudo certo para hoje à noite?

Primeiro, fiquei espantado com a compreensão dele. Como podia existir alguém assim? Quisera eu poder ser deste jeito. Depois, reparei no uso da palavra “amor”; eu nunca a usava. Por fim, busquei em minha mente o que poderia já estar marcado para hoje à noite. Não conseguindo resultado, tive de prolongar a conversa:

Creio que sim, mas preciso que você refresque minha memória...

Elias continuou:

Imaginei que você tivesse esquecido. Que coisa feia! Hoje começa aquele festival de música aí em Santo Antônio. Eu comprei ingressos para a primeira noite.

Era verdade. Eu consegui esquecer por completo isso. Mas, como ele disse que os ingressos já estavam comprados, eu não podia dizer “não”. Tive de responder:

Ok. Falo com a Rosi para posar lá em casa esta noite. Até mais!

A resposta de Elias foi apenas uma figurinha. Imediatamente, liguei para Rosi, a qual disse que o

dia estava sendo calmo com Isabela. Pedi a ela que ficasse lá esta noite, ou que pelo menos ficasse até eu voltar do tal festival. Por sorte, ela não tinha compromisso nesta sexta-feira e disse que uma graninha a mais não faria mal. Que bom.

Troquei poucas palavras com a mãe e, também, com Rosimeri quando esta chegou. Ela sabia de meu relacionamento com Elias, mas nunca havia falado nada para Isabela. Para esta, quando eu não estava em casa à noite, era porque fazia plantão no hospital.

Elias chegou no horário marcado. Estava animado por ir ao festival. Falou-me dele, o que já me fez não o curtir muito, já percebi que eu odiaria aquelas músicas. Entretanto, fingi interesse, pois ele merecia um pouco mais de atenção minha. Rumamos para o evento.

Minha primeira impressão confirmou-se: detestei a maior parte das apresentações. Não fossem alguns números de dança entre uma canção e outra e a apresentadora que era muito bonita e simpática, eu teria dormido lá. Elias, contudo, mostrou-se interessado o tempo inteiro. Aplaudiu muito os músicos e comentou comigo o que mais chamou sua atenção. Fiquei feliz por isso. Pelo menos para um, foi agradável.

Depois, fomos para um bar localizado na Cidade Alta. Era como se fosse um pós-festival. Outros músicos estavam lá. De novo, a maior parte das músicas não me contentou, porém aproveitei para me deixar levar pela gula e aproveitar algumas opções do cardápio. Elias perguntou-me se poderia beber. Entendi na hora: queria saber se ficaria em Santo Antônio comigo aquela noite, ou se teria de voltar para Porto Alegre. Sei que o certo seria eu o ter deixado abusar um pouquinho do álcool, mas eu realmente não estava no clima para ficar com ele depois.

- Acho melhor não. Você terá de dirigir de volta para casa.

Na hora, seu comportamento mudou.

- É sério isso, Davi? Estamos há dias sem nos ver e, mesmo assim, não ficaremos juntos hoje?

- Elias, não consegui que Rosi ficasse a noite inteira lá em casa. O combinado é que, assim que eu voltar, chamar um táxi para levá-la embora.

Claramente, menti, já que Rosi disse que, por ela, tanto fazia ficar algumas horas ou a noite inteira.

- E por que não me contou isso antes?

- Bem, eu não achei necessário. O compromisso era o festival. Já fomos a ele.

- É muita consideração de sua parte, Davi. Devo agradecer muito a você por isso.

Elias levantou-se bruscamente e foi ao banheiro. Que droga! O que poderia fazer para compensar minha decisão?

Assim que ele voltou, sentou-se e convidou-me a ir embora do local.

- Vamos. Já são duas e meia. É tarde.

- Sim, até porque tenho uma autoestrada pela frente.

- Elias, ficaremos longe por pouco tempo. No domingo, Rosi ficará com a mãe. Lembra que intercalamos os dias do fim de semana? Desta vez, ela vai no domingo.

- Eu terei de voltar a Santo Antônio?

- Não. Eu irei vê-lo em Porto Alegre.

- Bom, isso já me alegra um pouco.

O trajeto até meu apartamento foi praticamente em silêncio. A exceção foi o rádio ligado na metade do caminho. Despedimo-nos e, mais uma vez, vi

o descontentamento no rosto de Elias. De qualquer forma, o “não” já havia sido dito. No outro dia, pensei, tudo melhoraria. Entrei em casa e fui direto ao quartinho de Rosi. Ficava no primeiro andar. Bati levemente na porta.

- Está acordada?

- Pode entrar, seu Davi.

Rosi não estava com roupa de dormir, o que indicava que poderia querer ir embora. Mesmo assim, perguntei se preferia ficar ou ir para a casa dela.

- Prefiro ir. Preciso pagar duas contas ainda de manhã.

- Tudo bem. Vou ligar para o táxi.

# 30.

**I**sabela passou o sábado bem. Levei-a para fazer compras pela manhã e, depois, almoçamos fora. Pela tarde, vimos juntos um filme antigo. Sequer lembro o nome dele, pois dei várias cochiladas. A mãe tomou seus remédios diários, não reclamou disso, e eu agradei aos céus por tudo estar tão calmo com ela.

No domingo, não vi Rosi chegar. Acordei um pouco depois das nove. Tomei café demoradamente sozinho (Isabela estava tomando um pouco de sol, enquanto Rosi ajeitava algumas coisas no quarto dela). Depois, também de forma demorada, tomei banho. Dei as instruções de sempre para Rosi e fui a Porto Alegre, onde, certamente, teria de conversar bastante com Elias.

Ele já havia me mandado mensagens de manhã confirmando minha ida. Na certa, estava com medo que eu desistisse, o que eu não poderia fazer, pois, na sexta-feira, eu o deixei frustrado. Disse a ele que chegaria próximo do meio-dia e que não entraria em seu apartamento. Pedi que ele descesse e que fôssemos almoçar em algum shopping center. Deste modo, se a conversa ficasse mais séria, ele não se exaltaria tanto devido às pessoas ao redor.

Chegamos ao local por volta de uma da tarde. Havíamos trocado poucas palavras no carro, mas eu percebi que o humor dele estava bom. Como não estávamos com vontade de comer algo mais elaborado, contentamo-nos com cachorros-quentes. Ficamos na parte mais cheia da praça de alimentação e, com fre-

quência, prestamos atenção a algumas atitudes engraçadas das pessoas.

- Bom que conseguiu um tempo para mim, senhor enfermeiro - disse ele num tom crítico.

- Ora, Elias, você sabe como minha vida é complicada. Tenho um grande fardo, o qual você conhece desde quando vim aqui para o Rio Grande do Sul.

- Eu sei, eu sei. Entendo isso, porém você há de concordar que sinto sua falta. - Ele ergueu uma das mãos para tocar a minha em cima da mesa, mas, por precaução, desistiu de fazer isso. Elias era muito discreto assim como eu, o que era um pouco ruim, ambos já adultos ainda se importando com a opinião alheia.

- Sei disso, Elias, e tento fazer o possível.

- Pensei que você diria que também sente minha falta...

Fiquei sem ação. O certo seria eu dizer isso, sim. Mas sabia que não nutria tantos sentimentos por Elias quanto ele por mim. Fui obrigado a mentir para não deixar a situação mais constrangedora.

- É claro que eu sinto. Só acho que, ao longo dos anos, com toda a desgraça que vivi com a mãe, meio que me tornei rival dos meus sentimentos afetivos.

- Disse isso e fiquei repetindo a palavra "rival" na minha cabeça.

- Tudo bem, Davi. Não vou cobrar nada de você. Vamos ver algum filme?

- Não estou muito no clima para isso. Vamos dar uma olhada em algumas vitrines. De repente, eu compro algo branco para mim, para variar. - Dei um leve sorriso, o qual foi retribuído por um dele. Levantamo-nos e saímos a passos lentos da praça de alimentação.

Nenhuma roupa me agradou nas lojas, o que foi raro, eu sempre encontrava algo para comprar. Sendo assim, decidimos ir para o apartamento de Elias, o que, sem trânsito, levou uns 20 minutos. Ele conseguia ser mais organizado do que eu. As coisas em seu lar eram milimetricamente ajeitadas. Tudo era muito planejado. Eu sentia até um pouco de receio ao entrar lá, cuidando para não desarrumar algo, mesmo ele já tendo me dito diversas vezes “sinta-se em casa”.

- Elias, parece que seu apartamento está ainda mais organizado, como se isso fosse possível - disse isso fazendo uma pose desajeitada e olhando para todos os lados para interpretar (brincando) o medo de me mover ali dentro.

- Deixe de ser engraçadinho. Você sabe que pode fazer o que quiser aqui. É importante para mim que você se sinta bem.

- Não pude evitar a brincadeira. É que você é, realmente, rival da bagunça. - Novamente, a palavra “rival” ficou ecoando na minha cabeça.

Elias foi ao banheiro, e eu decidi tirar os sapatos. Deixei a carteira, a chave do carro e o celular em cima da mesa, não sem antes conferir se havia alguma mensagem de casa. Nada. Bom sinal. Sentei-me no grande e confortável sofá da sala e fiquei à espera de Elias. Ele voltou sem o casaco e, também, sem os sapatos. Caminhou até o sofá, mantendo os lábios entreabertos e sentou-se de frente para mim em cima de minhas pernas, colocando as suas uma de cada lado, segurou meu rosto e deu-me um beijo tão intenso que fiquei sem fôlego. Isso me fez perceber o quanto Elias gostava de mim, o quanto eu era bem quisto e desejado por ele. Pensei em me esquivar do que viria em seguida, mas fiquei contagiado por sua excitação. Ele tirou meu casaco com pressa, jogando-o para trás do sofá; em seguida, puxou minha blu-

sa, desarrumando meu cabelo e tornando-me muito sexy. Ao mesmo tempo em que me beijava, passava suas mãos em meus braços, peito e pescoço, apertando-as em certos pontos. Saiu de cima de mim, ficando de pé e tirando sua blusa. Embora fosse anos mais velho do que eu, Elias tinha o corpo bonito. Não era malhado; todavia era extremamente sensual e muito gostoso de pegar. Ele lançou as mãos para abrir a calça jeans, que já estava apertada por conta de seu desejo. Neste momento, eu o impedi, já que queria fazer isso por mim mesmo. Sentado, tirei sua cinta e abri o zíper, puxando o tecido até seus pés; ele se desvencilhou dela ligeiramente, lançando-a para o lado. Ficou parado em minha frente, esperando o óbvio, porém resolvi demorar um pouco mais e levantei-me, a fim de também tirar minha calça. Toquei seu peito, empurrando-o um pouco para trás; ele estava muito ofegante. Balancei a cabeça negativamente como sinal de que deveria aguardar. Ao contrário do que fiz com ele, liberei-me da calça lentamente, provocando-o mais. Ao me ver todo nu, ele sussurrou: “Eu adoro seu corpo.” Dei um meio-sorriso e fui em sua direção. No entanto, neste momento, em que ambos estávamos muito excitados, a palavra “rival” voltou a minha mente acompanhada de uma dor de cabeça. Tentei não pensar nela, focando minha atenção no corpo de Elias, mas era inútil. A palavra parecia ser pronunciada por uma voz feminina, o que me remetia à mãe, ao passado e a seus surtos graves quando eu era adolescente. Imediatamente, frustrei as vontades de Elias, afastando-o de mim. “Não posso, não consigo, desculpa”, disse, enquanto pegava minhas roupas do chão e dirigia-me ao banheiro. “O que houve, Davi?”, ouvi Elias dizendo quando bati a porta atrás de mim. “Não venha, por favor!”, gritei de dentro. A dor de cabeça que havia começado na

sala se intensificou, e minha visão começou a ficar turva. Senti que iria desmaiar, por isso, já me sentei no chão frio...

- *Você está se achando rival do quê ou de quem, Davi?*

- *Mãe, como a senhora pode estar aqui dentro?*

- *Ora, está com vergonha por que está nu? Não esqueça que eu o criei, não há nada que já não tenha visto.*

- *Esta palavra não sai da minha cabeça. Você tem algo a ver com isso?*

- *Por que eu teria? Por acaso sou sua rival?*

- *Não quis dizer isso, mãe. Na verdade, eu... eu...*

- *Não consegue dizer que me ama, Davi? Seu pai também não conseguia.*

- *Você me confunde. Acho que não quer o meu bem.*

- *E o que seria esse bem? Seu namorado mais velho? É uma vergonha ver vocês dois juntos!*

- *Mas, mãe, eu tentei evitar, tentei evitar.*

- *Imagino o quanto tenha tentado, vi você se esfregando nele há pouco tempo; infelizmente, vi isso.*

- *Mãe, eu não sei o que dizer...*

- Davi! Davi! O que está acontecendo? Abra já esta porta!

Despertei ao sentir o solavanco da porta atrás de mim. Levei uns segundos para identificar a voz de Elias. Fiquei de pé e notei que minhas roupas estavam espalhadas pelo chão. Mesmo nu, abri a porta e vi a feição de espanto de Elias.

- Ocorreu algo? Você não me quer mais?

- Elias, eu peço desculpas. Estou um pouco confuso.

- Que está confuso, eu sei. Você ficou trancado nesse banheiro por vários minutos, sem fazer nenhum som.

Foi então que me dei conta do que estávamos fazendo antes.

- Abrace-me, Elias, por favor. Preciso de você.

Na hora, ele relaxou o rosto e envolveu-me ternamente.

- Estou aqui, está tudo bem.

Comecei a chorar sem saber o motivo ao certo.

# 31.

**E**lias insistiu que eu ficasse em Porto Alegre e voltasse para Santo Antônio somente pela manhã, mas isso não foi possível. Rosimeri estava cuidando da mãe e terminaria seu dia às 18 horas. Desta forma, fui obrigado a retornar, não sem antes prometer a Elias que o manteria informado sobre meu estado. “Preocupação boba”, pensei. Foi um leve desmaio devido ao estresse na certa.

Quando cheguei a casa, antes mesmo de descer do carro, mandei uma mensagem a ele dizendo que estava tudo bem, que eu tomaria banho e dormiria cedo. “Ainda estou preocupado. Qualquer coisa, ligue. Amo você...”, disse ele em resposta. Fiquei a pensar naquele “amo”, se deveria ou não retornar algo. Na dúvida, não o fiz. Entrei em casa (já eram 18h10min). Rosi já estava vestida para sair. Ela e a mãe estavam tomando chimarrão, bebida típica gaúcha.

- Vocês ainda insistem nessa água quente?

- Não é só água quente, seu Davi. Há erva mate e alguns chás nela.

- De qualquer forma, ainda é uma água quente. Como passaram o dia?

- Que bom que veio cedo, filho! Pensei que o plantão fosse até mais tarde - disse Isabela, deixando-me triste por, mais uma vez, estar mentindo a ela. Rosi olhou-me de canto, denotando sua frustração também.

- Consegui liberar-me mais cedo. Assim, poderei passar mais tempo com a senhora.

- Então, vou querer ver outro filme antigo, certo?

Torci a boca mentalmente, eis que não era muito fã desses filmes dos quais a mãe gostava.

- Claro, mãe, claro.

- Bom, agora que estão todos em casa, são e salvos, eu posso ir.

- Sim, Rosi, não só pode, como deve. Já trabalhou demais.

Rosimeri deixou-nos e, em seguida, vendo que estava tudo bem com a mãe, fui ao banho. Precisava de um bem demorado, mas, como ela disse que queria assistir ao tal filme, apressei-me para ficar ao dispor dela. Preparei dois potes de pipocas (Isabela comia sempre as de gosto mais forte, como bacon e queijo, já eu preferia a natural), e sentamo-nos esparramados no sofá. Meus olhos estavam na tela, porém meus pensamentos não. Ter feito aquela cena com Elias deixou-me muito envergonhado, coisa de adolescente que não sabe o que quer da vida. E o pior foi ver sua frustração com o ocorrido e, depois, sua preocupação comigo. “Ele, realmente, é uma boa pessoa, eu deveria me dedicar mais a ele”, balbuciei sem me dar conta.

- Disse algo, Davi?

- Foi só uma anotação mental de uma coisa que tenho a fazer amanhã no hospital.

- Você trabalha demais, filho. Relaxe um pouco. Preste atenção no filme. Vê como se vestiam bem naquela época?

- Bem até demais, muita roupa para um clima quente.

A mãe balançou a cabeça em desaprovação e tornou a mirar a TV. Eu continuei a fazer-lhe companhia, mesmo com o pote de pipocas vazio.

Jantamos sanduíches com refrigerante. Aliás, era a segunda vez no dia em que eu tomava isso. Não podia abusar, ainda mais depois de ter visto o corpo de Elias que, mesmo com dez anos a mais do que eu, mantinha-se esbelto. Despedi-me da mãe, que foi sozinha ao quarto. Claro que conferi como ela estava depois. Tudo em ordem. Fui para meu quarto, e o sono não tardou desta vez.

A segunda-feira passou voando. Quando me dei conta, o expediente estava no fim, e algumas tarefas ainda ficaram para o dia seguinte. Havia um falatório no hospital devido a um processo licitatório irregular e a possível ocorrência de uma investigação. Não me deixei levar por nada, até porque eu era relativamente novo ali. Então, fiz meu trabalho e fui embora.

A terça-feira também foi corrida. Sequer consegui almoçar direito, pedindo um lanche ao meio-dia. Tinha decidido arranjar horário na agenda para frequentar uma academia. Eu não podia descuidar do corpo, ele já não era como antes. “À noite, vou me programar para algo, preciso de duas ou três vezes por semana”, pensei quando o celular tocou. Era o número de casa.

- Seu Davi, é a Rosi, tudo bem?

- Comigo sim, e com vocês?

- Pois é, queria falar com o senhor...

- Rosi, não me poupe de nada. O que aconteceu de grave?

- Não, não se preocupe, não é nada grave. Ainda não.

- Rosi, fale logo!

- É que encontrei um objeto nas coisas de sua mãe. Não sei como foi parar ali. O senhor tem como

chegar mais cedo?

Rosimeri tinha conseguido dispersar minha atenção nas últimas horas do trabalho. Tão logo ele terminou, fui rapidamente para casa. Lá chegando, eu a vi esperando na porta. Certamente, não queria conversar na frente de Isabela.

- E então, Rosi, do que se trata?

- Seu Davi - aquele "seu" sempre me incomodava, mas eu havia desistido de dizer a ela para não falá-lo -, achei isso na última gaveta da cômoda de sua mãe.

Rosi entregou-me, discretamente, o objeto enrolado num pano de louça: uma tesoura toda metálica.

- Eu cuidei para não deixar nada que pudesse ferir a mãe em lugar de fácil acesso dela. Como foi parar na cômoda?

- Não sei, seu Davi, não sei. O senhor sabe que eu tomo conta de tudo. Não fui eu, juro.

- Por algum descuido, Rosi, será? Será que precisou cortar algum tecido ou papel e guardou lá sem perceber?

- Seu Davi, quando preciso de tesoura, uso aquela pequena do cabo de plástico guardada na gaveta dos talheres, que fica trancado. Não imagino como essa tesoura grande veio parar aqui no apartamento.

- Eu não a trouxe, tenho certeza. A mãe não saiu de casa sozinha. Qual a explicação?

- Olhe, seu Davi, já disse que não fui eu. Agora, se o senhor não acredita em mim, tudo bem, pode me demitir.

Percebi que ela tinha ficado muito nervosa e apreensiva. Eu confiava em Rosi, ela não seria capaz disso. Em todos aqueles meses juntos, nunca pude me queixar dela.

- Desculpe-me, não quis acusá-la, só fiquei preocupado. Onde ela está agora?

- Está lendo no quarto.

- Correu tudo bem hoje?

- Sim, tudo normal. Ela não viu a tesoura.

- Isso é bom, Rosi - guardei o embrulho na minha pasta. - Pode ir. Obrigado por me contar sobre o objeto e, mais uma vez, peço desculpas.

Ela assentiu com a cabeça, o que demonstrou que ficou chateada com minha acusação. Assim que saiu, tranquei a porta e fui ver a mãe: tinha cochilado, e o livro estava caído sobre seu peito.

Depois de mostrar aquilo, já em casa, tomando seu achocolatado com leite bem quente – fervido no fogão, e não esquentado no micro –, ela só pensava em visitá-lo. Sentia que queria. Queria sentir. Tudo junto. Mas chovia. E chovia muito. Era uma sexta, já nove da noite. “Vou? Será?” Antes de pensar, já tinha decidido.

Lembrou-se de como as coisas costumavam ser. As noites de sábado tornaram-se especiais. Era quando iam a montês. A cada semana, um diferente. Ela não gostava de rotina. O último havia sido na serra, com estilo rústico, muito aconchegante. Mas a lembrança logo deu lugar a uma ação.

Saiu sem casaco. Uma blusa já desbotada, uma calça jeans justa, sapatos de salto feios, sem sombrinha. O cabelo desgrenhado – com a chuva, ficava pior, ressaltava a oleosidade. Ela nem bola, nem para ela, nem para os curiosos que a olhavam passar. “Vão se ferrar, idiotas!”

Assim foi caminhando por 45 minutos. Ou foram 50? É que atolou o salto e levou um tempo a ajustá-lo. Na frente da porta, hesitou: “Bato? Volto?” Segundos de silêncio antecederam a série de batidas fortes (a campanha estragara). Bateu, bateu. Quis chorar. Bateu de novo. Quando ia dar um soco, ouviu barulho de chave. O rosto dele era de desaprovação total. Pudera: ela uma trapo vivo ali, o que ele pensaria? Bem, ele baixou a cabeça, fez um sinal com a mão (indecifrável para ela) e cerrou a porta.

Ela se sentou no chão, com as costas doloridas escoradas na porta fechada atrás e contra ela. Chorou. Lavou-se mais do que a chuva o fizera. Dez minutos seguintes (ou quinze?), levantou-se, um pouco cambaleando, foi para a rua, não para a calçada, sequer viu o caminhão enorme.

Acordou. Tinha muita luz. Gente ao redor. “O que é isso?” Quis levantar, não conseguiu. Começou a falar (...) Falou de novo (...) Gritou (...) Nada. Pediram calma a ela. Disseram que estava grávida, que precisava do máximo cuidado possível. Ela não acreditava.

# 32.

**D**e depois do ocorrido com a tesoura, os dias seguintes foram calmos, nenhum incidente que pudesse me preocupar. Meu relacionamento com Rosimeri, no entanto, ficou um tanto abalado. Queríamos agir como antes, mas não era mais possível. Senti que ela ficou machucada por dentro depois de minha desconfiança. Entretanto, não tinha como ser de outra maneira. Eu, realmente, fiquei muito preocupado com o achado daquele objeto cortante.

A rotina da mãe estava ótima: cochilos, leituras, filmes, programas de TV, chimarrões, nada de ruim. Sentia que lhe fazia falta alguma atividade física mais intensa a ela, porém temia que, durante, junto a outras pessoas, algum surto ocorresse. Então, ela se limitava a fazer caminhadas pelo bairro acompanhada por Rosi. Quanto a mim, como havia decidido, comecei a fazer aulas com um *personal trainer*. Ficava perto de casa. Se eu estivesse há mais tempo na cidade, na certa, já saberia dele. Não consegui três vezes por semana, pois os horários ficaram incompatíveis. Eram duas vezes apenas (terça e quintas à tardinha), sendo que me propus a fazer uma caminhada aos sábados.

Na terça-feira, foi meu primeiro dia e notei o quanto estava enferrujado. Na quarta, eu ainda sentia as dores do esforço exigido. Mas hoje, quinta, eu não me neguei o desafio. Precisava construir um ritmo bom de exercícios. De fato, tudo foi melhor desta vez; o corpo respondeu melhor ao que foi pedido a ele, sendo que nem suei muito. Mal sabia eu que o exercício de verdade estaria por vir...

Ao término do treino, notei três chamadas de Rosi no meu celular, o qual, por deslize, coloquei no modo silencioso. Assim que me despedi do professor, liguei imediatamente para ela:

- Rosi, o que houve?

- Seu Davi, venha logo, sua mãe não está bem.

Sequer disse algo a Rosi depois de tais palavras, entrei no carro e fui muito rapidamente para casa. Lá chegando, espantou-me o fato de haver silêncio. Eu já esperava por coisas barulhentas. Rosi ouviu-me parar com o carro e abriu a porta para mim. Entrei e nem precisei perguntar o que estava ocorrendo: Isabela andava de um lado para o outro na sala. Rosi, com o fim de seu horário de trabalho e, também, visivelmente nervosa, deixou a casa. Tranquei a porta e comecei a pensar em como agir com a mãe. Não havia outro jeito: tinha de tentar conversar.

- Mãe, você parece nervosa. Posso ajudar?

Silêncio foi o que tive em resposta e mais passos pela sala.

- Mãe, você está muito agitada, precisa se acalmar.

O mesmo continuou a acontecer: nenhuma fala e muitos passos. Então, resolvi ser mais incisivo: segurei-a pelo braço e disse:

- Mãe, chega de caminhar, sente-se agora!

- Não encoste em mim! Quem pensa que é para fazer isso?

- Só quero ajudar; a senhora não está normal.

- E o que você entende de ser normal? Não sou eu que preciso de ajuda, e sim você, que sempre foi dependente de mim.

A frase me acertou em cheio, pois me fez lembrar aquele terrível pesadelo semanas antes.

- Ficou sem palavras, imagino. Mas essa é a verdade: sua dependência por mim me deixa doente, não me deixa ser livre.

- Venha, mãe, sente-se aqui, você precisa de um calmante - insisti de novo, puxando-a levemente pelo braço. Ela se desvencilhou rapidamente e acertou um tapa em meu rosto:

- Já disse para me largar! Sou sua mãe, não vai me obedecer?

Fiquei sem ação. Não sabia mais o que dizer.

- Viu como você é? Não consegue falar. Fica engasgado. Isso me irrita.

Mais uma vez, o pesadelo veio a minha mente. Nele, eu também tinha dificuldades para falar, para expressar o que sentia. Parecia que realidade e imaginação se uniam. Era terrível.

Isabela começou a jogar os objetos da sala no chão, esforçando-se para quebrá-los. Junto com isso, ela gritava e, com frequência, levava as mãos à cabeça. Não se contentando com a sala, foi à cozinha e esvaziou as portas e gavetas que conseguiu abrir. Tudo no chão, tudo se espatifando, e eu sem ação, apenas olhando. Então, ela subiu as escadas. Na certa, queria quebrar coisas dos quartos. Não fui capaz de ir atrás dela. Somente meus ouvidos ficaram à espera, mas isso não correu. O silêncio retornou. Só aí tive alguma reação: correndo, subi as escadas e encontrei a mãe desmaiada ao lado de minha cama. Depressa, fui levá-la e, ao mesmo tempo em que me preocupei com a queda, fiquei aliviado pelo término do surto, mais um em nossas abaladas vidas.

# 33.

**D**ormir foi impossível. Cochilos fizeram parte daquela noite, sempre com medo de algo ruim tornasse a acontecer. Perto do amanhecer, comecei a pensar na possibilidade de internar a mãe. Talvez, isso fosse melhor para ela. Conviveria com outras pessoas, estaria segura, teria medicação e acompanhamento contínuo. “Não, não posso fazer isso, é muito injusto”. Certifiquei-me de que ela estava dormindo e fui ao banho. Um novo dia começava, e o pior já havia passado. “Pensamento positivo, Davi, pensamento positivo!”

Durante a manhã, conversei por mensagens com Elias. Como sempre, eu deixava a desejar em termos de relacionamento, sempre negligenciando momentos bons com ele. Todavia precisava me queixar para alguém e, também, pedir opinião. Como geriatra de Isabela, ele disse que eu deveria interná-la numa clínica e prontificou-se a pesquisar um lugar para isso. Ele havia proposto a mesma coisa no passado algumas vezes. “Posso ligar?”, perguntou ele. Respondi que eu faria isso assim que estivesse num lugar mais tranquilo. Então, saí do hospital e fui até o estacionamento. Já dentro do carro, liguei para ele:

- Estou no carro agora.

- Davi, você sabe que já propus isso mais de uma vez, por que não internar sua mãe? Você não consegue mais dar conta dela. Não percebe que a situação está ficando fora de controle, se é que já não ficou?

- Não é certo isso, Elias. Ninguém vai cuidar melhor dela do que eu.

- Aí é que você se engana. Como não vão cuidar bem dela? Você é enfermeiro, sabe que há boas clínicas. Isabela teria toda a atenção possível.

- Mas não seria a minha atenção. Se eu fizer isso, é como se eu estivesse me livrando de um problema, me isentando de responsabilidades.

- Davi, não vou insistir como antes. Sabe que estou aqui para o que der e vier. Não posso falar muito, tenho pacientes a atender.

- Também preciso voltar ao trabalho. Obrigado por me ouvir.

- Sempre.

Assim que deixei o carro, uma técnica de enfermagem dirigia-se correndo a mim:

- Davi, o médico precisa de você. Naquela ambulância que chegou, estava um homem com ferimentos graves. Venha!

- Claro, vamos ver o que houve.

Como enfermeiro-chefe, por várias vezes, eu não atuava diretamente com os pacientes, apenas supervisionava as atividades dos técnicos e auxiliares. O hospital de Santo Antônio da Patrulha era pequeno e não possuía muitos recursos para atendimento, então, ocorrências muito sérias não eram comuns. No entanto, quando havia necessidade de cuidados diretos a pacientes graves e de maior complexidade técnica (que são aqueles que exigem base científica e que demandam decisões imediatas), eu tinha que atuar, como era o caso daquele momento.

- Então, o que houve? - perguntei à técnica de enfermagem.

- Acidente grave na autoestrada. O carro em que este senhor estava capotou e chocou-se num barranco.

- Devia estar em alta velocidade. Por que as pessoas andam tão rápido?

- Disse o policial que sim e que ele tentou desviar de um caminhão.

- Qual o nome do paciente?

- Davi também.

- Mas este é um Davi imprudente, não é como eu. Vamos ao trabalho.

# 34.

O interior do hospital estava agitado. O médico de plantão, ainda sonolento, recém saído de sua cama, gesticulava para os técnicos. Todos entraram na emergência, e eu fiz o mesmo. De pronto, ele me disse:

- Está claro que não conseguiremos fazer muito por aqui. Não temos nada.

- Imaginei isso. - respondi ao médico - No entanto, vamos fazer um diagnóstico e ver qual hospital de Porto Alegre pode recebê-lo. A ambulância ainda está aqui.

- Isso se tornou quase rotina - ironizou o médico acerca do fato de o hospital de Santo Antônio da Patrulha estar em crise e deter pouquíssimos recursos.

- Creio que há ossos quebrados e muita perda sangue. Ele já é idoso, o que agrava a situação - preocupei-me.

- Pois é. Não será fácil.

- Encontraram os documentos para fazermos o registro?

- Sim, já estão com um técnico de enfermagem.

Quase uma hora depois, com exames feitos e curativos temporários, o paciente teve de ser removido a Porto Alegre. A Santa Casa iria recebê-lo. Precisei acompanhá-lo na ambulância. O relógio marcava 13h12min quando entramos no veículo. Pensei em escrever à Rosi para avisar que, talvez, eu chegaria um pouco tarde, porém desisti disso, resolvi confiar

em um atendimento rápido na capital. Até porque, o paciente não voltaria para Santo Antônio.

Tinha me dado conta de que não havia conferido os dados completos do tal Davi. “Não conheço outro Davi na cidade, o primeiro que encontro é de fora e, ainda por cima, está acidentado”, pensei. No registro, constava Davi Marfin Fonseca. Era de Curitiba, Paraná. “De carro no Rio Grande do Sul? Este deve gostar de viajar”, falei para mim mesmo, refletindo que eu não faria o mesmo devido às horas de viagem e concentração ao volante.

A autoestrada estava livre, o motorista andava com velocidade constante. Embora com duas costelas e uma perna quebradas e tendo perdido sangue significativo, Davi estava estável. Fui conferir a hora no celular quando ele virou a cabeça para mim. “Já de volta a si?”, questionei-me. Olhei para os aparelhos, parecia tudo bem. Notei que ele queria tirar a máscara de oxigênio para dizer algo.

- Davi, estamos encaminhando o senhor a um hospital melhor. Houve um acidente na BR-290. Não faça esforços. Estamos na ambulância. Falta cerca de meia-hora até chegarmos ao destino.

Disse isso e ajeitei a máscara novamente. Ele continuou com a cabeça virada para mim, olhando-me fixamente.

- Imagino que o senhor esteja apavorado, mas vai dar tudo certo. Sou o enfermeiro Davi e vou acompanhá-lo até o fim de sua remoção. Peço de novo: não se esforce.

Foi inútil. Depois de minhas palavras, os olhos do paciente ficaram arregalados, e ele se mexia muito. Suas mãos queriam me alcançar.

- Senhor, por favor, se não parar, terei de sedá-lo mais.

Palavras inúteis novamente. Frente à agitação dele, fui obrigado a aumentar a dose do medicamento, a fim de que se acalmasse. Ainda assim, uma de suas mãos chegou até uma das minhas, apertando-a com força. “Tomara que cheguemos logo, não quero que a situação se complique”, pensei e recoloquei sua mão na maca. Por instinto, creio, acariciei-a como forma de dar a ele algum conforto enquanto a substância agia em seu corpo.

Assim que Davi estava devidamente encaminhado no hospital, decidi comer um lanche antes de voltar para Santo Antônio. Não havia como negar que eu estava intrigado. “Deve ser tudo coincidência, já faz muito tempo”, murmurei para mim mesmo. Fiquei remoendo os ataques de Isabela enquanto falava no outro Davi, o que seria meu pai. Este jamais procuraria a família depois de tudo que tinha ocorrido no passado. Para ele, Isabela e eu não existíamos. Mesmo assim, o fato de o nome do paciente ser Davi e de ter vindo do Paraná (estado de onde eu e a mãe viemos) deixaram-me pensativo. “Tudo bobagem, é hora de ir embora, não há mais o que fazer aqui”, decidi mentalmente.

Assim que paguei a conta, reparei que a técnica de enfermagem que havia atendido Davi caminhava de forma apressada no outro corredor. Não consegui evitar, fui atrás dela. A fim de não demonstrar interesse demais, fiz uma colocação bem informal:

- Agora que já está tudo bem com o paciente, voltarei para Santo Antônio.

- Que bom se fosse assim - respondeu-me ela sem parar de andar, o que me deixou preocupado.

- O estado dele piorou?

- Sim, sim. Perdeu muito sangue. E estamos com

falta do tipo O negativo.

Mais uma coincidência: o mesmo tipo de sangue que o meu. Fiquei uns segundos sem palavras, mas emendei algo óbvio para alguém da área da saúde:

- De fato, só recebe de uma pessoa com o mesmo tipo de sangue.

- Bom retorno a você - disse-me ela já com a mão na maçaneta da porta, momento em que intervi:

- Meu tipo é O negativo e estou há horas sem comer, gostaria de ajudar.

- Sério? Imagino que esteja tudo certo com você, já que é enfermeiro. Vamos já para a coleta!

Enquanto tudo estava sendo providenciado por um outro técnico, aproveitei para mandar mensagem para Rosi, falando de meu atraso em retornar a Santo Antônio. Vi, também, que Elias tinha me escrito, querendo saber como eu estava depois do acontecido com Isabela na noite anterior. Respondi que estava bem, mas ocupado na Santa Casa de Porto Alegre. Ele perguntou se, depois do compromisso, poderíamos nos ver mesmo que por pouco tempo. Quando fui responder, a coleta estava para começar. Guardei o celular, colocando-o no modo silencioso.

Já liberado, sentei-me na sala de espera. Ao tirar o celular do silencioso, vi que Elias tinha me ligado duas vezes. Decidi falar com ele. No segundo toque, ele já atendeu:

- Davi, ainda está em Porto Alegre?

- Sim, acabei ficando mais tempo. Tive de doar sangue.

- Assim do nada?

- É que o paciente que eu trouxe tem sangue O

negativo, o mesmo que o meu, e o hospital não tinha em seu banco.

- Muito prestativo esse enfermeiro. Literalmente, dá o sangue no trabalho! - Elias conseguiu trazer um leve sorriso em meu rosto. - Conseguiremos nos encontrar?

- Acho que não, pois o motorista da ambulância está me esperando, tenho de voltar.

- Não sei por que ainda pergunto se podemos nos ver; isso tem se tornado raro - era notável a frustração dele. - Enfim, como você está depois de tudo?

- Elias, estou muito intrigado. São muitas coincidências num dia só.

- Fale mais.

- É que... Bem, eu acho que...

- Davi, você está me deixando nervoso.

- Acho que esse paciente é meu pai.

Elias ficou em silêncio por um instante, mas logo continuou a conversa:

- Com base em que diz isso?

- Primeiro, porque o nome dele é Davi; segundo, porque veio do Paraná também; e, por fim, porque tem o mesmo tipo de sangue que eu.

- Isso é muito sério. O que pretende fazer?

- No momento, não sei. Quero voltar para casa, ver como as coisas estão lá e colocar os pensamentos em ordem.

- Bom, já que não posso estar com você, espero que fique bem. Se precisar de qualquer coisa, a qualquer hora, entre em contato comigo - como sempre, Elias estava sendo a gentileza em pessoa, era muita atenção da parte dele, o que não se podia dizer da minha.

- Sim, claro, sei que posso contar com você. Temos de marcar a nova consulta da mãe com você também - já desconversei para não me mostrar muito sentimental.

- Quando você quiser. Cuide-se.

- Até mais! - desliguei, já me levantando do sofá.

Antes de sair do hospital, peguei o contato da técnica em enfermagem e pedi a ela que, se possível, me informasse se algo ruim ocorresse a Davi. Parte de mim queria ficar ali, para saber se tudo correria bem. Mas outra parte queria ir embora logo, a fim de não descobrir coisas que, muito provavelmente, abalariam minha vida e, também, a de Isabela.

# 35.

- Pai, está tudo bem? O que faz aqui? - meu pai estava de pé olhando-me dormir. - O que houve, pai? - ajeitei-me na cama e tentei tocar sua mão, ele se afastou bruscamente.

- Onde está sua mãe?

- Deve estar dormindo. Mas vocês não se falam, lembra? O que quer com ela?

- Algo simples: saber como você se tornou isso.

- Isso o quê?

- Não se faça de inocente, Davi - ele disse olhando para o outro lado da cama, onde Elias dormia seminu.

- Pai, eu não sabia que o Elias estava aqui, desculpe-me.

- Não há desculpas para você, mas há outra coisa - disse isso e começou a retirar a cinta da calça nitidamente para me bater.

- Pai, estou grande demais para apanhar, não acha?

- Nunca é tarde para isso. Levante-se, que vou lhe dar uma bela surra! Assim, vai aprender a viver direito!

- Pai, o senhor não pode... Saia daqui, é meu quarto, saia...

- Davi, filho, o que está acontecendo? É um pesadelo apenas. Olhe para mim!

- Mãe, hoje, conheci meu pai, e ele estava internado num hospital em Porto Alegre, mas agora já está aqui e quer me bater! - Não sei como consegui dizer isso a ela, nem sei o porquê de ter dito isso. Quando percebi, o estrago já tinha sido feito.

- Você... você conheceu seu pai?

- Mãe, é tudo um sonho ruim, acho que eu estava delirando - falei e levantei-me para abraçá-la, o que não ocorreu.

- Então, foi isso que você fez o dia todo fora, sequer me ligou, mandou recado pela empregada. Ela merece saber, e eu não, é isso?

- Mãe, Rosi não sabe nada, eu não tive coragem para ligar à senhora. - Mais um furo meu: sem querer, confirmei a história. O pesadelo com meu pai foi tão intenso, que eu ainda me sentia desnorteado.

- Você é muito previsível, Davi. Não passa de um menininho ainda. Nem consegue disfarçar as coisas.

- Mãe, eu já lhe disse: é tudo parte do meu sonho, você não entende?

- Entendo, sim. Entendo que você está escondendo o lindo encontro que teve com aquele crápula. Você sabe o que aconteceu no passado, não sabe? Sabe o duro que dei para criar você, um fardo?

Se eu deixei revelar coisas após um momento tenso, Isabela tinha feito o mesmo: revelou o fardo que sempre fui para ela.

- Na verdade, Davi, seu pai é um rival para mim, ou melhor, para minha vida. O estranho é que eu achava que tinha apenas um rival, mas agora vejo que são dois: você é o outro. Rivais, rivais!

Isabela gritava no quarto, e eu de pé na frente dela sem reação alguma. O que fazer? O que fazer? Quando me dei por conta, ela havia saído, retirado a chave da porta, trancando-a por fora. Corri até ela e bati fortemente:

- Mãe, o que vai fazer? Mãe, abra essa porta! Mãe!

- Rival, Davi. Você é meu rival! - ouvi-a gritar, enquanto descia a escada. Olhei no celular, era madrugada ainda. Para quem eu ligaria? Sem reação de novo, comecei a chorar e a soluçar. Tive de me sentar na cama, pois meu coração estava disparado.

# 36.

**M**inutos passaram-se, consegui me acalmar um pouco e raciocinei: não seria capaz de derrubar aquela porta só com meu corpo, porém poderia arrancar uma porta do *closet* e bater contra ela. Foi o que fiz: aos chutes, retirei uma das portas de correr do guarda-roupa e comecei a bater com ela na outra. Depois de umas cinco tentativas, ela cedeu e fui capaz de derrubá-la a pontapés. Desci as escadas correndo, e a cena que vi foi chocante: Isabela estava sentada no chão da cozinha, a mala preta estava aberta num canto e, ao redor dela, muitas fotos de mulheres. Nas mãos, a mãe tinha uma tesoura e algumas das imagens. Era como se eu tivesse voltado anos de vida quando isso ocorrera em minha adolescência.

- Mãe, precisamos conversar.

De início, ela não respondeu, nem me olhou. Em seguida, cortou as imagens que segurava e, antes que pegasse outras, virou o rosto para mim:

- Sim, precisamos conversar. Aliás, você tem que me contar muitas coisas.

Eu percebi que não adiantava mais tentar esconder dela o fato de ter conhecido o pai. Ela estava muito brava, e eu não conseguia identificar se era um surto, ou se ela estava normal.

- De fato, conheci o Davi, e ele está se recuperando de um acidente.

- Viu como são as coisas? Mesmo sofrendo um acidente, ele não morre. Pessoas ruins não morrem facilmente. Conte como ele nos encontrou.

Isabela usou o pronome no plural, isso queria dizer que, no fundo, pensava que Davi estava à procura dela também. Nada escondi.

- Pela manhã, houve o tal acidente na autoestrada. Ele foi trazido para o hospital daqui, e eu o atendi. Como não temos recursos bastantes, foi removido para Porto Alegre.

Isabela manuseou a tesoura como se fosse uma faca e começou a arranhar o chão:

- Que coincidência linda! Suponho que tenha sido isso que você pensou...

- Na verdade, eu...

- Não me interrompa, não terminei! Seu pai, velho como está, deve ter tido um lapso de remorso e veio atrás do filhinho que desprezou no passado. É uma história muito bonita, deveria estar num livro.

- Na verdade, eu não consegui conversar direto com ele, pois...

- Chega, Davi! Pare de mentir! Você tenta amenizar a situação e, cada vez mais, mostra que eu estou certa!

- Certa de que, mãe?

- De que só tenho rivais nessa maldita vida!

Isabela levantou-se e, com força, atirou a tesoura contra mim. Desviei-me rapidamente, e o objeto foi parar dentro da pia, quebrando dois copos que estavam lá. Fiquei atônito. Não conseguia acreditar que minha própria mãe tinha feito isso.

- Outra coincidência, Davi: a tesoura não quis acertar você. Deve ser por que precisa de mais tempo para usufruir de seu interessado pai.

Ao terminar essa fala, Isabela dirigiu-se a mim como se quisesse me causar o mal que a tesoura não tinha conseguido. Entretanto, no meio caminho, parou:

- Eu... eu... Davi, o que estamos fazendo aqui?

Imediatamente, fui abraçá-la, e ambos começamos a chorar.

- Mãe, está tudo bem. Tivemos uma pequena discussão, mas tudo já se resolveu. Quero que saiba que lhe amo muito.

- Davi, meu filho, eu... eu...

O diálogo encerrou-se ali e, depois de uns segundos, ajudei-a a subir a escada até seu quarto.

# 37.

**A**lguns dias passaram, e a rotina deles foi normal. E o que foi essa rotina normal? Casa, trabalho, casa, Isabela sem surtos e algum contato com Elias. Porém esse contato se intensificaria.

Elias estava mais preocupado com Isabela do que eu, queria antecipar a consulta dela com ele. Geriatria atencioso, ele age quase que como um filho com seus pacientes. A mãe teve sorte por conseguir um médico assim.

Eu deveria me achar sortudo também por ter alguém como ele em minha vida. Depois de conhecer meu pai e de tê-lo internado em Porto Alegre, Elias foi muito prestativo. Esteve no hospital diariamente para conferir o estado de Davi e, quando o mesmo pôde deixar o local, foi Elias que me acompanhou nessa tarefa. A mãe não perguntou mais nada acerca do pai. Parece que aquele surto foi algo conclusivo: o fechamento de uma fase ruim. Torço para que tenha sido.

Decidi não ter mais contato com meu pai. Eu não havia feito um exame de paternidade: eu, simplesmente, sabia que ele era meu pai, eu sentia isso. Ele chegou a demonstrar interesse em se aproximar de mim, entretanto, como viu que não dei muita abertura, não insistiu mais. Elias não aprovou minha atitude, porém a respeitou. Ele quis que eu procurasse um psicólogo para resolver esta questão paterna, mas preferi não ir. No fim das contas, meu pai - e é tão estranho pensar nele assim: "meu pai" - foi para um hotel, afirmando que, quando estivesse bem curado

e sem dores, voltaria para seu estado. Eu me ofereci para acompanhá-lo em alguns retornos ao médico. Por educação, ele disse que, caso precisasse, iria me ligar. Eu e ele, agora, tínhamos os números um do outro. Que avanço na vida... Depois de anos, se eu quisesse, poderia ligar para meu pai.

Elias disse ser melhor que a mãe passasse a se tratar com outro psiquiatra. Isso porque afirmou não estar de acordo com a medicação intensa que ela estava usando. Pensava ele que, depois daquele surto, a medicação deveria ser outra. Eu argumentei que, devido a este fato, a medicação precisaria ser aumentada, mas ele discordou, afirmando que ela poderia estar em desequilíbrio justamente por conta dos remédios.

- Você conhece esse novo psiquiatra?

- Na verdade, ainda não sei o nome. Descobrirei amanhã quando estiver atendendo na clínica em Porto Alegre. Mas o pessoal da secretaria disse que tem um currículo muito bom. Além disso, acho que seria bom para Isabela tratar-se com uma pessoa diferente. Talvez, esse médico pense como eu e diminua a medicação.

Sentada ao meu lado no consultório, a mãe olhava atentamente para Elias, sem nada dizer.

- Você concorda, mãe? Quer experimentar?

- Nada tenho contra isso - disse ela virando o rosto para mim, emendando uma pergunta:

- Quer dizer que teremos de ir a Porto Alegre com mais frequência?

- Bem lembrado, mãe. O psiquiatra não atuará aqui em Santo Antônio.

- No início, terão de ir à capital. Mas, talvez, isso mude. A clínica daqui só conta com psicólogo, e a proprietária me pediu sugestão de um psiquiatra.

Parece que o povo patrulhense gosta muito de remédios - Elias foi irônico.

- Você já o indicou a ela? - perguntei.

- Formalmente, não. Apenas comentei que um novo profissional trabalharia na mesma clínica que eu em Porto Alegre. Mesmo assim, ela já pediu o contato dele.

- Se o tratamento for bom para a mãe, seria ótimo que atendesse pacientes aqui também; isso nos pouparia a viagem.

- Fico cansada em Porto Alegre - disse Isabela já pegando sua bolsa que estava pendurada na cadeira, como sinal de impaciência.

- Então, ficamos no aguardo. Avise-nos quando pudermos fazer a primeira consulta - falei para Elias enquanto me levantava.

A mãe saiu primeiro da sala, queria ir ao banheiro. Elias aproveitou para conversar comigo:

- Davi, hoje trabalharei até às 17h. Que tal fazermos uma *happy hour* depois?

- Não posso responder agora, pois dependo do trabalho no hospital. Se nada de urgente acontecer, podemos fazer. Eu lhe dou retorno mais tarde.

- Vou aguardar então. - Ele passou a mão em meu ombro e disse baixinho: - Faça um esforço. E eu assenti com a cabeça.

Mais uma vez, eu menti para Elias. Não fui encontrá-lo não por que o trabalho não deixou, mas sim por que eu não quis. Mandeí uma mensagem, não tive coragem de ligar. Vi que ele a leu, porém não a respondeu.

Passei a noite em casa com a mãe. Ela estava tranquila. Falou pouco depois de sua consulta e dormiu

cedo. Fiquei me distraindo com pedaços de filmes na TV e logo fui dormir também.

De manhã, no trabalho, Elias reapareceu em meu celular. Escreveu-me que havia um horário com o psiquiatra novo à tardinha. Liguei para a mãe e perguntei se ela estava disposta a ir. Respondeu-me que sim. Então, liguei para Elias, a fim de confirmar a consulta. Ele não atendeu. “Deve estar em consulta, ou chateado comigo por causa de ontem”, pensei. Minutos depois, veio a resposta: “Consulta marcada para às 17h30min.” Tentei emendar uma conversa perguntando como ele estava. Não obtive resposta. Perguntei o nome do médico. Não obtive resposta também. Na certa, ele estava me ignorando. Paciência.

Não parei ao meio-dia, adiantando meu horário. Saí do hospital às 16h e deixei Rosi avisada para que estivesse na porta de casa com a mãe, pois não queria perder tempo. Porto Alegre, à tardinha, era muito movimentada.

Isabela estava falando na viagem. O assunto principal foi comida: pratos que ela dizia comer no passado, mas que, agora, não comia mais por conta da idade. Em geral, concordei com tudo e, vez que outra, murmurava “hhuumm” acerca de algum alimento, demonstrando minha aprovação por ele.

Dirigindo ligeiro, chegamos à clínica na qual Elias trabalhava às 17h20min. Identificamo-nos na recepção, e a secretária disse que o médico Ricardo já iria nos chamar. Não tive tempo de processar a informação, o nome, pois, em questão uma porta se abriu, e “aquele” Ricardo entoou o nome de Isabela. Sim, era ele: Ricardo Abrampur Judith. Fiquei sem ação. Primeiro, pensei na mãe: ela o reconheceria depois

de tantos anos? Depois, pensei que não poderia ser coincidência. Sem me dar conta, em pé na recepção, olhei a mãe dirigindo-se à sala e cumprimentando Ricardo com um aperto de mãos. Ela não o tinha reconhecido. Mas e quanto a mim? O que fazer?

- Davi, venha, está na hora - disse Isabela.

Ainda atônito, dirigi-me à sala. Quando cheguei perto dele, pensei em perguntar que palhaçada era aquela, porém me detive, não faria escândalo ali. Ele me olhou bem nos olhos: reconheceu-me ou já sabia que era eu pelo nome da paciente. Estendeu o braço e limitou-se a um “boa tarde”. Cumprimentei-o sem nada dizer.

# 38.

**H**onestamente, não prestei atenção às perguntas que Ricardo fez para a mãe na minha frente. Parte da consulta foi comigo junto, mas é como se as duas partes tivessem sido sem mim. Na verdade, até achei bom quando saí, e os dois ficaram sozinhos. Na sala de espera, eu ainda estava desnor-teado. Será que Elias sabia de Ricardo? Será que tinham conversado já? E caso isso não tenha ocorrido, será que viriam a conversar sobre meu passado e o da mãe? Ambos seriam rivais?

Enquanto eu divagava, a porta se abriu, e Ricardo chamou-me. Vi que ele deu um abraço afetuoso em Isabela, a qual, como costumava fazer depois das consultas, disse que iria ao banheiro.

- Depois, estarei na sala de espera. Não demorem. Quero ir para casa logo - disse ela, abrindo um pequeno sorriso.

- Faremos o possível, dona Isabela - Ricardo falou, dando espaço para que eu entrasse no consultório.

Fiquei calado. Não conseguia ter iniciativa para nada. Sentei-me e aguardei que ele fizesse o mesmo do outro lado da mesa.

- Bem, Davi, pelo que pude constatar, sua mãe parece estável. Ela tem consciência da doença e nada me relatou de grave. Porém sabemos que a esquizofrenia deixa muitas coisas para trás, ela não deve lembrar se algo de ruim ocorreu ou tem ocorrido com frequência. Então, gostaria que você falasse sobre isso.

Agora, eu precisava falar, mas não conseguia,

estava bloqueado. Ricardo me olhando atento, e eu ali como um idiota. Quando ele fez menção de falar novamente, eu consegui:

- Os incidentes que acontecem (quando acontecem) são muito pequenos, nada com o que eu não consiga lidar.

Claramente, menti. Não sabia ao certo por que razão. Cruzei as pernas e procurei não bater mais com as pontas dos dedos na cadeira.

- Certo, mas com relação a esses incidentes, como eles são? O que ela faz? E como você age?

Ricardo estava sendo profissional, atendo-se só à doença de Isabela, e eu estava bancando o tolo.

- Ela fala de coisas do passado, e eu a situo no presente de novo - minimizei os últimos surtos dela.

- Só isso?

- Sim. Como lhe disse, nada de muito grave.

- Bom, se é assim, não vejo problemas maiores. Vou diminuir as doses desses medicamentos - ele começou a digitar no computador, e eu prestei atenção em seu rosto de perfil, havia algumas rugas perto dos olhos, o que o deixava charmoso.

- Devemos retornar quando? - indaguei.

- Se nada de ruim ocorrer, se ela não tiver nenhuma alteração, daqui a um mês.

Ele terminou de digitar e foi até a impressora buscar o receituário que tinha feito. Olhando de perto agora, notei que ele tinha ganhado um pouco de peso, mas continuava muito atraente. Quando ele estava prestes a se virar para mim, levantei-me.

- Aqui está, Davi. Na parte de baixo, há meu celular, cujo número ainda não sei de cor, e meu e-mail. Qualquer coisa, entre em contato.

- Está certo. Obrigado.

Estendi o braço para um aperto de mãos, e ele segurou a minha com as suas; havia ternura.

- Agora que a consulta terminou, posso falar: quero vê-lo em outra ocasião.

Atônito, puxei minha mão, fiz um aceno com a cabeça e dirigi-me à porta, sem esperar que ele abrisse para mim. Isabela estava entretida com uma revista, e não percebeu minha saída. Na metade do corredor, olhei para trás (não deveria ter feito isso), e Ricardo estava escorado na porta me observando.

Na volta para Santo Antônio, Isabela cochilou várias vezes. Ir a Porto Alegre sempre a cansava. Isso foi bom, pois eu não estava com vontade de conversar, e sim só pensar a respeito dos últimos momentos. Será que ressaltar o telefone e o e-mail dele na receita foi um ato puramente profissional, ou ele estava tentando me fazer contactá-lo? Se foi essa segunda opção, eu deveria fazer isso?

Um carro passou em altíssima velocidade ao meu lado e, ao me assustar, voltei à realidade. Que pensamento idiota o meu! Como poderia falar com Ricardo sem levar em conta Elias?

Aumentei um pouco o volume do rádio e comecei a cantarolar baixinho. Precisava me distrair. Isabela ressonava.

Fui para o quarto só depois que Isabela tomou seu banho, comeu algo e foi para cama. Cansada, ela trocou poucas palavras comigo e adormeceu logo. Deitado, eu segurava a receita com os contatos de Ricardo. O celular vibrou e levei um susto. Era Elias:

- Alô!

- Oi, Davi! Já estava dormindo?

- Ainda não. Estou aqui lendo o que o médico receitou para a mãe - o que era, em parte, verdade.

- E então, gostou dele? - Elias não sabia quão desastrosa a resposta sincera para esta pergunta poderia ser.

- Pareceu ser bom, atencioso. Creio que Isabela vai se dar bem com ele.

- Fico contente. Não queria indicar um profissional, e o mesmo se mostrar ruim. À tardinha, eu e ele tomamos um café juntos aqui perto da clínica.

Gelei. Sobre o que conversaram? Eu deveria perguntar isso?

- Ah, é? Já estão amigos então?

- Ainda não, mas sinto que ele é uma boa pessoa. Contou-me que veio do Paraná também.

Será que Elias percebeu algo?

- E o que mais?

- Nada demais. Assuntos profissionais e sobre a direção da clínica.

- Hum.

- Você deve estar cansado. Vou desligar. Só queria saber como foram as coisas. Durma bem.

- Estou meio cansado de fato. Durma bem você também.

Assim que desliguei, tive um estalo, e os pensamentos começaram a perturbar-me: será que meu pai e Ricardo tinham vindo juntos para o Rio Grande do Sul? O que estavam tramando?

# 39.

**S** seja lá o que Ricardo e Isabela conversaram naquela consulta médica, ela tinha melhorado bastante. Já eram duas semanas sem nenhum incidente, de vida serena e rotineira. A mãe tinha ficado até mais gentil. Eu estranhava, mas não questionava a respeito. As doses dos remédios estavam menores, Rosimeri não me relatava nada de anormal durante o dia, e Isabela dormia muito bem à noite. Uma calma.

Eu, entretanto, não estava calmo. Havia guardado os contatos de Ricardo em meu telefone celular para que, quando tivesse coragem, falasse com ele, embora soubesse, no fundo do meu coração, que isso não era certo. Talvez por culpa, passei a ver mais Elias, a dar mais atenção a ele. O ruim disso era que, entre um assunto e outro, o nome do novo psiquiatra aparecia. Pelo que pude entender, os dois ficaram amigos por conta da proximidade dos atendimentos na clínica de Porto Alegre.

Elias estava em Santo Antônio hoje, e almoçamos juntos. Aliás, nós nos empanturramos juntos. Os restaurantes patrulhenses serviam muitas coisas gostosas e em grande quantidade. Sem falar que os olhos ficavam cheios por causa dos produtos coloniais. Era impossível sair destes locais sem levar uma ou duas especiarias.

- Vou querer esse pão e também essas duas rapaduras - disse Elias à atendente.

Eu estava me acostumando às rapaduras famosas de Santo Antônio da Patrulha, não por serem ruins,

mas sim por serem boas demais e ajudarem muito com o aumento de peso.

- E você, Davi, quer levar alguma coisa?

- É melhor não; já tenho faltado a algumas aulas do treinador.

- Tem certeza? Nada para sua mãe também?

- Ok. Pegue outra rapadura, a mesma que você escolheu.

Elias, exagerado, adicionou mais duas ao pedido. Pagou por tudo e fomos rindo até o carro, lembrando que ambos precisávamos cuidar da alimentação.

- Uma novidade: amanhã, Ricardo vem a Santo Antônio.

Senti o almoço chegar a minha garganta e comecei a tossir. Era como se tivesse levado um soco no estômago.

- O que houve? - indagou Elias.

- Acho que o assunto de cuidar da alimentação me preocupou - despistei. - O que ele vem fazer aqui?

- Ele me disse que precisava aumentar seus atendimentos, para ter uma grana extra. Então, comentei que eu atendia em uma clínica em Santo Antônio e que poderia indicá-lo. Acho que já falei isso a você. Ele vem conversar com a proprietária.

- Você tem sido um grande amigo.

- Ajudar não custa. Sem falar que, para Isabela, isso será ótimo. Ela não terá de se deslocar até a capital.

- Sim, sim, se tudo der certo - concordei, já olhando a hora em meu telefone, como um sinal de que Elias deveria dar a partida no carro.

- Mas isso não pode impedir você de ir a Porto Alegre me ver, entendeu, enfermeiro? - disse Elias,

aproximando-se para um beijo, ao que virei o rosto para que o mesmo fosse dado na bochecha.

- Estou quase atrasado para o hospital. Vamos?

- Claro.

O hospital andava um caos. O grupo que o administrava estava com sérias dificuldades financeiras. A imprensa da região estava noticiando isso seguidamente. E a população não estava sendo bem atendida. Diante disso, eu ficava estressado durante todas as horas que passava lá dentro. As reclamações eram muitas. Naquela tarde, fui obrigado a me refugiar por alguns minutos na praça que fica em frente à instituição. Não queria ninguém me perguntando coisas. De cabeça cheia, sem raciocinar direito, liguei para Ricardo.

- Alô!

Quando me dei conta do que fiz, não consegui falar.

- Alô! Quem é? - ele insistiu.

E eu sem nada dizer.

- É você, Davi?

Como ele sabia? Já aguardava isso?

- Pelo visto, não preciso me anunciar.

- Sou bom com palpites - disse ele, dando uma risadinha.

- Desculpe-me por não ter falado antes, logo que você atendeu; é que fui chamado aqui - inventei.

- Não há problemas. É bom conversar com você.

Não comentei a fala dele, parti para outra invenção:

- Ricardo, gostaria de falar com você sobre minha mãe. É possível?

- Claro que é. Algo grave?

- Não, não, apenas algo que me esqueci de falar na consulta há duas semanas.

- Nem parece que faz tantos dias. Talvez, porque eu fiquei me lembrando daquele momento seguidamente.

Respirei fundo ao ouvir aquilo e nada comentei a respeito. Percebendo o silêncio ensurdecedor, Ricardo continuou:

- Eu estarei na sua cidade amanhã.

- É mesmo? O que lhe trará aqui? - fingi nada saber.

- Vou conversar com a dona de uma clínica. Se quiser aproveitar, podemos conversar aí.

O plano estava funcionando.

- Se for à tardinha, consigo. Pode ser?

- Sim, darei um jeito.

- Bem, então, aguardo você me ligar para dizer o horário em que estará livre.

- Certo.

- Até amanhã! - quis terminar logo a ligação, estava ficando nervoso demais.

- Davi?

- Fale.

- Foi realmente bom receber sua ligação. Vejo você amanhã.

- Até! - disse e desliguei em seguida.

“E agora?”, pensei em voz alta.

Virando de um lado para outro e olhando a hora no celular: assim passei a noite. Eu parecia um adolescente diante de um encontro muito importante.

Mais cedo, conversei com Rosi, a fim de que ela ficasse, no dia seguinte, até um pouco mais tarde. Depois do expediente, eu nem viria para casa.

Com muito custo, o amanhecer chegou. Não consegui comer adequadamente no café da manhã. Tampouco esperei por Isabela para fazer tal refeição em conjunto. Assim que Rosimeri chegou, eu saí. “Quanto antes chegar ao trabalho, mais distraído ficarei”, pensei.

A manhã no hospital foi bem conturbada, porém a tarde foi um pouco mais calma. A todo tempo, fiquei conferindo o telefone. Quando Ricardo ligaria? Lembrei-me de checar se Elias também estaria em Santo Antônio. Não, hoje, ele trabalharia em Porto Alegre apenas.

Às 16h30min, Ricardo ligou:

- Davi, pode falar agora?

- Sim, posso. Já terminou seu compromisso?

- Acabei de sair. Estou em frente à clínica.

Eu sabia onde ela ficava, já que era a mesma em que Elias trabalhava, mas não podia revelar isso:

- Onde fica essa clínica?

- Não lembro o nome da rua, só vendo em minhas anotações. Um minutinho.

- Não precisa. Ela fica perto do que?

- Acho que do hospital, aliás, acho que é a mesma rua. A dona da clínica comentou que...

Sem muita paciência, eu o interrompi:

- Sei onde é. Aguarde uns minutos aí na frente.

- Tudo bem.

Procurei o técnico em enfermagem mais próximo e avisei-o de que tinha que sair um pouco mais cedo, informando-o de que havia chegado uma hora

e meia antes de meu turno hoje.

Ao entrar no carro, dei uma última olhada no espelho. “Estou apresentável”, concluí. Depois de poucos metros, encontrei Ricardo. Tinha ido à esquina mais próxima em busca de uma sombra. Com óculos-escuros enormes, ele olhava atentamente para os carros. Quando viu que eu estava me aproximando, sorriu.

- Realmente, é perto do hospital. Olá, Davi! Que bom ver você! - disse ele ao entrar no carro, nem me dando tempo para responder, pois conseguiu me abraçar e tirou minhas palavras. Quando se afastou, fui capaz de falar:

- Sim, esta é a Marechal Floriano Peixoto. O hospital fica mais adiante. É bom ver você também.

- Para onde iremos?

- Há uma cafeteria aqui perto. Que tal?

- Por mim, tudo bem. A menos que você queira uma consulta oficial. Aí, teremos de ir a Porto Alegre, pois ainda não comecei a atender aqui - Ricardo disse, esboçando um leve sorriso, o que acentuava suas rugas. Como eu havia notado semanas antes, isso era muito charmoso.

- Cafeteria hoje. Porto Alegre só com a mãe. Ou aqui em breve.

- Creio que começarei aqui em algumas semanas.

Havia apenas uma mesa ocupada na cafeteria. Decidimos sentar bem ao fundo, perto de uma grande janela que permitia uma vista boa.

- Tudo aqui é muito verde - ressaltou Ricardo.

- Trata-se de interior. Além disso, é uma cidade calma e receptiva.

Ele me contou como foi a conversa com a proprietária da clínica, que estava otimista com a cidade

simpática e que esperava um recomeço de vida neste estado. Aproveitei o tema, e questionei:

- Por que o Rio Grande do Sul, Ricardo?

Ele suspirou, tomou mais um gole de seu café e olhou bem para meus olhos:

- Vou lhe dar a resposta sincera: vim por causa de você.

Não me espantei com a fala e emendei outra pergunta que estava me perseguindo há dias:

- E por que veio junto com meu pai?

Ricardo escorou-se bem na cadeira, enrugou a testa e devolveu outro questionamento:

- Como assim, Davi? Seu pai também está aqui?

- Meu pai apareceu no Rio Grande do Sul há pouco mais de um mês. Sofreu um acidente e, só quando foi removido daqui para Porto Alegre, é que fui descobrir quem ele era. Depois, sumiu, não tive mais contato com ele.

- Sinto muito por isso, Davi. Espero que ele esteja bem. Mas, voltando a sua pergunta, com base em quê acha que vim junto com ele?

- Bom, Ricardo, eu saí de um estado, a fim de recomeçar tudo, de deixar um passado triste (como você bem sabe) para trás e, do nada, meu pai (que nunca quis saber de mim) e o ex-psiquiatra da minha mãe surgem na minha frente. Como não desconfiar disso?

Mostrando-se impaciente, Ricardo escorou-se com os cotovelos na mesa e segurou minhas mãos (era a segunda vez que ele fazia desde que reapareceu):

- Davi, nada sei sobre seu pai, acredite. Fiz uma busca rápida na internet e encontrei seu nome como enfermeiro do hospital de Santo Antônio da Patru-

lha. Num dia, liguei para lá pedindo para falar com você. Assim que a telefonista transferiu a chamada, eu desliguei. Tive certeza de que você trabalhava lá. Eu estava muito chateado com minha vida no Paraná, estava uma mesmice. Contatei uma amiga em Porto Alegre, e ela me indicou a clínica onde trabalho agora. As cidades são próximas. Eu também quis um recomeço.

Desta vez, não puxei minhas mãos. Deixei-as serem seguradas por Ricardo, mesmo com a desaprovação de uma das pessoas da outra mesa ocupada na cafeteria.

- Está certo, Ricardo. Acredito em você. É que, realmente, fiquei muito confuso com tudo. Foi impossível não ligar uma coisa a outra.

- Eu entendo - ele soltou minhas mãos. - Quer falar sobre seu pai?

- Não. Como disse, ele sumiu de novo. Melhor assim.

- E sobre sua mãe? Você falou que tinha algo...

Eu o interrompi:

- Também não, hoje não...

E foi a vez de ele me interromper:

- Presumo que você queria apenas estar comigo então quando me ligou.

Nada respondi. Olhei para meu suco, depois para as mãos de Ricardo (ambas sem sinal de aliança) e, quando fui falar, ele se antecipou:

- Quer sair daqui?

- Sim, por favor.

Entrei rapidamente com o carro no motel. Outro veículo estava saindo, mas nem me importei se veria

quem éramos. Quando o atendente perguntou qual suíte eu queira, Ricardo decidiu pela mais cara. Não questionei. Estava com pressa. Queria logo estar a sós com ele.

Assim que descemos, como a porta da suíte ficava do meu lado do carro, Ricardo veio até o local, mas não entrou: agarrou-me vorazmente, beijando-me e deixando-me sem fôlego ali mesmo na garagem. Enquanto eu abria a porta, ele puxou minha camisa para fora da calça e, como não tinha paciência para abrir os botões, rasgou-a. Suspirei-fortemente. Era desesperador e excitante. Eu não recordava de ter passado por isso antes, nem com Elias. Ele não me deixou entrar na suíte, empurrou-me contra o capô do carro e começou a morder meu peito e meu abdome. Fui deitando no carro, deixando-me levar por aquele momento inesperado. Ricardo arrancou meus sapatos e minha calça e começou a me masturbar com uma das mãos. Com a outra, puxou sua camisa gola polo. Em instantes, retirou-me do capô, trazendo em sua direção, beijando-me novamente. Suas mãos estavam ansiosas em meu corpo, queriam apertar todos os lugares, e as minhas faziam o mesmo com ele. Empurrei-o contra a parede, a fim de que, finalmente, conseguisse entrar na suíte. Ele me seguiu de forma rápida sem nada dizer, a única coisa que eu ouvia eram seus passos pesados e sua respiração intensa. Sua boca veio em direção a meu peito e, depois de, provavelmente, ter me deixado marcado, Ricardo me jogou na cama. Lembro-me de ter tentado resistir um pouco, porém logo desisti. Nós nos entregamos um ao outro sem pudores.

- Como irei embora agora? - perguntei a Ricardo, fazendo sinal de dúvida com uma das mãos? - Você me deixou sem camisa!

Ele sorriu e tornou a abraçar-me.

- Não sei em qual estado deixei sua camisa. Preciso buscá-la na garagem - disse isso e levantou-se.

- Aproveite e traga o resto da roupa. Quero ver se sobrou algo intacto - ironizei.

Ele trouxe tudo e colocou em cima da cama. Pegou a camisa e mostrou o estrago:

- Se furtarmos a tira do roupão do motel, podemos amarrar em volta de você - disse ele, e começamos a rir.

- Que situação deplorável! - comentei.

- Quer algo para comer? - Ricardo falou indo em direção ao telefone.

- Peça algum suco para mim.

Enquanto ele fazia o pedido, retirei o celular (ainda inteiro) da minha calça. Havia duas ligações: uma do telefone de casa e outra de Elias. Era meu mundo chamando.

Escolheu Judith porque tinha descendentes judeus na filha. Nada de história no nome, apenas o início que a lembrava o povo sofrido. E o final (th) era para dar um toque sofisticado. Não sabia se isso tinha funcionado.

Logicamente, quando decidiu não mais ser Ricardo, ninguém a apoiou. Teve de fazer tudo sozinha. Ainda bem que os pais morreram naquele acidente. Nunca haviam viajado de navio e, quando isso ocorreria, a desgraça foi inevitável. Ao saltarem da embarcação, a qual estava virando e já não contava mais com o capitão, chocaram-se contra ferros presos no bote salva-vidas. Tragédia. Ela agradecia por isso todos os dias, pois o ocorrido lhe rendeu a herança. Mais do que isso: rendeu-lhe a não desaprovação deles.

Assim que tudo deu certo, que seus traços afeminados ficaram quase que totalmente femininos, foi quando conheceu o rapaz medroso. E era aquele medo horrível que chamava sua atenção. Enchia-a de curiosidade e de vontade de trilhar com ele um longo caminho. Só que ele não tinha boa vida, dependia da família para tudo. Se soubesse de lá, seria um escoro em Judith. Ela estaria pronta para isso? No fim, sabia que sim, mas sonhava com alguém mais decidido, independente, forte e algumas outras características que julgava essenciais.

Sabia que ele tinha casos com mulheres. Eram mais do que casos, eis que duravam. Contudo, tinha plena consciência de que ele não aprovaria esses relacionamentos por tanto tempo. Não era de sua natureza.

Mas se essa natureza fossem homens completos? Ela já tinha sido um. Será que, agora que havia mudado de vez, que havia encontrado um amor, este não iria querê-la assim? As dúvidas corriam feito preás no mato, do tipo que seus primos metidos a machões pegavam com a ajuda dos cães.

No final das contas, ela conseguiu fisgá-lo. Só que a dúvida sempre sussurrava em seus ouvidos palavras terríveis, sugestões de atos não bons, coisas de que ela sentia temor. Estava sozinha; não queria ser assim. Entretanto, refletia consigo: "Sempre fui deste jeito. Faz diferença?"

# 40.

- Rosimeri!

Vendo um canal de TV qualquer para passar o tempo, Isabela chamava a empregada.

- Rosimeri, onde está você?

- Aqui em cima guardando umas coisas, já desço.

- Onde está o Davi?

- Trabalhando, dona Isabela.

- Mas já é tarde. E você não costuma ficar aqui tantas horas.

- Dona Isabela, quando o Davi precisa ficar mais tempo no hospital, eu fico, sim, com a senhora.

- Está dizendo que eu minto? - Isabela levanta-se e vai em direção à cozinha sob o olhar supervisor de Rosi.

- Está com fome? Quer que eu prepare algo para a senhora?

- Vai me fiscalizar agora? Meta-se com suas coisas! Por que não vai embora? Davi não deve demorar.

Rosi guarda as palavras que realmente gostaria de dizer à patroa, aquelas em que mostraria seu desejo de nem estar mais ali, porém se contém:

- Vou aguardar mais um pouco. Assim que seu filho chegar, eu vou.

- Imagino bem o que ele esteja fazendo - pragueja Isabela, abrindo um armário.

- Disse algo, dona Isabela?

A patroa limita-se a olhar para a empregada; um

olhar tão fulminante que o silêncio impera.

Em alguns segundos, Rosi agradece mentalmente. Isso porque ouve o som do carro do outro patrão. Finalmente, ela poderia livrar-se do mau humor de Isabela.

- Davi chegou!

- Acha que sou surda? - rebate Isabela, virando para a porta, aguardando a entrada do filho.

- Boa noite às duas! Aliás, por que estão acordadas ainda? - Davi não esperava ver a mãe de pé; queria entrar rapidamente, a fim de se livrar da camisa rasgada.

Rosi nota a roupa do rapaz e, quando faz menção de perguntar algo, ele balança a cabeça negativamente. Entretanto, isso não impede a mãe de questionar:

- Isso é jeito de voltar para casa? - diz ela, olhando para o rapaz.

Davi não tinha ensaiado nada:

- É que... no hospital...

Isabela interrompe:

- Vai dizer que houve um assalto lá? Se foi isso, sua cara de felicidade não condiz com o ocorrido.

- Não seja fatalista, mãe. Você não me deixou concluir. Resolvemos trocar uns móveis de lugar no hospital. Ao levantar um deles, minha camisa ficou presa. O resultado foi este.

- E não havia nenhum jaleco que pudesse vestir?

- Isabela continua sua inquirição.

- Não é certo trajar jaleco fora do ambiente de trabalho.

- Você nunca foi bom com desculpas, Davi, nunca! - finaliza Isabela, enquanto força a abertura das gavetas chaveadas. - Para mim chega. Vou dormir.

Davi e Isabela acompanham visualmente a senhora subir as escadas.

- Seu Davi, diga-me agora o que aconteceu?

- Nada de grave. Não se preocupe. Vi uma ligação daqui de casa no meu celular. O que houve?

- Eu não liguei, deve ter sido sua mãe.

- Como ela se comportou?

- Estava impaciente vendo televisão. E, mais perto de o senhor chegar, começou a perguntar onde estaria.

- Bom, aqui estou são e salvo. Rosi, chame um táxi está tarde - diz Davi, retirando algum dinheiro da carteira. - Obrigado por tudo. Vou subir também. Tranque a porta quando sair.

Indo para o segundo piso, Davi não sabia se ficava alegre pelo que tinha vivido há pouco tempo, ou triste por voltar à realidade com a mãe. Além disso, havia Elias...

# 41.

**E**lias não conseguiu dormir bem aquela noite. Mais cedo, ligou a Davi para passar um pouco o tempo, porém não teve retorno. Como o sono não veio, entre viradas na cama e um lanche e outro na madrugada, aproveitou para pensar na vida.

Não era mais tão novo assim para que pudesse esperar pelo quê o destino quisesse oferecer. Estava longe da família, morando numa cidade grande, trabalhando nela e em outra menor. Tinha um relacionamento complicado que, em muitas ocasiões, nem podia ser chamado de relacionamento.

Abriu a janela da sala. Estava de cueca e segurava um copo de suco. Olhou para os carros passando. Já tinha se acostumado com todo aquele barulho. No prédio da frente, uma mulher também estava insone. Escorada na sacada, ela olhou fixamente para Elias. Ele não se importou. Era mais uma desconhecida naquela grande aglomeração de pessoas. Ao pensar nisso, ele concluiu que estava se tornando um desconhecido em sua própria vida. Precisava mudar isso.

Estacionou o carro e, antes de pegar sua pasta para ir na clínica, resolveu escrever para Davi:

Quero conversar seriamente com você. À tardinha, irei a Santo Antônio para isso. Até mais.

Caminhou confiante até o trabalho. Hoje, resolve-

ria as coisas com Davi: ou teriam um relacionamento decente, sério, compromissado, ou terminariam tudo. Todavia a confiança foi abalada com a mensagem de resposta:

Hoje é impossível. Rosi irá embora mais cedo. Terei de ficar com a mãe. Sendo algo urgente, ligue.

Pronto: seu dia estava estragado. Não aceitou aquele retorno e prestou-se a responder na hora. Entrou na clínica digitando no celular, sem sequer cumprimentar a recepcionista e os pacientes que lá esperavam:

Você nunca tem tempo para mim. Tudo é mais importante do que eu. Você percebeu o tom da minha mensagem? Quero falar sobre nós dois. Fui paciente demais!

Aguardou cinco minutos antes de chamar a primeira paciente do dia, na esperança de que Davi escrevesse algo. Em vão. E assim foi ao longo da manhã: entre uma consulta e outra, uma olhada atenta ao telefone, mas nada. Ligou para a recepção e pediu que suas consultas da tarde fossem canceladas.

Enquanto dirigia na *Freeway*, muitos pensamentos borbulhavam em sua cabeça. Eram coisas passadas, coisas que poderiam ser feitas, frases que ele diria quando encontrasse Davi, frases que ele poderia ouvir. Quando se deu por conta, já estava no quilômetro 27, prestes a entrar na cidade. Deu uma guinada no carro, assustando-se. Aquilo serviu para centrá-lo.

Deduziu que, àquele horário (meio da tarde), Davi ainda não teria ido para casa cuidar da mãe. Por isso, foi direto ao hospital. Conhecia algumas das pessoas que lá trabalhavam. Anunciou-se rapidamente na recepção, dizendo que iria falar com Davi, sem parar o passo, mesmo ouvindo da moça que estava lá que o enfermeiro estava ocupado. “Só irei dar um recado, é coisa rápida”, mentiu e continuou até a sala desejada. Não quis bater na porta, estava afoito, louco para ter a conversa, nem que tivesse que tirar Davi do hospital até o fim do expediente dele. Girou a maçaneta e, ainda com a mão nela, intrigou-se:

- Ricardo? Você aqui?

# 42.

Quando eu resolvi ter uma vida nova no Rio Grande do Sul, a primeira coisa que me animou foi o fato de poder reencontrar Davi. Eu havia tido muitos pacientes ao longo dos anos, mas a força de vontade daquele rapaz (que conheci no passado, ainda adolescente, tendo que lidar com a doença da mãe, a rejeição do pai e, como se isso não bastasse, enfrentando problemas de aceitação) me marcou profundamente.

Quando vi Elias na porta estampando um olhar de espanto e, ao mesmo tempo, de cobrança, eu soube que teria de enfrentá-lo futuramente para ter Davi. No entanto, não seria agora.

- Elias, que bom ver você! - exclamei, levantando-me para cumprimentá-lo. Ele retribuiu o aperto de mão, mas nada disse. Davi também se levantou, porém, antes que dissesse algo, eu continuei:

- Eu estava com dois horários livres e resolvi conhecer o hospital da cidade. Para minha surpresa, quem me guiou nessa visita foi Davi.

Elias, então, abriu um meio-sorriso e foi abraçar Davi. Notei que este estava muito desconcertado, sequer fechou direito os braços nas costas do geriatra.

- Ricardo, eu vim conversar com o Davi. É algo importante. Se você puder nos dar licença...

Davi ia intervir, na certa, pedindo que Elias se retirasse para que continuássemos nossa conversa, mas eu não deixei:

- Claro, fiquem à vontade. Preciso retornar à clínica. Foi bom ver vocês dois - disse e rumei para fora da sala.

Ou era algo sobre Isabela, ou sobre o relacionamento dos dois. Eu apostava na segunda opção, mas precisava esperar para conversar com Davi em outra ocasião.

- Como você se atreve a vir aqui sem me avisar? - Davi falou em tom furioso.

- Eu lhe avisei logo cedo que precisávamos conversar.

- E eu lhe disse o que? - Davi perguntou e ele mesmo respondeu: - Que você ligasse se fosse alguma coisa muito importante. Daqui a pouco, já terei de ir para casa; Rosi sai mais cedo hoje.

- Pelo visto, essa pressa toda não se aplica a Ricardo. Vi que conversavam pacientemente quando cheguei.

- O que uma coisa tem a ver com a outra? - ele continuava furioso, o que não era bom. - Ricardo e eu só estávamos... só estávamos falando sobre o hospital, sobre a cidade, enfim, coisas normais. Aliás, eu não lhe devo explicações!

Essa fala me machucou. Se estávamos juntos, como ele não me devia explicações? Que tipo de relacionamento era o nosso?

- Você me magoa muito ao dizer isso, Davi. Não vim aqui pedir explicações a você, mas sim para resolvermos de uma vez por todas nossa história. Sinto como se ela não tivesse rumo - aguardei um instante, a fim de que ele comentasse algo, mas nada disse. - Viu só? Só eu falo, só eu peço, só eu quero ir adiante!

Ao ouvir meu tom de voz se elevando, Davi suspirou e cruzou os braços. A fala que estava por vir da parte dele não seria boa:

- Se está tão insatisfeito, Elias, é melhor darmos um tempo.

Aquilo me atingiu como um tiro. Meu coração

acelerou e senti o suor escorrer em minhas costas. Não consegui falar mais. Davi continuou:

- Não me olhe com essa cara de apavorado. Não foi este seu objetivo? Vir de Porto Alegre para decidir nosso relacionamento? Pois bem, o que lhe digo é isso: preciso de tempo. Agora, realmente, tenho que ir ficar com a mãe - ele disse, indo em direção à porta. Abriu-a e esperou que eu me retirasse. Eu tinha pensado em tantas coisas para dizer, porém as palavras fugiram de mim.

- Elias, por favor! - Davi aumentou a voz ao ver que eu ainda estava sentado.

Pacientemente, deixei o local. Estava arrasado. E fiz algo que nunca imaginei fazer na vida: esperei Davi sair do hospital e segui-o até sua casa. Eu tinha que conferir se ele iria para lá de fato.

Parei numa rua mais adiante, pois o bairro era relativamente novo, não havia muitos carros circulando. Se eu me aproximasse, ele perceberia. Pelo retrovisor, vi uma família chegando à casa dela. A mãe descia junto com uma garotinha de uns cinco anos, enquanto o pai tomava o maior cuidado para retirar um bebê da cadeirinha no banco de trás. Um dia, eu teria uma cena dessas em minha vida?

Avancei um pouco com o carro e vi o de Davi estacionado. Sim, ele tinha ido para casa. Dei meia-volta e fui embora. Nem acelerar eu conseguia, estava andando lentamente, processando todas as informações do dia, e não pude deixar de reparar no carro que vinha na direção contrária; movia-se em lentidão também, como se estivesse procurando algum endereço. Por um instante, achei que tivesse visto Ricardo ao volante, mas, quando olhei de novo, o vidro escuro impediu que eu confirmasse isso. Deveria ser coisa da minha cabeça. Eu estava imaginando demais. Era hora de voltar para Porto Alegre.

# 43.

Espero não ter causado problemas a você indo ao hospital, mas é que eu realmente precisava vê-lo. Estava com saudades.

Não se preocupe. Gostei do fato de você ter ido. Mas quero que me avise da próxima vez, ok?

Se eu avisar, o encontro perde a graça...  
E como foi com o Elias? Senti um clima ruim entre vocês.

Conversamos, e eu decidi dar um tempo em nossa relação. Preciso atender ao telefone agora. Escrevo mais depois.

Era um número não identificado, mas, quando se trabalha na área da saúde, tudo pode ser uma emergência:

- Alô! - esperei pela resposta. - Alô!

Será que era Elias? Eu não tinha deixado as coisas bem claras para ele antes?

- Elias, eu disse a você que...

- Davi, quem fala é seu pai.

Fiquei atônito. A primeira coisa que fiz foi fechar a porta do quarto, a fim de que Isabela nada ouvisse.

Depois, dirigi-me ao canto do quarto e tentei não demonstrar afeição:

- Como vai o senhor?

- Eu estou bem, se a pergunta é por causa das sequelas do acidente.

- Isso é bom. O senhor sumiu novamente, por isso, não fiz muita questão de procurá-lo. Provavelmente, não queria ser achado - disparei já mostrando que não correria atrás dele: um pai ausente.

- Eu não queria trazer problemas maiores a você e a sua mãe. Então, preferi me afastar.

- É uma forma fácil de lidar com as coisas da vida: fugir delas - mais uma vez, fui direto.

- Seja como for, eu quis ligar...

- Como consegui meu número? - interrompi a fala dele. Será que foi algum funcionário da Santa Casa de Porto Alegre?

- Davi, seja como for, eu quis ligar para desejar sorte a você em todos os setores da vida. O fato de você ter crescido sem um pai, talvez, o tenha fortalecido. Garanto a você que não serei mais uma decepção. Estou partindo para não importuná-lo mais.

Por um momento, eu senti vontade de dizer “não vá”, mas não podia baixar a guarda:

- Desejo coisas boas ao senhor também. Adeus! - encerrei a ligação e deitei-me na cama.

Ricardo, vou dormir agora. Conversamos amanhã?

Está bem. Era algo importante no telefone?

Não. Apenas coisas de trabalho.

Ok. Espero você entrar em contato.

Certo.

Com certeza, havia sido um dia muito, muito estressante. Lidar com Ricardo, Elias e, por fim, com meu pai me esgotou mentalmente. Ainda bem que Isabela já estava dormindo e não tinha causado nenhum problema. Abri a gaveta do criado mudo, onde, dentro de uma meia, guardava soníferos. Todo cuidado com remédios era pouco por causa da mãe. Tomei um e aguardei pelo efeito. Como fazia muito tempo que eu não usava tal medicação, em poucos minutos, eu já estava dormindo.

# 44.

- Está vendo o que eu faço, Davizinho?

Isabela ria, enquanto cortava fotos com uma enorme tesoura.

- Mãe, a senhora vai se machucar. Essa tesoura é muito afiada.

- Com medinho, Davizinho? Não precisa ter. Eu sei manuseá-la muito bem. Veja como corta.

Ela arrancava pedaços das fotos com um só movimento. Resolvi ir até ela, mas, para minha surpresa, não consegui me mexer: meus braços e pernas estavam amarrados na cadeira.

- Mãe, como você me prendeu? Solte-me!

- Vai chorar agora? Óin... Não se preocupe, você não precisa vir até mim, eu mesma vou até aí e mostro-lhe o que estou cortando. Quer ver?

- Mãe, por favor, solte-me! Você não pode me deixar assim!

- Calma, calma, já estou indo.

À medida que Isabela chegava mais perto, eu fui capaz de reconhecer quem estava naquelas fotos: Ricardo, Elias e meu pai.

- Mãe, por que está fazendo isso?

- Porque eu quero! E não faça mais perguntas!

Isabela terminou de separar as cabeças dos corpos nas fotos. Havia mais de uma foto para cada um dos homens.

- Ah, acho que me esqueci de algo. Não vá a lugar nenhum, eu já volto.

Ela largou as fotos cortadas e a tesoura no chão e subiu as escadas. Nesse momento, tentei me soltar novamente, mas as

*amarras eram muito fortes. O esforço foi em vão. Não demorou muito, e Isabela retornou à sala: carregava a mala preta.*

*- O que vai fazer com isso, mãe?*

*- Tenho uma surpresa para você - disse ela, puxando o zíper de forma bem rápida. - Veja bem quem está nessas fotos?*

*Ela juntou diversas imagens e jogou-as ao ar. Quando começaram a voltar ao chão, eu percebi: eram fotos minhas.*

*- Pare com isso, mãe? Você não pode...*

*- Qual delas é sua preferida? É esta aqui? - perguntou ela, mostrando uma foto minha ao lado de Ricardo num restaurante. - Acho que não. Deve ser esta então? - ela empunhou uma em que eu e Elias estávamos abraçados.*

*- Claro que não. Agora sim: deve ser esta - desta vez, ela mostrou uma foto em que eu ainda era criança, e meu pai olhava para mim. - Nenhuma delas? Que mocinho indeciso. Pelo visto, estas fotos são rivais, acertei? Ah, sim, achei: veja que linda essa imagem! - era uma foto minha na qual eu estava chorando.*

*- Mãe, o que você está fazendo é cruel.*

*- Você ainda não viu minha crueldade. Está preparado?*

*- Mãe, não!*

*E Isabela abriu bem a tesoura, fechando-a em seguida, retirando minha cabeça da fotografia...*

Acordei atordoado. Ouvia gritos femininos. Não conseguia identificar de quem eram. Sentei-me na cama, ainda estava zozzo por conta do remédio. A voz continuava berrando, até que me dei conta de que o som vinha do quarto da mãe. Levantei-me e fui até lá.

*- Socorro! Socorro! Ai, meu Deus! - Rosimeri urrava, olhando para a cama, para onde meus olhos se direcionaram. Era horrível: a mãe estava morta; o colchão estava encharcado de sangue e, no chão, estava a tesoura caída. A imagem foi demais para mim. Desmaiei.*

# 45.

Quando acordei de novo, havia mais gente no local. Rosimeri viu que me mexi e veio até mim:

- Seu Davi, está sentindo alguma coisa?

Eu sabia o que tinha ocorrido, porém não tinha forças para reagir.

- Eu sei que é difícil, mas o senhor precisa falar com os policiais. Eles estão aqui.

- E o corpo da mãe? - perguntei.

- A ambulância está vindo.

- É verdade isso tudo, Rosi? Diga-me!

Rosimeri começou a chorar e afastou-se de mim. Foi até a porta e fez sinal para alguém. Quando me levantei, dois policiais entraram no quarto. Um deles falou:

- Davi, precisamos que o senhor vá conosco até a delegacia. Temos que registrar a ocorrência.

- Eu não posso deixar a mãe sozinha, veja o estado dela.

- Acalme-se. O crime já ocorreu. É jogo rápido.

- Quem poderia ter feito uma coisa dessas? - questionei, sabendo que era uma pergunta inútil.

- Temos que investigar. Mas, ao que tudo indica, sua mãe cometeu suicídio.

- Ela não teria forças para isso, já é idosa.

- O corte foi no pescoço, não é preciso muita força para fazer um bom estrago ali.

O policial falou isso calmamente, enquanto meu

estômago se embrulhava só de imaginar a cena. O outro continuou:

- A empregada disse que chegou para trabalhar e não encontrou nada de anormal: você dormia em seu quarto, e sua mãe estava morta no outro.

Vomitei. A situação era muito embaraçosa e repugnante.

- O único detalhe diferente - o segundo policial tornou a falar, enquanto o outro abria uma gaveta para me oferecer alguma peça de roupa, a fim de que me limpasse - é que a porta da frente não estava trancada, mas, como o portão estava, isso não quer dizer muito.

Fiquei furioso:

- Como não quer dizer? Se a porta estava só encostada, é muito possível que alguém tenha entrado e feito isso. Vocês não percebem?

- E qual seria o propósito, seu Davi? Nada foi levado - esclareceu um deles. - Mas não adianta ficarmos aqui. Vamos à delegacia e lá registramos tudo. Sinto muito por sua perda - disse o policial, encostando a mão em meu ombro, dando sinal de que eu deveria ir com eles.

Quando estávamos saindo, a ambulância estava estacionada na frente, e moradores das redondezas estavam atentos a tudo que ocorria. A mãe, que há muito tempo estava reclusa, tendo contato com poucas pessoas, tinha plateia agora.

# 46.

**S**inceramente, não lembro o que relatei à polícia naquele dia. Havia um turbilhão de emoções em mim, que estava andando como se fosse num piloto automático. Não recordo, também, os cumprimentos e pêsames das poucas pessoas que foram ao velório e ao enterro da mãe. Eu não prestava mais atenção em nada. Estava devastado. Impossível acreditar que Isabela havia falecido...

Por causa dos contatos que tinha no hospital, Elias ficou sabendo da morte da mãe. Em conversa com Ricardo, suponho, ele deve relatado o ocorrido. Ambos me ligaram insistentemente, porém não os atendi. Sei que Rosi atendeu pessoas em casa, mas eu a ordenei que dissesse que eu estava dormindo ou indisposto. Talvez, algumas destas pessoas tenham sido eles.

Dois dias depois de todo o ocorrido, decidi voltar ao trabalho. Rosimeri, tomada por um espírito materno, creio eu, foi firme no impedimento disso:

- Onde já se viu uma coisa dessas?

- Rosi, ficar aqui só vai me fazer mal. O trabalho seria até uma distração.

- Lidar com a vida das pessoas, pensando na perda de um ente querido, é uma distração?

Ela estava certa. Eu não tinha condições de realizar enfermagem nesse momento. Era preciso mais tempo.

- Bom, então vou ao *personal trainer*. Faz semanas que não apareço lá.

- Agora, sim, concordo com o senhor. E ele fica aqui perto também.

- Rosi, espero que, um dia, você esqueça o “senhor”.

- Sim, senhor - disse ela, dando um tapinha nas costas.

Depois que Rosi foi embora, eu me delicieei com o pão caseiro que ela tinha feito. Pensei que foi inútil a hora inteira que fiquei me exercitando diante de tal comilança agora.

Sentei-me na poltrona da sala, onde Isabela costumava ver televisão. No entanto, não liguei o aparelho. Fiquei refletindo. A polícia insistiu que o caso era de suicídio, mas isso não entrou na minha cabeça. Eu precisava recapitular tudo, para tentar achar uma nova razão da morte.

Das coisas estranhas que haviam acontecido nos últimos dias, a ligação de meu pai disparava como a mais inusitada delas. Do nada, ele reapareceu com sentimento de culpa, dizendo que iria embora para nunca mais perturbar. Será que isso não era arrependimento pelo que ele estava prestes a fazer? Se conseguiu meu número de telefone, não seria difícil conseguir meu endereço. Talvez, aquela história do passado com Isabela nunca tivesse sido superada por ele, embora parecesse que ele não dava a mínima importância para isso. “Meu pai, meu próprio pai... Como pode fazer isso? Tirar a vida de uma pessoa que não via há anos?”, questionei-me baixinho, assustando-me em seguida com o telefone tocando: era Elias.

# 47.

- Alô!

- Finalmente, Davi! Eu não aguentava mais ficar sem falar com você.

- Eu preferi assim, não quis conversar com ninguém, estava reordenando as ideias.

- Sei que a pergunta soará boba, mas como está você?

- Acho que bem. Estou mais calmo agora.

- Quer que eu vá para aí?

Isabela não estava mais em casa. Agora, eu poderia receber Elias. No entanto, ainda queria ficar sozinho.

- Não, obrigado. Prefiro ficar só.

- Eu estive aí no dia seguinte ao suicídio, mas a empregada não me deixou vê-lo.

Então, ele tinha, de fato, vindo aqui.

- Soube que algumas pessoas estiveram aqui. Rosi apenas cumpriu minhas ordens. Você acredita que foi um suicídio?

- Ora, Davi, como não seria? Tudo indica que sim.

- Eu ainda não creio nisso. Isabela estava bem. Seus surtos nunca atentaram contra a vida dela. Ela não seria capaz.

- Não vou discutir sobre isso com você, Davi. Você era o filho. Eu entendo.

Houve uns instantes de silêncio, eu não tinha mais nada a dizer. Até que Elias continuou:

- Bem, não vou importuná-lo mais. Só tente ver

as coisas pelo lado positivo: todo esse fardo que você carregava, agora, não lhe pertence mais. Você pode viver, ser livre!

Fiquei de pé. Aquela palavra me irritou profundamente:

- “Fardo”? Foi essa palavra que você usou? Como pode a mãe ser um fardo para seu filho?

- Davi, não me interprete mal, eu só...

Desliguei o telefone. Era demais. Não bastou a mãe ter morrido e, agora, eu tinha de lidar com aquilo.

Fui até a cozinha e peguei o último pedaço do pão de Rosi. Pus bastante manteiga nele e voltei à poltrona. No passado, eu até concordaria com Elias: Isabela era um fardo. Entretanto, agora que ela tinha partido, eu me senti culpado por ter pensado assim.

Voltando nos acontecimentos dos últimos dias, além da inusitada ligação de meu pai, houve, também, a aparição de Elias. Ele nunca tinha agido de maneira não controlada, e era visível que estava um pouco fora de si quando se deslocou de Porto Alegre para cá, encontrando-me com Ricardo no hospital. Seria possível que, na ânsia de ter um relacionamento decente comigo, ele teria matado a mãe? “Meu Deus, essa é outra hipótese”, mais uma vez, falei baixinho para mim mesmo, quando o telefone voltou a tocar. Era Elias de novo. Recusei a chamada, mas, em segundos, tornou a tocar. Quando fui recusar pela segunda vez, vi que era Ricardo:

- Olá, Ricardo!

- Davi, quero estar com você, quero ajudá-lo a passar por isso tudo! - sua atitude contrastava com o jeito todo pensado de agir de Elias.

- Onde você está? - perguntei.

- Em Porto Alegre, mas posso ir para Santo Antô-

nio agora mesmo. - Ao ouvir isso, senti uma imensa vontade de tê-lo por perto, porém seria totalmente desleal com Elias.

- Não, não quero que venha. Preciso de mais um tempo sozinho.

- Davi, você necessita de apoio. Sou psiquiatra, sei disso. Nas horas difíceis, não podemos lidar com tudo sozinhos. Além do mais, sinto que devo proteger, guiar, fazer você melhorar!

O tom exclamativo dele comoveu-me:

- Agradeço muito por suas palavras, Ricardo. Mas hoje não. Por favor, entenda. - Houve uns instantes de silêncio até que ele respondeu:

- Tudo bem, se você quer assim. É a segunda vez que não consigo vê-lo.

- Então, você também esteve aqui? - perguntei.

- Não tinha como ser diferente, Davi, depois de um suicídio dentro de sua casa. Fiquei muito preocupado você.

Na hora, tive um estalo:

- Como descobriu onde moro?

Ricardo pensou para responder:

- Eu segui Elias e fiquei esperando que ele saísse. Vi que ele não conseguiu entrar na casa; mesmo assim, resolvi tentar.

Ricardo seguindo Elias era uma cena que não me deixava muito confortável.

- Ricardo, eu ligo para você numa outra hora. Vou descansar.

Não me dei o trabalho de esperar pela resposta dele: encerrei a ligação. Minha cabeça estava a mil. Quem teria sido capaz de matar Isabela: meu pai, Elias ou Ricardo? Eu deveria contar tudo isso à polícia?

A informante de Davi no hospital contou-lhe que uma encomenda deixada para Isabela tinha sumido. Ele questiona quem foi, só que sem sucesso. Até ensaia fazer um barraco no local, derubar algumas coisas, empurrar umas maçãs, mas logo desiste do teatro.

Pensando que essa história já havia rendido mais do que o necessário, resolve rever a mãe. Sabia que não seria um encontro fácil, até pelo tempo que passara. Contudo era preciso pôr fim em tudo. Queria seguir sua vida, queria ver-se livre. Mas, tendo toda essa sujeira consigo, isso era impossível.

Confere pela última vez se a mala está no banco de trás e parte.

# 48.

- *Rivais! São rivais querendo minha atenção!*
- *Por que diz isso, Davi?*
- *Porque é verdade, mãe. O pai quer recuperar o tempo perdido. Está muito claro isso.*
- *Você sabe que ele não veio sozinho, não é mesmo?*
- *O que quer dizer?*
- *Na certa, numa dessas coincidências da vida, ele conheceu Ricardo. Talvez, até tenha sido atendido por ele. Ambos devem ter decidido vir atrás de você.*
- *Não pensei nisso, mas é uma possibilidade. E Ricardo queria uma nova vida.*
- *Uma nova vida com você, filho.*
- *Elias resolveu tomar iniciativa no final, quando colocou tudo a perder.*
- *Seja como for, Davi, pessoas apaixonadas fazem coisas monstruosas. Não se apegue ao passado: eu estou aqui agora com você.*
- *Por que isso tudo aconteceu comigo, mãe?*
- *As coisas bonitas são as mais frágeis...*

Não acordei de sobressalto. Apenas comecei a chorar e despertei. Sim, comecei o choro ainda enquanto sonhava. Meses depois da morte da mãe, finalmente, eu senti que me conectei com ela, e as coisas ficaram muito mais claras. Eu passei a encarar a vida de outra forma.

Pouco depois do falecimento, eu dispensei Rosimeri. Ela havia sido uma ótima funcionária. Mais do

que isso: uma excelente amiga.

Elias desistiu de mim. Eu não o culpei por isso. Lidar com alguém tão problemático quanto eu não era tarefa aprazível para ninguém.

Ricardo, sentindo-se culpado num momento em que reviu sua vida e atitudes, revelou que meu pai havia se tornado seu paciente e que, em dado momento, ele se deu conta do que havia ocorrido no passado, quando eu ainda era muito jovem e levava a mãe às consultas psiquiátricas. Ambos tornaram-se amigos e decidiram consertar as coisas, vindo para o Rio Grande do Sul. Não pude mais lidar com Ricardo depois disso. Pedi que ele sáísse definitivamente da minha vida, e ele saiu.

Meu pai já tinha partido antes da morte de Isabela. Não tive contato com ele desde então e espero nunca mais ter.

Em síntese, fiquei só, concentrando minha atenção no trabalho e nas tarefas rotineiras da casa. Muitos dizem que é um jeito ruim de viver, sem motivação alguma. Para mim, o que pensam é indiferente. Na verdade, sequer tenho minha opinião sobre isso.

Não levei a desconfiança que eu tinha de meu pai, Elias e Ricardo à polícia. Não foi preciso. Tudo se esclareceu perfeitamente: Isabela não se suicidou.

As gavetas em que os objetos cortantes ficavam sempre estavam trancadas, a mãe não tinha acesso a elas. Ademais, idosa que era, ela não seria capaz de quebrá-las. Naquela data, a noite da morte, Rosi não estava mais em casa. Depois que eu cheguei do encontro com Ricardo, ela foi embora. Isso confirma que somente eu e Isabela estávamos no local. Por descuido, deixei a porta da frente destrancada, o que não interferiu em nada.

Tem sido muito difícil para mim aceitar esta do-

ença. Todas as visões e as atitudes são como rivais para minha felicidade e para meu bem-estar. Mais difícil ainda é aceitar que eu mesmo matei a mãe. Eu peguei a tesoura, eu cortei seu pescoço, eu deixei o objeto ao lado dela para que parecesse um suicídio. Provavelmente, foi tudo parte de um surto meu, surto que, agora, percebo ter sido herança da mãe. O legado dela para mim: a doença.

Cidade pequena que é, Santo Antônio da Patrulha não busca muitas razões para um crime, assim que uma hipótese se mostra a mais contundente. Não foi exigida perícia para checagem das impressões digitais na tesoura. Somente depois que contatei a polícia novamente, que a tesoura foi retirada da esquecida sala de armas e enviada para Porto Alegre, é que o resultado inevitável se confirmou: sim, eu matei a mãe. Eu, o esquizofrênico.



# Um tropeço ao passado

- Muito prazer, seu Davi! - disse e estendi a mão a ele, o qual, com muita paciência, estendeu a sua.

- Fico feliz que o senhor tenha concordado em conversar comigo. Já devem ter lhe dito que sou escritor e estou em busca de uma nova história - ele me olhou e balançou a cabeça afirmativamente.

- Podemos começar então? - indaguei, temendo que o velho nem fosse falar, o que teria causado perda de tempo total ter vindo a este asilo forense.

- Por onde quer começar? - finalmente, ele falou. Ufa!

- Estou vendo que o senhor está rasgando umas imagens dessas revistas. Por que faz isso? - notei que ele retirava só as cabeças e tentava fazer isso com a maior precisão possível; Na certa, não podia usar tesoura por medida de segurança do local.

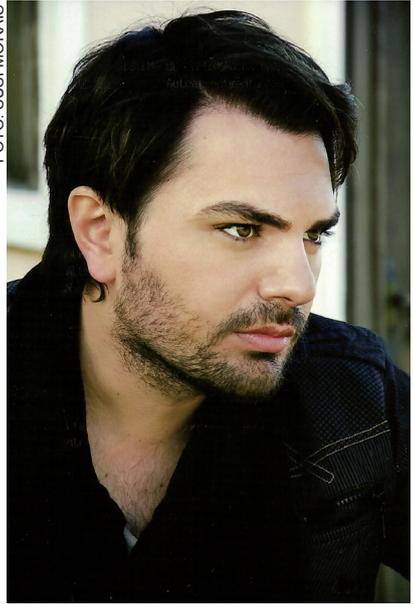
- Porque isso é a história da minha vida. Quer ouvi-la?

- Por favor.



# Sobre o autor

FOTO: SUSI MORAIS



Márnei Consul é licenciado em Letras - Português/Inglês (UNISINOS) e pós-graduado em Educação em Direitos Humanos (FURG), Educação para a Diversidade (UFRGS), Educação Ambiental (FURG) e Gestão Escolar: Orientação e Supervisão (São Luís). Escreve contos, poemas e romances. Publica obras desde 2009. Para ele, a literatura é um recorte da realidade, no qual, nem sempre, a sanidade prevalece. Mais sobre o autor em [www.escritormarneiconsul.blogspot.com](http://www.escritormarneiconsul.blogspot.com).

*Ela largou as fotos cortadas e a tesoura no chão e subiu as escadas. Nesse momento, tentei me soltar novamente, mas as amarras eram muito fortes. O esforço foi em vão. Não demorou muito, e Isabela retornou à sala: carregava a mala preta.*

Davi e sua mãe, Isabela, têm uma vida conturbada devido a uma doença incurável e a problemas inevitáveis de relacionamento. Embora sempre tentem recomeçar e ter uma vida tranquila, fantasmas do passado não permitem tais ações. Além disso, a ocorrência de uma morte desencadeia surtos terríveis.

[www.pragmatha.com.br](http://www.pragmatha.com.br)  
<http://escritormarneiconsul.blogspot.com>

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-8434-068-2



9 788584 340682